



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

WANDERLEA NAZARÉ BANDEIRA FERREIRA

**(IN) VISÍVEIS SEQUELAS: VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA
CONTRA A MULHER SOB O ENFOQUE GESTÁLTICO**

Belém – Pará

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

WANDERLEA NAZARÉ BANDEIRA FERREIRA

**(IN) VISÍVEIS SEQUELAS: A VIOLÊNCIA
PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER SOB O ENFOQUE
GESTÁLTICO**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará. Orientado pela Prof^a. Dr.^a Adelma Pimentel.

Belém – Pará

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

WANDERLEA NAZARÉ BANDEIRA FERREIRA

**(IN) VISÍVEIS SEQUELAS: A VIOLÊNCIA
PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER SOB O ENFOQUE
GESTÁLTICO**

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Adelma Pimentel (Orientadora)

Prof. Dr^a Terezinha Mello Da Silveira (UERJ)

Prof. Dr^o Samuel Amorim de Sá(UFPA)

Prof^a Dr^a Airle Miranda (UFPA) Suplente

Belém – Pará

2010

Às mulheres que estão vivendo em situação de violência psicológica, em especial, a Paula, Nazaré e Maria que confiaram e aceitaram desocultar suas vivências danosas.

AGRADECIMENTOS

A Trindade, a Maria e aos amigos espirituais, pela sustentação espiritual nessa caminhada da vida;

Aos meus pais Corina e Vicente (*in memoriam*) pelo amor infinito, aos irmãos Walda, Geo, Paulo, Geraldo (*in memoriam*), Wavá, Beto, Vicente (*in memoriam*) e Clóvis; sobrinhos (as) e cunhado (as), pela visível presença do amor manifestado em formas diversas;

A minha filha Mariane, com quem exercito diariamente a arte de amar. Você pra mim é tudo, minha terra, meu céu, meu mar;

Ao Cleber, ao amor que foi lindo enquanto durou, pelo visível conforto nos momentos difíceis e pelo compartilhar das conquistas;

À professora Dr^a Adelma Pimentel, por me orientar nos primeiros passos nesse árduo e apaixonante mundo da pesquisa de forma competente e amorosa. Sou grata eternamente pelo aprendizado, pela confiança e paciência. A construção de uma relação para além do claustro;

As minhas amigas e amigos, Beth, Lúcia, Torres, Kamilly, Márcia, Klebson, Iolanda, Jureuda, Creuza, Celene, Laurimar, Nete, Beto, que manifestaram apoio, incentivo e carinho em diferentes momentos desse percurso. O contato com vocês fez esse caminho menos árduo;

A minha psicoterapeuta, pessoa fundamental nesse momento da minha existência por possibilitar um encontro nutritivo comigo mesma;

Aos docentes do CCBS/UNAMA, Elizabeth, pelo incentivo constante para seleção no mestrado; Tatiane pelo empréstimo dos livros, Edilza pela parceria, Lucia Cavalcante pelas trocas de histórias de mulher, Márcia, Lucia Medeiros, Aniceto, Theo, Cristina e Luzia pelo incentivo e carinho;

Aos docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Federal do Pará, pelas contribuições e trocas; em especial aos professores Airle Miranda, Ernani Chaves e Flávia Lemos;

Aos funcionários da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Federal do Pará, pelo acolhimento e carinho; em especial ao Nei e a Roberta;

Aos colegas do Núcleo Fenomenológico de Pesquisa, pelas discussões que acrescentaram o meu pensar e fazer pesquisa;

À atual e ex coordenação do Centro de Referência Maria do Pará, pela permissão do local para realização da pesquisa; à atual e ex equipe de técnicos, pelas trocas valiosas e a todos os funcionários, pelo acolhimento, em especial, a ex-coordenadora Jureuda e as psicólogas Denise, Priscilla e Roberta;

À professora Dr^a Luzia Alvarez Miranda e ao professor Dr^o Georges Boris, pelas valiosas contribuições no momento da qualificação do projeto;

À FIDESA, pelo crédito e apoio financeiro.

“Hoje eu vou mudar, sair de dentro de mim. Não usar somente o coração, parar de contar os fracassos, soltar os laços e prender as amarras da razão. Voar livre com todos os meus defeitos pra que eu possa libertar os meus direitos e não cobrar dessa vida nem rumos e nem decisões.

Hoje eu preciso e vou mudar. Dividir no tempo e somar no vento todas as coisas que um dia sonhei conquistar, porque sou mulher como qualquer uma, com dúvidas e soluções, com erros e acertos, amores e desamores, suave como a gaivota e ferina como a leoa, tranqüila e pacificadora, mas ao mesmo tempo, irreverente e revolucionária, feliz e infeliz, realista e sonhadora, submissa por condição, mas independente por opinião, porque sou mulher com todas as incoerências, que fazem de nós o forte sexo fraco”

Vanusa

RESUMO

A modalidade violência psicológica é mais conhecida pela sua “invisibilidade” no âmbito público em razão de, entre outros fatores, ocorrer mais frequentemente na esfera privada, bem como por não deixar marcas físicas. Atualmente, a Lei 11.340/2006, batizada de “Lei Maria da Penha”, depois de sancionada, traduz uma forma de amparo legal e institucionalizado para as mulheres. Empregamos a concepção de gênero segundo Scott (1991), como uma das ferramentas analíticas que permitem identificar nexos entre a construção socioeconômica da violência e as políticas do Estado. Neste panorama, apresentamos como objetivo geral desta pesquisa empírica desvelar algumas (in) visíveis sequelas psíquicas e sociais e de modo específico as repercussões na subjetividade da mulher que vivencia situações de violência psicológica ocorridas em âmbito doméstico e intrafamiliar. As análises foram realizadas na perspectiva Gestáltica, uma abordagem psicológica do contato consciente, cuja intervenção permite o fortalecimento do suporte interno e auto-regulação saudável, de modo a superar situações que obscurecem as funções e fronteiras de contato. Trata-se de uma pesquisa clínico-qualitativa de base fenomenológico-existencial-gestáltica e hermenêutica. Os procedimentos utilizados foram: submissão do projeto ao Comitê de Ética do CCS/UFPA; obtenção da autorização Institucional; identificação e convite a três mulheres para participarem da pesquisa, segundo o perfil de inclusão na amostra: disponibilidade para a pesquisa, faixa etária de 25 a 45 anos, que esteve ou está vivenciando situação de violência psicológica com seu marido/companheiro. Posteriormente, foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e realizado as entrevistas semi-dirigidas através de perguntas abertas (gravadas em áudio). As mesmas foram transcritas e analisadas. O local da pesquisa foi o Centro de Referência Maria do Pará. Utilizamos para a análise dos discursos coletados a compreensão de Ricouer (1975) e os conceitos Gestálticos de contato, funções e fronteiras de contato, mecanismos de defesa, self, ajustamento criativo e awareness. O resultado aponta para o desvelamento de vividos permeados de agressões verbais em forma de humilhações, xingamentos, ofensas, ciúmes, desqualificação de sua aparência física, falta de diálogo, isolamento social e emocional, medo, sofrimento, dor, angústia, culpa, vergonha, sentimentos de ódio, raiva, tristeza e impotência diante de tal violência. Concluimos que a “invisibilidade” de tais experiências de violência psicológica gera visíveis interrupções no contato consigo mesma, em suas relações familiares e sociais, bem como, imprime profundas e danosas desestruturações na personalidade e na maneira da mulher expressar sua subjetividade.

PALAVRAS- CHAVE: Violência Psicológica; Mulher, Pesquisa Qualitativa; Gestalt-terapia.

ABSTRACT

The psychological mode is best known for its "invisibility" in public because of, among other factors, occur more frequently in the private area, and also for not leave physical marks. Currently, Law 11340/2006, named as the "Maria da Penha Law" after sanctioned, translates one form of legal protection for women and institutionalized. Employ the concept of gender according to Scott (1991), as one of the analytical tools for identifying links between social and economic construction of violence and state policies. In this overview, we present the general objective of this research reveal some empirical (in) visible, psychological and social sequelae and specifically the impact on the subjectivity of women who experience situations of psychological violence occurring in the domestic sphere and within families. Analyses were performed in the Gestalt perspective, a psychological approach to conscious contact, which allows intervention to strengthen the internal support healthy and self-regulation in order to overcome situations that blur the roles and boundaries of contact. This is a clinical-qualitative research basic existential-phenomenological and hermeneutic-gestalt. The procedures used were project submission to the Ethics Committee of the CCS / UFPA; obtaining authorization Institutional; identify and invite three women to participate in the study, according to the profile of the sample: availability for the survey, aged 25 45 years, which has been or is experiencing psychological violence situation with her husband / partner. Afterwards, they signed the Deed of Consent and conducted semi-directed interviews with open questions (recorded on audio). They were transcribed and analyzed. The research site was the Reference Center Maria do Pará used for the analysis of the collected understanding Ricouer (1975) and the gestalt concept of contact, tasks and contact boundaries, defense mechanisms, self, awareness and creative adjustment . The result points to the unveiling of permeated experienced verbal abuse in the form of humiliation, curses, insults, jealousy, disqualification of his physical appearance, lack of dialogue, social and emotional isolation, fear, suffering, pain, grief, guilt, shame, feelings of hatred, anger, sadness and helplessness in the face of such violence. We conclude that the "invisibility" of such experiences of psychological violence generates visible breaks in touch with himself, his family relations and social, as well as prints deep and damaging deconstructed the personality and the way women express their subjectivity.

KEYWORDS: Violence, Psychological, Women, Qualitative Research; Gestalt therapy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I - UM PANORAMA DA CONTRIBUIÇÃO DOS MOVIMENTOS FEMINISTAS E ESTUDOS DE GÊNERO À COMPREENSÃO DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA.....	18
1.1 - VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA.....	27
II - CORPORIFICANDO A GESTALT-TERAPIA.....	36
2.1 - CLINICA GESTÁLTICA: A MULHER EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA.....	45
III. PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	52
IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	57
4.1 - AS DIVERSAS EXPRESSÕES DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA.....	59
V- TECENDO UM FECHO: AS VISÍVEIS SEQUELAS DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA	80
5.1 - A EXPECTATIVA DA MULHER QUE SEU HOMEM MUDE AS ATITUDES DE VIOLÊNCIA.....	81
5.2 - O DIÁLOGO INTERROMPIDO ENTRE OS CASAIS	81
5.3 - A VULNERABILIDADE DA APLICABILIDADE NA LEI MARIA DA PENHA EM RELAÇÃO À VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA.....	83
5.4 - AS VISÍVEIS SEQUELAS DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA	85
5.5 - A PSICOTERAPIA COMO POSSIBILIDADE DE AJUSTES CRIATIVOS	87
REFERÊNCIAS.....	93
ANEXOS	97
APÊNDICE.....	107

INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação de mestrado em psicologia remete-nos a um fenômeno muito antigo e, ao mesmo tempo, atual: *a violência e seus desdobramentos*. Mais especificamente, quando praticada contra a mulher, a violência caracteriza uma questão de gênero, e tornou-se uma preocupação de pesquisa cujo objetivo geral é desvelar as (in)visíveis sequelas psíquicas em mulheres que vivenciam a violência psicológica, através da intervenção psicoterapêutica Gestáltica.

Para realizar tal intento, fizemos uma revisão da literatura que trata das questões de gênero e da violência, sobretudo a psicológica, e da teoria da Gestalt-terapia. Tais procedimentos somaram-se a realização de estudos de casos clínicos de mulheres atendidas no Centro de Referência Maria do Pará.

O Centro de Referência Maria do Pará é vinculado a Secretária de Justiça e Direitos Humanos do Pará (SEJUDH). A Secretaria se caracteriza como um órgão do Governo do Estado do Pará, criado “com a missão de promover o acesso à justiça, o exercício da cidadania e a defesa dos direitos humanos” (p.6). Um dos seus eixos prioritários é o Programa de Ações Integradas de Enfrentamento à Violência contra a Mulher no Estado do Pará, que propõe a criação de Centros de Referência Especializados de Atendimento a Mulheres em Situação de Violência na região metropolitana de Belém e nos municípios-polo. Foram criados Centros de Referência em Abaetetuba, Santarém, Altamira, Xinguara e Capanema, em parceria com a Secretaria Especial de Políticas para Mulheres da Presidência da República e outros órgãos governamentais e não-governamentais. Tais centros, “atuam na perspectiva de gênero e/ou no enfrentamento à violência contra a mulher” (PARÁ, GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ- Cadernos de Direitos Humanos, nº1-Maria do Pará- Proteção e Defesa da Mulher- s/d, p. 6). Em Belém, concretizando tal ação, foi criado, em 08.03.2008, o Centro de Referência Maria do Pará, com o objetivo de desenvolver atividades de:

Prevenção, promoção, defesa e reparação; atendimento e acompanhamento psicológico, social, pedagógico e jurídico; articulação e encaminhamento para a rede de proteção e assistência, para um

atendimento integral e multidisciplinar voltado à superação de traumas emocionais, resgate da auto-estima e da autonomia pessoal, considerando as necessidades de cada usuária, sejam mulheres idosas, adolescentes, negras e de outras raças, indígenas e de outras etnias, de orientação hetero, homoerótica, bissexual e/ou transgêneros, profissionais do sexo, portadoras de necessidades educativas especiais e de qualquer tipo de deficiência, grávidas, lactantes, com agravos à saúde, entre outras (PARÁ- GOVERNO DO ESTADO DO- CADERNOS DE DIREITOS HUMANOS, nº1- MARIA DO PARÁ- PROTEÇÃO E DEFESA DA MULHER, s/d, p. 7)

As mulheres que procuram o Centro de Referência Maria do Pará são encaminhadas pela Delegacia Especializada em Atendimento as Mulheres (DEAM), pela Defensoria, pela Promotoria, por demanda espontânea ou pelas casas abrigo. Ao chegarem ao Centro, são atendidas por profissionais como psicólogos, pedagogos, assistentes sociais, arte-terapeutas e enfermeiras que fazem o acolhimento e, posteriormente, são encaminhadas (caso aceitem e conforme a necessidade) aos serviços oferecidos pelos mesmos profissionais

É válido ressaltar que as ações do Centro são baseadas pelas diretrizes do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, na Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra a Mulher e na Lei Maria da Penha. São realizadas em articulação com o Comitê Estadual e Regional de Monitoramento e Avaliação das Políticas de enfrentamento à Violência contra a Mulher concebida pela Coordenadoria de Promoção dos Direitos da Mulher da SEJUDH. (PARÁ- GOVERNO DO ESTADO DO. CADERNOS DE DIREITOS HUMANOS, nº1- MARIA DO PARÁ- PROTEÇÃO E DEFESA DA MULHER, s/d).

Fomos interpeladas por tal realidade, que chamamos de *macro*, através de livros, revistas e jornais, e de maneira mais próxima denominamos *micro*, por termos vivenciado a violência psicológica e física, e pela análise dos depoimentos de mulheres que procuravam atendimento psicológico em meu consultório com a queixa de sofrerem violência psicológica em suas relações afetivas.

Como profissional da saúde, a inquietude de buscar compreender tal fenômeno foi crescendo à medida que fomos conhecendo os relatos de suas vivências, que eram traduzidas por elas por meio dos seus corpos e de suas falas entranhadas de dor, de

vergonha, de culpa e de medo, gerando sintomas que norteavam suas maneiras de estar no mundo. Somado a isso, a cumplicidade de, também, ser mulher.

Porém, em nosso papel de pesquisadora, várias indagações e sentimentos vieram à tona em nossa tentativa de compreender tal fenômeno. A escolha do referencial teórico para análise ser o fenomenológico-existencial-gestáltico, deve-se ao fato de profissionalmente alicerçar-nos epistemologicamente na prática clínica e na docência. Com o ingresso no Mestrado e, posteriormente, no Núcleo de Pesquisa Fenomenológica (NUFEN), grupo de trabalho criado em 2002, e credenciado no diretório do CNPQ, para realizar estudos e investigações relacionados a tal temática no campo da psicologia de base Gestáltica, percebemos a importância de analisar um problema que carece de um olhar cuidadoso sobre seu tratamento e que exige enfoque interdisciplinar.

A interdisciplinaridade é um procedimento científico, que se constitui, no campo do conhecimento, por meio da integração da diversidade de saberes em relação a um determinado fenômeno (MORIN, 2006). Adotamos tal olhar em relação à mulher que vive em situação de violência, a partir das pesquisas e dos estudos realizados por antropólogos, sociólogos, assistentes sociais, psicólogos, advogados, enfermeiros, etc, que possibilitam não apenas a ampliação da compreensão deste tema, mas também, a proposição de políticas públicas.

Segundo Minayo e Souza (2003), as discussões, os estudos e as pesquisas sobre as causas da violência, até os nossos dias, voltam-se para a compreensão da violência no plano biológico, no plano psicológico e, ainda, no plano social. Minayo (2006) discute a violência como uma ação que atinge todo o ser humano. Assim, não há uma causa única, mas uma interrelação de fatores que contribuem para a expressão da violência.

As pesquisas sobre a violência contra a mulher no Brasil tiveram maior impacto no cenário social e político a partir da década de 1970, e contribuíram para “quebrar os grilhões e as amarras” do encoberto, do segredo e do omitido fenômeno. Especificamente, a modalidade violência psicológica é mais conhecida pela sua

“invisibilidade” no âmbito público em razão de, entre outros fatores, ocorrer mais frequentemente na esfera privada, bem como por não deixar marcas físicas.

Tais estudos e pesquisas tiveram impulso principalmente, nas décadas de 1980/1990, com a luta dos grupos de mulheres, movimentos feministas e constantes denúncias de mulheres que estavam vivenciando situações de violência doméstica, intrafamiliar, psicológica, sexual e moral nas Delegacias. Assim, foi ampliada a discussão e a responsabilidade dos órgãos governamentais, que assumiram o propósito de promover leis e ações que assegurassem sua cidadania e seus direitos humanos. Atualmente, a Lei 11.340/2006, batizada de “Lei Maria da Penha”, depois de sancionada, traduz uma forma de amparo legal e institucionalizado para as mulheres que procuram as Delegacias de Mulheres e os Centros de Referências de Atendimento às Mulheres, para revelar tal realidade: mulheres que clamam por cuidados dignos, especialmente as que sofrem violência psicológica (SILVA, 1992; PINTO, 2003).

As conquistas foram e vêm sendo alcançadas pelas mulheres nas mais variadas esferas: nos direitos humanos legais; na inserção no mercado de trabalho em diferentes carreiras, como por exemplo, advogadas, médicas, psicólogas, assistentes sociais, etc.; na isonomia salarial, nos espaços político, econômico, social e cultural. Tais conquistas ocorreram, também, pelas constantes discussões sobre as questões de gênero, que deram início a reflexões em relação à construção da subjetividade¹ da mulher, que se referem às relações desiguais entre homens e mulheres, bem como propõem a compreensão de tal fenômeno em uma perspectiva social, relacional, histórica e cultural de cada sociedade, não mais ancorada na visão predominantemente biológica e sexista que até então vigorava, o que contribuiu para o exercício da desconstrução de seu papel feminino categorizado pela docilidade e pela submissão; e

¹- O conceito de subjetividade enfocado nesta pesquisa, refere-se ao entendimento de Rey (2002; p. 37): “A subjetividade individual é determinada socialmente, mas não por um determinismo linear externo, do social ao subjetivo, e sim em um processo de constituição que integra de forma simultânea a subjetividade social e individual. O indivíduo é um elemento constituinte da subjetividade social e, simultaneamente, se constitui nela”.

na construção de uma identidade² com mais autonomia em relação a si mesma, nas suas relações e na sociedade (LOURO,1997; PINTO,2003).

Empregamos a concepção de gênero, categoria utilizada pelos movimentos feministas e pesquisadores na área da Antropologia, Sociologia e Serviço Social, a partir do final da década de 1980 no Brasil, como uma das ferramentas analíticas que permitem identificar nexos entre a construção socioeconômica da violência e as políticas do Estado (LOURO,1997).

Nesta perspectiva, homens e mulheres estão incluídos na concepção de gênero, porém pretendemos em razão do objetivo geral da pesquisa, focar de modo específico as repercussões na subjetividade da mulher que vivência situações de violência psicológica ocorridas em âmbito doméstico e intrafamiliar, através do prisma da psicologia, na perspectiva Gestáltica.

Diante de tal panorama, a presente pesquisa problematizou a violência psicológica que o homem comete contra a mulher indagando quais sequelas no psiquismo e nas relações sociais da mulher derivam da vivência da violência psicológica? Como desdobramento da questão, procuramos verificar se a psicoterapia de curta duração funciona como uma ferramenta interventiva de apoio e de prevenção.

Trata-se de uma pesquisa clínico-qualitativa de base fenomenológico-existencial-gestáltica e hermenêutica. Utilizamos para as análises dos discursos coletados a proposição de Ricouer (1975) para avaliar as linguagens verbais e não verbais e conceitos Gestálticos que emergirem a *posteriori* a obtenção dos dados. Os procedimentos incluíram entrevistas semidirigidas (gravadas em áudio); submissão do projeto ao Comitê de Ética do CCS/UFPA; obtenção da autorização Institucional; consentimento esclarecido das informantes.

A aproximação do objeto de estudo no campo ocorreu inicialmente, na Delegacia Especializada no Atendimento às Mulheres (DEAM), um espaço propício para desenvolver a pesquisa com mulheres que vivenciam situações de violência. O NUFEN, atualmente, está sob a orientação da Prof^a Dr^a Adelma Pimentel , e realiza

² Compreendemos identidade na perspectiva Gestáltica, a qual se constitui a partir dos contatos estabelecidos do organismo e seu meio ambiente (PERLS, 1951/1997) e de Adorno (1999), que concebe a constituição da identidade a partir da interrelação do homem em seu meio sociocultural.

pesquisas sobre Violência Doméstica e Subjetividade Masculina nesta Instituição. Com a sua supervisão, iniciamos, em 16/05/2008, o atendimento caracterizado como psicoterapia de curta duração a um casal, em que o marido tinha cometido violência intrafamiliar contra sua cunhada. Aconteceram seis sessões, três com cada um dos cônjuges (o homem encontrava-se preso na DEAM). Após o retorno das férias (julho) e a resposta da Justiça pela sua liberdade, o casal desistiu do atendimento alegando falta de tempo e de interesse. Enquanto estávamos na DEAM, tomamos conhecimento do Centro de Referência Maria do Pará e interessamo-nos pelo trabalho desenvolvido por uma equipe interdisciplinar direcionado às mulheres que vivenciam situações de violência. Apresentamos o projeto de pesquisa para a Coordenadora e para os profissionais, o qual foi aceito.

No cenário paraense, vários grupos têm sido formados para estudar as relações de gênero. Destacamos o Grupo de Estudos e Pesquisas “Eneida de Moraes” sobre Mulher e Gênero (GEPEM), criado em agosto de 1994 por estudiosos e pesquisadores da Universidade Federal do Pará, do Museu Emilio Goeldi e da Universidade Estadual do Pará, que se interessavam pelos temas da mulher, com a proposta de estimular o desenvolvimento de pesquisas e de estudos em cinco linhas de pesquisas: (1) Mulher e Participação Política; (2) Mulher, Relações de Trabalho, Meio-Ambiente e Desenvolvimento; (3) Gênero, Identidade e Cultura; (4) Gênero, Arte e Literatura; e (5) Gênero, Saúde e Violência.

O GEPEM está vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Ciências Políticas e Psicologia, tendo em seu corpo administrativo vinte e três pesquisadores, sob a coordenação da cientista política Maria Luzia Miranda Álvares. Em sua trajetória, foram promovidos três encontros que fomentaram discussões, a saber: I Encontro Amazônico sobre Mulher e Relações de Gênero, em 1994, que problematizou a violência e a exploração rural nos Estados participantes; em 1996, aconteceu o II Encontro, intitulado Mulher e Modernidade na Amazônia, com enfoque sobre as desigualdades de gênero e a luta pela cidadania feminina; e, em 2008, no III Encontro: As Fases das Diversidades foram discutidas as feminilidades e as masculinidades a partir das diferenças étnicas, de “status”, das gerações, das sexualidades e das orientações religiosas.

Atualmente, em Belém, há vários serviços direcionados à proteção e à garantia dos direitos das mulheres em situação de violência, como, por exemplo: a Delegacia Especializada em Atendimento às Mulheres, as Casas Abrigo, as Unidades de Acolhimento, os Conselhos Municipal e Estadual, o Serviço Hospitalar de Referência, as Varas e as Promotorias de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher. A escolha do Centro de Referência Maria do Pará como *lócus* da pesquisa, deve-se não apenas à possibilidade de contato com mulheres em situação de violência psicológica, mas, também, devido à proposta inovadora realizada pelos profissionais em uma perspectiva interdisciplinar, cuidar da mulher de forma holística.

A presente dissertação está desenvolvida em cinco seções: I) evidenciamos um panorama geral do movimento feminista, diferenciando seus variados movimentos e fases na Europa e no Brasil e suas respectivas repercussões na garantia dos direitos da mulher como cidadã e nos direitos humanos; também tratamos da concepção de Gênero de Scott (1991) como proposição constitutiva do identitário feminino vinculado a diversidade e a subjetividade, no âmbito social e político, discorreremos ainda sobre a lei 11.340/2006; trazemos ainda nessa primeira sessão a conceituação da violência psicológica e suas tipologias, bem como, dialogamos com alguns conceitos gestálticos na interface com a temática dos movimentos feministas e a violência psicológica; II) apresentamos um breve histórico da Gestalt-terapia e suas conceituações fundamentais, tais como: contato, funções e fronteiras do contato, figura-fundo, mecanismos de defesa, fatores de cura, awareness, ajustamento criativo, self e a modalidade na psicoterapia de curta duração na referida abordagem, com o objetivo de subsidiar as interlocuções no decorrer do trabalho; III) discorreremos em relação à descrição dos procedimentos metodológicos; IV) apresentamos a análise dos dados coletados, a partir da compreensão gestáltica e interpretação do discurso segundo Ricoeur (1975); V) continuação da análise, discussão e considerações finais.

Pretendemos com o estudo favorecer condições de fortalecimento e enfrentamento às mulheres que estão em situação de violência psicológica, por meio da ampliação de sua consciência e ressignificar das relações que estabelecem consigo mesma e com o outro, criar ajustes saudáveis; bem como oferecer à comunidade científica mais um referencial teórico, baseado na epistemologia Gestáltica e na

metodologia fenomenológica acerca da violência psicológica contra a mulher e contribuir para os desdobramentos de futuras pesquisas que tenham essa temática.

I - UM PANORAMA DA CONTRIBUIÇÃO DOS MOVIMENTOS FEMINISTAS E ESTUDOS DE GÊNERO À COMPREENSÃO DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA.

O organismo/ambiente humano naturalmente não é apenas físico, mas social. Desse modo, em qualquer estudo de ciências do homem, tais como fisiologia humana, psicologia ou psicoterapia, temos de falar de um campo no qual interagem pelo menos fatores socioculturais, animais e físicos (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 43)

Os movimentos de mulheres e feministas apontam para uma imbricada atuação frente as suas lutas e reivindicações no cenário mundial, entretanto apresentam certas especificidades, em que se atribui como características predominantes dos movimentos de mulheres a inserção no mundo público e no campo de trabalho, bem como, pela garantia de seus direitos como cidadãs; e aos movimentos feministas pela condição de opressão e submissão da mulher perante o homem. Outrossim, não é possível demarcar uma exata origem cronológica do percurso histórico referente ao início de tais movimentos, pela dificuldade em catalogar todos os dados relacionados à variedade de mulheres em suas etnias, classes e raças que isoladamente ou em grupo empenharam-se na luta pelos seus direitos; e pelo desinteresse político, cultural e econômico em dar visibilidade à temática da mulher, entre o século XVII e o século XVIII(PINTO, 2003).

Segundo Pinto (2003), ocorre no Brasil a mesma dificuldade, porém somado a dois diferenciais: a extensa área territorial e a precariedade nos meios de comunicação dificultando as articulações entre as mulheres. Assim, a intenção nesta dissertação é realizar uma contextualização desse importante movimento e ao mesmo tempo construir o pano de fundo para configurar as análises dos dados empíricos.

Segundo Narvaz e Koller (2006), no início do século XIX e mantida até o presente século XXI, emergiram nos Estados Unidos e na Europa, principalmente na França, uma variedade de movimentos feministas delineando então, três gerações que se caracterizaram como:

a) movimento liberal, até os anos 1960, foi marcado por reivindicações das mulheres organizadas em grupos ou de forma individual, pela igualdade dos seus direitos civis, políticos e educativos, de lutas contra a discriminação acerca das

desigualdades e injustiças da sua condição social e a opressão da mulher, geradas pelo patriarcado. A diferença entre o homem e a mulher estava atrelada unicamente ao sexo, em que eram atribuídas características distintas e universais, como por exemplo: a mulher era devotada à docilidade, a fragilidade, a submissão e ao lugar do espaço privado e ao homem era devotada à rudeza, a fortaleza, o provedor do lar e ao espaço público. Atribui-se como um divisor de águas no movimento, a importante conquista das mulheres pelo direito ao voto, pela sua cidadania;

b) nas décadas de 1960 e 1970, o movimento se voltou para a denúncia da opressão masculina, para as discussões quanto à diferenciação de sexo e gênero como definidor do masculino e feminino e buscou a igualdade de valores e direitos;

c) na década de 1980 até os dias atuais (primeira década do século XXI), a ênfase do movimento se centrou na diversidade, na expressão da subjetividade e no interesse em estudos, discussões e pesquisas direcionadas à mulher como uma questão de gênero.

O processo de transformação dos movimentos feministas está diretamente ancorado na sua relação com os movimentos sociais, políticos e ideológicos, a saber, encontram-se as seguintes vertentes: **a) radical:** entende que a dominação masculina sobre a mulher está relacionada com o patriarcado e com o capitalismo; **b) liberal:** baseia-se na igualdade jurídica para a mulher e o homem, proporcionando igualdade de oportunidades na sociedade; **c) socialista-marxista:** ancora-se nas questões de divisão de trabalho e nas lutas de classes.

Além disso, nas investigações referentes ao campo teórico-epistemológico dos variados movimentos feministas, situam-se: **a)** o *empirismo feminista* que se baseia na ciência objetiva e desconsidera qualquer manifestação sexista e discriminatória e atrelada a vertente liberal; **b)** a *teoria do ponto de vista feminista* que objetiva ampliar o conhecimento em relação às mulheres e para tal, direciona seu foco de investigação basicamente nas experiências das mulheres; **c)** o *pós-modernismo feminista* enfoca e valoriza a diversidade das verdades em relação a(s) realidade(s) vivenciada(s) pela(s) mulher(es) e pelas interpretações feitas pelo pesquisador(a).

No Brasil, segundo Pinto (2003), na segunda metade do século XIX ocorreram manifestações isoladas de algumas mulheres na reivindicação de seus direitos civis e políticos através de manifestos escritos e/ou falados, além disso, nas primeiras décadas do século XX, delineou-se maior organização no movimento feminista, o que culminou com o aparecimento de três vertentes, a saber:

a) fase mais comportada do feminismo brasileiro, em que as mulheres pleiteavam basicamente o direito ao voto de forma bastante organizada, ocorreu a criação do Partido Republicano Feminino e da Federação Brasileira para o Progresso Feminino. A conquista do direito ao voto foi o carro-chefe do movimento e na ampliação de discussões sobre outras temáticas referentes: à emancipação feminina, à desigualdade entre homens e mulheres e ao poder masculino, o que até então não eram o foco mais importante nas discussões e em seus interesses e necessidades;

b) feminismo difuso, do qual faziam parte as mulheres cultas, professoras, escritoras e jornalistas que produziam revistas, jornais e panfletos - o que caracterizou a imprensa feminista - para reivindicar e discutir seus direitos políticos, a educação como forma de transformação social, dominação masculina, o trânsito da mulher restrito ao espaço privado e a designação do espaço público ao homem, sexualidade e divórcio;

c) movimento anarquista, composto por mulheres trabalhadoras, intelectuais e militantes do Partido Comunista que preconizavam a liberação da mulher, questionava a exploração da mulher no mercado de trabalho e defendiam as lutas de classes e sociais.

Ainda segundo Pinto (2003), atribui-se ao golpe de 1937, no Brasil, a quebra nas articulações dos movimentos sociais, repercutindo nos movimentos de mulheres e nas feministas durante as décadas de 1940 e 1950. Porém, a organização dos movimentos e as reivindicações continuavam, ora de forma mais ponderada e discreta através do Conselho Nacional da Mulher (1949), de artigos em jornais e revistas e na presença constante (por mais tímida que fosse) das mulheres no cenário político, ora de maneira mais crítica com manifestações como, por exemplo, a passeata da Panela Vazia no Rio de Janeiro (1954). Tal manifestação contra a carestia reuniu movimentos feministas e

de mulheres, como clubes de mães, Associação das Senhoras de Santa Tereza, mulheres de várias classes sociais e ideológicas e associadas à Federação de Mulheres do Brasil. Contudo, “esses movimentos não podem ser considerados feministas em sua formação ou mesmo em seus propósitos, na medida em que as mulheres neles envolvidas não lutavam pela mudança dos papéis a elas atribuídos pela sociedade” (PINTO, 2003, p. 44).

Nas décadas de 1960 e 1970, os Estados Unidos e a Europa viviam profundas crises e transformações nas áreas da economia, da política e da cultura oriundas, respectivamente, das guerras (Coréia e Vietnã) e a frustrada revolução socialista. Somado a isso, os movimentos beatnik e hippie nos Estados Unidos e as manifestações estudantis contra o conservadorismo político e educacional que marcaram o maio de 1968 em Paris, expressaram prementes contestações de uma nova geração frente ao poderio norte americano e o sonho socialista europeu, o que proporcionou a eclosão de variados movimentos sociais e, dentre eles, o movimento feminista(PINTO, 2003).

Nas mesmas décadas citadas acima, a realidade no Brasil apresentava-se bastante diferenciada da efervescência americana e europeia. Consistiu em uma época permeada por constantes divergências políticas entre os conservadores (União Democrática Nacional) e os de esquerda (Partido Trabalhista Brasileiro e o Partido Comunista Brasileiro), no golpe militar de 1964 e a decretação do Ato Institucional nº 5/1968, os quais promoveram um quadro de terror, mortes, prisões, censuras, desmobilização dos movimentos sociais, repressão, etc, instaurando a ditadura militar no Brasil (PINTO, 2003).

Apesar das discrepantes realidades, o Brasil recebeu forte influência dos Estados Unidos e da Europa através do intercâmbio de informações e orientações nas articulações e mobilizações dos movimentos e no abrigo as mulheres que foram exiladas na época da ditadura. Aliás, as feministas travaram uma batalha dupla: estiveram fortemente vinculadas à derrocada da ditadura e concomitantemente à luta pelos seus direitos civis e humanos.

De acordo com Silva (1992), no Brasil, devido à repressão vigente na década de 1970 foi um período de poucas manifestações feministas no que se refere às condições de desigualdade em que as mulheres se encontravam em relação aos homens no exercício de sua liberdade e de seus direitos na esfera das relações sociais, principalmente nas profissionais. Todavia, segundo Pinto (2003), aconteceram fatos que fortaleceram o movimento, como por exemplo, o seminário realizado pelo Conselho Nacional da Mulher, as reuniões de grupos de estudos realizadas nas casas das diversas manifestantes dos movimentos em São Paulo e Rio de Janeiro, a Primeira Conferência Mundial sobre as Mulheres, no México, em 1975; a Assembléia Geral da ONU, em 1979, em que foi aprovada a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres; a inclusão das discussões na reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), o retorno da exiladas, e um acontecimento considerado divisor de águas na história foi a iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU) de instituir o ano de 1975 como o Ano Internacional da Mulher e a década de 1980 como a Década da Mulher.

Delineia-se então uma nova configuração em que as questões específicas da mulher tornam-se figura em tal contexto/fundo, fazendo com que a violência contra a mulher ganhasse visibilidade, bem como, a criação de estratégias que assegurassem sua cidadania e direitos.

A breve contextualização realizada aponta um panorama em que se encontravam os movimentos de mulheres, as feministas, e os seus diferenciados propósitos em participações nos partidos políticos. Nesta perspectiva, podemos perceber a imbricada relação dos movimentos feministas com as questões políticas e ideológicas vigentes em diferentes épocas e contextos, o que gerou (gera) posicionamentos diferenciados em relação aos direcionamentos nas lutas das mulheres e na política, em que, respectivamente, se descortinam: a “desigualdade no interior dos movimentos, reconhecendo as diferenças que essa desigualdade toma quando se trata de mulheres pobres, negras, sem-terra, ou de outro lado, de mulheres ricas ou intelectualizadas” (PINTO, 2003, p. 46).

Essa polêmica gerou questionamentos em relação à representatividade das mulheres eleitas em levantar as diversas bandeiras de lutas em prol de todas as

reivindicações das mulheres que vivenciam realidades diferenciadas. Critica-se aqui a elegibilidade de mulheres que estão distanciadas dos movimentos feministas e pleiteiam suas causas e, de igual modo, às mulheres intelectualizadas, brancas e de classe média que advogam nos movimentos em defesa das mulheres negras, analfabetas e pobres. Com as realidades tão díspares, apresentavam-se realmente conhecedoras do vivido a ponto de serem representantes legais? (Pinto, 2003). Desvela-se uma situação paradoxal em tal cenário: pouco interesse nas discussões de caráter específico das mulheres nos partidos políticos, e maior relevância a questão social e de classes, o que de certa forma, contribuiu para a invisibilidade da violência doméstica e psicológica.

Em torno da questão da representabilidade, emergem as organizações não governamentais (ONGs) como intermediadoras entre o campo político e os movimentos feministas pela garantia dos direitos das mulheres em sua diversidade e também, alicerçado na crítica a “um feminismo branco, de classe média, intelectual e heterossexual que se apresentava como ‘o’ representante da mulher. A reação a isso deu origem a uma profusão do que se poderia chamar de feminismos” (PINTO, 2003, p. 97).

Segundo Silva, Gomes, Graça et al.(2005), há consenso entre as mulheres dos movimentos, dos estudiosos e dos pesquisadores, em relação à diversidade de feminismos no que se refere a ideias e ações, assim como há univocidade referente ao interesse nas discussões e nas proposições de mudanças no âmbito social, econômico, político e cultural, voltada contra qualquer forma de discriminar e de inferiorizar a mulher. Tal pensamento pode ser corroborado pelo que preconiza Foucault (1984), em sua citação:

Cada luta se desenvolve em torno de um foco particular de poder. E se designar os focos, denunciá-los, falar deles publicamente é uma luta, não é porque ninguém ainda tinha consciência disto, mas porque falar a esse respeito- forçar a rede de informação institucional, nomear, dizer quem fez, o que fez, designar o alvo- é uma primeira inversão de poder, é um primeiro passo para outras lutas contra o poder (FOUCAULT, 1984, p.76).

A diversidade de suportes teórico-metodológicos é uma das marcas da gênese dos movimentos feministas; assim, o contexto destacou a preponderância das

temáticas. Por exemplo, estudos sobre raças e etnias, epistemologia, formas de analisar as relações de gênero, em especial a situação das mulheres em sua complexidade e singularidade. É, portanto, utópica a busca de encontrar univocidade no curso do movimento. As diferentes concepções e ações feministas são oportunas frente às várias realidades vivenciadas pela mulher.

Tais discussões permearam (e ainda permeiam) a efetividade da institucionalização ou não institucionalização dos movimentos feministas, o que, também, desencadeou o interesse em estudar e pesquisar a temática mulher em suas diversas acepções de raças, etnias e classes sociais no âmbito das Ciências Humanas e Educação nas universidades, caracterizando então, o feminismo acadêmico. Também, insere-se nas décadas de 1980 e 1990, a criação do Núcleo de Estudos de Gênero (PAGU), da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relação de Gênero (REDOR) e da Revista de Estudos Feministas, bem como, a participação do Departamento de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas (SP) na viabilização e publicações de diversas pesquisas.

Neste cenário, foi criado, em 2002, o Programa Nacional de Combate à Violência contra a Mulher, sob a gerência da Secretaria de Estado de Direitos da Mulher; em 2003, foi criada a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, dando início à formulação da Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres; em 2004, aconteceu a I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres; em 2006, foi sancionada a Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha); e, em 2007, foi elaborado o Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra as Mulheres (PINTO, 2003).

As diversas manifestações e operacionalizações que se fizeram presentes no contexto social e político, citados acima, repercutiram na maneira de pensar e agir da mulher, referendando o construto teórico de que as partes modificam o todo e é por ele modificado. Dentre as mais significativas configurações que começaram a fazer parte, alterando sua totalidade, da construção da subjetividade feminina, remete-se a mudança da visão biologicista e sexista, em que era atribuído ao corpo e a sexualidade a definição e a condição feminino/masculina em sua maneira de ser.

Colaborando para tal realidade, encontramos as atribuições que foram (e continuam sendo?) introjetadas pelas mulheres no exercício de seus papéis padronizados e naturalizados, nos depoimentos das mulheres que aceitaram o convite para fazer parte desta pesquisa e a partir de agora em diante serão chamadas, ficticiamente, de Paula, Nazaré e Maria. Mostramos a seguir:

ele é do tipo de homem assim: se ele come uma banana lá no quarto ele volta pra sala, mas a casca fica lá, antes eu fazia tudo pra agradar, eu não me importava, o copo de água era eu que buscava, a comida era eu que tinha que servir, por mais que ele tivesse ali e pra ele nada tava bom. [...] agradava em todos os sentidos, era pior do que as crianças, era uma dependência, ele prevalecia (PAULA)

eu queria sempre agradar, sabe, eu queria ser a melhor, eu queria ser tipo espelho, eu acho que era aquela pra casar, sabe que os meninos falavam na época de colégio, não aquela é pra casar, aquela para sair e aquela para ficar? Então eu era pra casar, tinha que ser a correta, tinha que ser 100% certa eu não podia errar, eu não me permitia errar na relação (NAZARÉ)

minha mãe nunca fez gosto nessa relação, ela sempre soube do tipo de homem que ele era, e... tentou me alertar, mas depois viu que não tinha jeito, ela falava assim: ta vendo como tu fica quando tu tá com ele, tu não olha pra frente, tu não dança, é, tu te torna uma pessoa sem vida. E hoje eu vejo que é isso (MARIA).

A partir do final da década de 1980, no Brasil, atrelada ao movimento feminista, os papéis atribuídos ao homem e a mulher passaram a ser compreendidos a partir de uma concepção de gênero, considerado como um processo de construção em que as influências sociais e culturais constituem uma expressão da singularidade e subjetividade da mulher e do homem (LOURO,1997). Tal fenômeno, segundo Machado (2000), cria um novo paradigma metodológico, pois afirma a ruptura entre a noção biologicista do sexo e a noção sociocultural de gênero, privilegiando metodologicamente as relações e a transversalidade de gênero. Assim, incluíram-se discussões sobre a diversidade nas relações de gênero hetero/homossexual, as quais tiveram desdobramentos no âmbito social, político, cultural e também científico, pois, alastrou-se em diversos saberes como a antropologia, a sociologia, a psicologia, a filosofia, a ciência política etc., especialmente nas Universidades, nos grupos de estudos, nas conferências e na formulação de projetos de políticas públicas.

A concepção de gênero foi utilizada pela primeira vez na década de 1950 por John Money, como “papeis de gênero” para descrever comportamentos, seguido de Robert Stoller, em 1968, no seu estudo sobre a subjetividade masculina e feminina, delineou-se a diferença entre sexo e gênero, o primeiro sendo “determinado pela diferença sexual” e o segundo “com os significados corporais construídos pela sociedade” (MAGNABOSCO, 2003, p. 419). Conforme Magnabosco (2003, p. 419), “O termo gênero vem circulando nas ciências sociais, psicológicas e literárias com uma concepção específica e uma intenção de explicar e descrever o conjunto de comportamentos atribuídos a homens e mulheres”.

Scott (1991), historiadora norte americana, estudiosa das relações de gênero, define gênero como: “um elemento constitutivo das relações sociais baseado em diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1991, p.14). Nesta relação constitutiva do sujeito em seu campo social, torna-se importante relacionar os símbolos e seus respectivos conceitos presentes na cultura, bem como, questionar e refletir sobre a fixidez destes, como, por exemplo, a representação binária dos gêneros, o que remete a inclusão do pensamento político, das instituições e das organizações sociais na construção da identidade de forma subjetiva. É acrescentado ainda por Scott (1991, p.16) que gênero: “é como uma forma primeira de significação das relações de poder. Talvez fosse melhor dizer que, gênero é um campo primeiro no seio do qual ou por meio do qual o poder é articulado”. Esse entendimento é confirmado e ampliado por Minayo (2006, p. 93) para qual gênero “diz respeito a relações de poder e à distinção entre características culturais atribuídas a cada um dos sexos e a suas peculiaridades biológicas”.

Atrela-se a concepção de gênero o repensar e questionar o essencialismo feminino como natureza já dada, universal, perante o poder do homem sobre a mulher, inicia-se então o processo de “desconstrução” da visão e da prática binária e sexista em relação a sexo/poder. Neste contexto, Scott (1991) remete-se a noção de poder de Foucault (1984) para subsidiar tais discussões, pois o mesmo preconiza que o exercício do poder acontece não somente nos órgãos do Estado, na política e nas ideologias vigentes, e sim, é exercido também pelos indivíduos em suas relações sociais, nas microrrelações, e vivenciado através de diversas formas de poder, como

por exemplo: dominação, coerção, julgamentos, prisões, verdades absolutas, entre outros. Conforme Foucault:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 1984, p. 183)

A partir dessa concepção, as discussões em torno das relações de gênero, no que se refere ao exercício do poder da mulher em sua relação afetiva e social tiveram alterações, pois os questionamentos sobre seu papel feminino colado a submissão e a vitimização, levaram as mudanças concretas na apropriação de seu poder e de sua autonomia na garantia de seus direitos. Somadas às constantes denúncias das mulheres em relação aos maus-tratos e às agressões físicas cometidas pelos seus cônjuges/parceiros, ganharam maior visibilidade pública e repercussões políticas no enfrentamento da violência, ampliando a compreensão do gênero, como constituinte identitário da violência e, em especial, da violência contra a mulher (LOURO, 1997; TELES; MELO, 2003).

1.1 - VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

A partir da década de 1980 e na década de 1990, com a organização e o fortalecimento dos movimentos feministas foi possível encaminhar as discussões, principalmente, sobre dois eixos temáticos: a violência contra a mulher como uma violação dos direitos humanos e a saúde da mulher. Como estratégias de ação, de atenção e de prevenção foram criadas as Delegacias de Defesa da Mulher (DDM), as Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher (DEAM), as Casas Abrigo e os Centros de Referência para acolher a crescente manifestação de violência contra a mulher. No âmbito da saúde ocorreu a implantação do Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PAISM) pelo Ministério da Saúde, as ações interventivas de prevenção do câncer, o programa de planejamento familiar e as discussões e reflexões sobre questões da maternidade, sexualidade e aborto (SILVA, 1992; PINTO, 2003).

Além disto, segundo Batista (2003), como uma maneira de encontrar estratégias para a criação de políticas públicas que pudessem garantir os direitos humanos e coibir a violência, foi realizada conferências e convenções articuladas pelos movimentos feministas e pelos órgãos governamentais como o Ministério Público, a Defensoria Pública, o Judiciário e o Legislativo e órgãos não governamentais, no âmbito nacional e internacional. Dentre as de maior representatividade, ocorreram:

a) a Segunda Conferência Mundial sobre as Mulheres - Igualdade, Desenvolvimento e Paz, em Copenhague, em 1980, quando foi adotada uma resolução sobre “mulheres espancadas e violência doméstica”;

b) a Conferência Mundial sobre os Direitos Humanos, em Viena, em 1993, ocasião em que a violência contra as mulheres foi reconhecida como uma violação dos direitos humanos;

c) a Declaração da ONU sobre a Eliminação da Violência contra as Mulheres, em 1993, quando foram reconhecidos os direitos das mulheres de igualdade, de liberdade, de integridade e de dignidade;

d) a Convenção Interamericana sobre Prevenção, Punição e Erradicação da Violência contra as Mulheres, em Belém do Pará, em 1994; **e)** e a Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres, em Pequim, em 1995, quando foi adotada a expressão “violência contra as mulheres”, tal como fora usada na Declaração da ONU de 1993.

Dentre as convenções que nortearam os direcionamentos efetivos nas políticas públicas, citamos a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher/1994, conhecida como Convenção de Belém do Pará, a qual definiu, no cap. I, Art. I, a violência contra mulher como, “qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado” (TELES; MELO, 2003 p.68).

No âmbito jurídico, por meio das constantes inserções e intervenções das mulheres no Congresso Nacional Constituinte, ocorreu uma significativa alteração na Constituição Federal de 1988, em virtude da inclusão da igualdade de direitos e obrigações entre homens e mulheres, sem distinção de qualquer natureza. Assim como, também, houve a criação de juizados especiais para atender causas cíveis de

menor complexidade e infrações penais de menor potencial ofensivo, sendo estas entendidas quando a pena máxima é inferior a um ano. Dessa forma, para garantir efetividade ao que fora declarado na Constituição, foi promulgado a lei federal 9.099/1995, a qual legitima a criação do Juizado Especial Criminal (Jecrim), em uma tentativa de fazer o judiciário oferecer atendimento mais rápido às mulheres, maior acessibilidade e resolução dos conflitos de natureza penal quando o crime fosse de menor potencial ofensivo, aqui incluso os crimes caracterizados pela violência doméstica. Tais crimes eram denunciados para um policial que redigia um termo circunstanciado e encaminhava para o juizado que posteriormente marcava uma audiência preliminar com a vítima e o agressor, na tentativa de uma conciliação ou acordo de uma indenização pela reparação de danos, caso não fosse possível o acordo, a vítima tinha o direito de representar, porém, na presença do agressor, e cabia ao Ministério Público a aplicação da pena restritiva de direitos, que consistia em prestação de serviços à comunidade (TELES; MELO, 2003; DIAS, 2007).

Além disso, segundo Teles e Melo (2003), até meados da primeira década do século XXI não existia no Código Penal Brasileiro nenhum artigo específico para proteger e amparar legalmente à mulher em situação de violência, por isso os atos de agressão física contra a mulher eram caracterizados como de menor potencial ofensivo tal como reza o Código Penal e considerados como lesão corporal que “consiste em ofender a integridade corporal ou a saúde de alguém, e pode ser leve, de natureza grave, gravíssima e até resultar em morte” (TELES; MELO, 2003, p.92). Atribuí-se a: **a)** lesão corporal leve: “ameaça, rixa, constrangimento ilegal, omissão de socorro, maus tratos, violação de domicílio e de correspondência, apropriação indébita, entre outros” (TELES; MELO, 2003, p.91); **b)** lesão de natureza grave “são aquelas agressões físicas que tiram a mulher de seus afazeres habituais por mais de trinta dias, constituem perigo de vida, provocam a debilidade de um membro de seu corpo, sentido ou função, ou provocam aceleração de parto” (TELES; MELO, 2003, p.92); **c)** lesão corporal gravíssima é “aquela que resulta incapacidade permanente para o trabalho, enfermidade incurável, perda ou inutilização de membro, sentido ou função, deformidade permanente ou aborto” (TELES; MELO, 2003, p.92) e **d)** lesão corporal seguida de morte. As penas variam conforme a lesão cometida e são cumpridas,

respectivamente, nos seguintes períodos: de três meses a um ano, um ano a cinco anos, dois a oito anos e de quatro a doze anos. Somente as lesões corporais leves são julgadas pelo Juizado Especial, as demais são julgadas pela Justiça Comum.

Segundo Dias (2007), a inclusão das leis 10.455/2002 e 10.886/2004, sendo que a primeira legalizou o afastamento do agressor do lar e a segunda, aumentou a pena mínima de três para seis meses a um ano de detenção, não apresentaram forte impacto para a diminuição da violência doméstica. Ao contrário, cada vez mais a impunidade estava aumentando e era premente a elaboração de uma lei que abarcasse de forma mais direcionada a questão da violência contra a mulher, já que diversos entraves se faziam presentes em torno da efetiva aplicabilidade da lei 9.099/1995 que tem como foco principal a violência doméstica, como por exemplo: (a) as ações despenalizadoras direcionadas ao agressor, que chegava a caracterizar uma banalização em relação à agressão sofrida pela mulher; para dar continuidade ao processo era necessária que a representação fosse feita diretamente pela mulher na frente do agressor, decorrendo daí a dificuldade da mulher levar adiante tal decisão; (b) a não alteração do código penal em relação a caracterização de lesão corporal leve à violência doméstica, entre outros. Tais entraves apontavam para uma invisibilidade dos crimes cometidos contra a mulher, frente à crescente demanda de medidas efetivas para a erradicação da violência.

Para atender a essa crescente demanda foi sancionada em 07/08/2006, a Lei 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, com o objetivo de criar mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Assim, no amparo legal da mulher, citamos o cap. I, art. 5º, que diz: “Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (Brasília- Lei Maria da Penha- Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres-Presidência da República. 2006, p. 16). A violência pode ocorrer no âmbito da unidade doméstica (Artigo 5 Inciso I), no âmbito da família (Artigo 5 Inciso II) ou em qualquer relação íntima de afeto (Artigo 5 Inciso III)-E ainda, no cap.II, Art. 7º II, define violência psicológica como:

entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir dou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (BRASILIA- LEI MARIA DA PENHA- SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. 2006, p.17).

A aplicabilidade da Lei Maria da Penha, vem proporcionando maior visibilidade as ações de combate à violência contra a mulher, com intervenções concretas, tais como: a revogação da lei 9.099/95; a criação dos juzizados especiais de violência doméstica e familiar contra a mulher com competência cível e criminal; alteração no código de processo penal, o qual possibilita ao juiz decretar a prisão preventiva quando houver riscos à integridade física ou psicológica da mulher e, na lei de execuções penais que determina o comparecimento obrigatório do agressor a programas de recuperação e reeducação; proibição da entrega da intimação pela mulher ao agressor; a desistência da denúncia só poderá ser perante o juiz; a mulher será acompanhada de um advogado ou defensor nos atos processuais, bem como, será notificada do andamento do processo; a autoridade policial pode prender o agressor em flagrante e também registrar o boletim de ocorrência e instaurar o inquérito policia que será enviado ao Ministério Público; criação de diversas medidas protetoras, visando a segurança e proteção à mulher que está em situação de violência; e a viabilidade de acessar meios governamentais e jurídicos a fim de que as questões legais sejam resolvidas sem tanta morosidade e com mais eficácia.

As diversas formas de violência doméstica contra a mulher (física, sexual, patrimonial, moral e psicológica) assolam e assombram de modo ruidoso e por vezes silencioso, mulheres de diversas faixas etárias, classes sociais e níveis de cultura. Para tanto, é preciso coibir o agressor de forma veemente para que possa ressignificar suas atitudes e maneiras de relacionar-se com sua companheira/mulher, por intermédio de grupos de apoio e psicoterápico, assim como é necessário oferecer suportes emocional, jurídico, infraestrutural e social para a mulher que está em situação de

violência. Parece que a Lei Maria da Penha vem suprir essa carência há tanto tempo sentida por essas mulheres, situando-a como uma questão de saúde pública.

Ampliando a compreensão acerca das formas de expressão da violência, recorreremos a Minayo (2006) que, por sua vez, propõe uma **tipologia** da violência, pontuando os vários **tipos** de acordo com as suas manifestações: **a)** violências autoinfligidas, que se referem a comportamentos suicidas e de autoabuso; **b)** violências coletivas, que são atos violentos que acontecem nos âmbitos macrossociais, políticos e econômicos; **c)** violências interpessoais, que são classificadas em dois âmbitos: o intrafamiliar e o comunitário. O primeiro ocorre entre os parceiros íntimos e entre os membros da família; o segundo acontece no ambiente social, entre conhecidos e desconhecidos e âmbitos macrossociais, políticos e econômicos.

Em conjunto com os diversos tipos, varia também, a natureza da expressão da violência, podendo ser classificada como: **a)** física, a que “significa o uso da força para produzir injúrias, feridas, dor ou incapacidade em outrem” (MINAYO, 2006, p. 82); **b)** sexual, que diz respeito ao ato ou ao jogo sexual dentro de relações hetero ou homossexual e visa estimular a vítima ou utilizá-la para obter excitação sexual por meio de aliciamento, violência física ou ameaças; e negligência ou abandono, que “inclui a ausência, a recusa ou a deserção de cuidados necessários a alguém que deveria receber atenção e cuidados”. (MINAYO, 2006, p. 82); **c)** psicológica, na qual acontecem “agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a vítima, restringir a liberdade ou ainda, isolá-la do convívio social” (MINAYO, 2006, p. 82);

Discutindo as manifestações da violência psicológica, a Secretaria de Vigilância em Saúde (2005) aponta exemplos rotineiros da sua ocorrência contra a mulher, a saber:

impedir de trabalhar fora, de ter sua liberdade financeira e de sair, deixar o cuidado e a responsabilidade do cuidado e da educação dos filhos só para a mulher, ameaçar de espancamento e de morte, privar de afeto, de assistência e de cuidados quando a mulher está doente ou grávida, ignorar e criticar por meio de ironias e piadas, ofender e menosprezar o seu corpo, insinuar que tem amante para demonstrar desprezo, ofender a moral de sua família (SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE, 2005, p.120-121).

Assim, a violência psicológica, segundo Minayo (2006), acontece principalmente no espaço intrafamiliar. Tal fato dificulta muito mais a sua divulgação apesar das muitas queixas feitas pelas mulheres nas delegacias de mulheres. Trata-se, portanto, de uma violência silenciosa, pois a sua manifestação acontece entre as quatro paredes das casas, no choro contido, na ilusão de que não acontecerá outra vez, e de que o agressor vai mudar – Ledo engano! As difamações e o desrespeito tornam-se mais frequentes, tendendo a outras formas de violência, como, por exemplo, a violência física.

Segundo Hirigoyen (2006), a violência psicológica está associada, em todos os outros tipos de violência, pois fere e interferem na saúde mental da mulher, na sua integridade física, moral e social. Segundo ela, o ciclo de violência se desenvolve em quatro fases e de maneira repetitiva, a saber: **a)** fase de tensão se caracteriza por constante estado de irritabilidade do homem em relação as suas preocupações e dificuldades financeiras, adotando expressões agressivas e silêncios hostis; **b)** a segunda fase é a da agressão (gritos, insultos, ameaças, tapas e socos); **c)** na fase de desculpas, o homem minimiza o seu comportamento, pede perdão e põe a culpa na mulher ou em fatos externos pela sua atitude; **d)** e a fase de reconciliação, na qual a mulher acredita na mudança de atitude do homem, ocorrendo a expressão de afeto entre ambos e o retorno das relações sexuais. É a chamada lua-de-mel. Tal ciclo se repete, acelerando com o tempo e assumindo intensidade crescente.

Os depoimentos de Paula e Maria, citados abaixo, revelam tal realidade cíclica da violência psicológica vivenciada em seus relacionamentos:

aí começou a pedir pra que eu perdoasse ele, se ajoelhava, chorava, pedia, dizia que ele tinha tido outras pessoas durante nossa relação, mas que aquilo não tinha tido importância, que daquele momento em diante ele seria fiel a mim, que isso não ia mais acontecer (PAULA).

Sempre depois de todas as agressões, que eu ouvia, né, depois de todos os insultos que eu ouvia, é sempre desculpa, me perdoa, isso não vai acontecer e eu achava que isso tudo realmente ia mudar...[...] eu achava que eu não ia voltar... Que tinha acabado de verdade e ele ligando, não me desculpa, me desculpa e aí depois, eu acabava desculpando, eu acabava voltando. Quando a gente voltava era sempre muito bacana, porque prevalecia o que eu tinha pensado. A gente vai sair, eu vou ter amigos, isso durava dois meses, depois voltava tudo pro

que era antes. E depois tinha vezes que eu nem tinha mais força pra lutar (MARIA).

Miller (1995) discorre em seu livro *Terrorismo Íntimo*, baseado em sua prática psicoterápica, sobre a deteriorização das relações conjugais, afetivas e amorosas, que segundo ele, ocorre através das distorções no exercício do amor e do poder. Atribuí que a ansiedade, entendida como “a tentativa de controlar o que não pode ser controlado” (MILLER, 1995, p. 35), seja um dos motivos dessa distorção. O controle sobre o outro, “na esperança de tornarem as coisas mais previsíveis” (MILLER, 1995, p. 72), nas relações acaba gerando certa ansiedade, a qual tende a sufocar a expressão de si mesma (o), nos constantes cerceamentos de sua liberdade de ir e vir, nas constantes queixas de ciúme, infidelidade, nas ameaças, manipulações para que o outro satisfaça suas vontades. Conforme Miller (1995, p.34), “numa relação sitiada pelo terrorismo íntimo, são duas pessoas preocupadas em atacar a segurança ou a autonomia uma da outra, provocando, uma na outra, a ansiedade do abandono ou do sufocamento” e ainda, “uma das principais funções do terrorismo íntimo é a de manter o relacionamento, mesmo que isso se consiga pelo sofrimento e pela coerção, em vez de por prazer e por escolha”(MILLER, 1995, p.41).

Podemos perceber que as configurações relacionais de Paula, Nazaré e Maria, nos excertos abaixo, traduzem momentos constantes de sofrimento, ansiedade e de restrições em sua espontaneidade, o que indica a vivência do terrorismo íntimo citado por Miller (1995):

Pra mim existia a tortura psicológica, ele tava me torturando psicologicamente, quando ele não me agredia ele sentia prazer em me ver triste, a minha alegria para ele era uma agressão. Se ele chegasse e me visse cantando, feliz, ele achava aquilo absurdo, ele não entendia. Mas no olhar, na expressão, ele deixava visível, e eu comecei a perceber (PAULA).

Na realidade são quase três meses já que eu to tentando, pelo menos eu não consigo mais ficar ansiosa, aquelas dores de cabeça horríveis já pararam mais, né (NAZARÉ).

Minhas roupas, se eu usava saia curta não podia usar. Tinha que usar a saia comprida. Até o comportamento de roupa depois foi mudando aos poucos (MARIA).

Contribuindo para os estudos sobre as formas de violência de gênero, sendo focada a violência contra a mulher, deu-se início em 2004 pelo Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas várias investigações e dentre elas, citamos a de Valois, Pereira e Pimentel (2008); Ferreira, Pimentel (2008c) que estão investigando a dependência emocional de mulheres que sofrem violência doméstica.

Ponderando acerca das interações entre a subjetividade e a alteridade, Pimentel (2004), afirmou que o potencial de crescimento requer:

Entender as tramas dos processos educativos informais articulados pela família, turmas e grupos sociais; e dos formais representados pelas escolas; integrar ao auto-conceito a prática de elaborar sínteses perceptivas entre o ambiente e o Eu. Através do desvelamento da ideologia que forja os diversos perfis femininos e masculinos poderemos contribuir para a retirada do véu que encobre os sentidos e a prática humana solidária (PIMENTEL, 2004, p. 35).

O percurso percorrido até aqui, revela-nos um consenso: a diversidade como figura nos diferenciados fundos. Retratamos de forma breve tal contextualização, a partir dos movimentos de mulheres e os feminismos inseridos nas políticas e ideologias que tivessem e tenham a perspectiva da boa forma (boa Gestalt) para atender as suas necessidades no presente momento, no aqui-agora da situação emergencial. Do mesmo modo, as discussões sobre gênero, ampliar (am) a percepção do humano acerca de sua subjetividade, nas diferentes formas de existir e a operacionalização de políticas públicas que atendam a demanda das mulheres, em suas etnias, raças e especificidades aliadas a produção científica nos diversos saberes, contribuíram(em) para abarcar a complexa análise sobre a violência de gênero, que dentre as variadas tipologias, direcionamos nesta pesquisa a violência psicológica do homem contra a mulher.

E por remetermos a complexidade, retomemos Morin (2006) que preconiza a importância do pensamento sistêmico e complexo no entendimento de fenômenos humanos e sociais. Contudo, a união e intercessão de variados saberes na produção do conhecimento científico não apontam para verdades absolutas e fechadas em si mesmas, ao contrário, sinaliza uma visão multidimensional, questionadora e reflexiva, em uma conexão flexível entre os saberes, bem como, o exercício da indissociabilidade do sujeito que pesquisa e o objeto pesquisado. Segundo Morin (2006),

a consciência da multidimensionalidade nos conduz à idéia de que toda visão unidimensional, toda visão especializada, parcelada é pobre. É preciso que ela seja ligada a outras dimensões; daí a crença de que se pode identificar a complexidade com a completude (MORIN, 2006, p. 69).

Tal crença vem corroborar a prática de diversos profissionais que atuam nos campos da sociologia, antropologia, enfermagem, direito, serviço social, psicologia, etc, contribuindo com estudos e pesquisas com o propósito de apreender e analisar esses vividos da violência doméstica e intrafamiliar, bem como, propor ações interventivas. De certo que, infelizmente, com essa atitude o problema da violência não será resolvido. Porém, descortina-se uma tentativa de construir uma configuração epistemológica e metodológica mais coesa e pertinente, possibilitando um maior contingente para acolher essas mulheres tão sofridas, e também, com essa atitude cuidar da “miopia” que faz acreditar que as especificidades do conhecimento científico sobre o humano se bastam, ao contrário, servem para alienar e empobrecer a existência da pessoa, da mulher.

II - CORPORIFICANDO A GESTALT-TERAPIA

Tenho sido frequentemente chamado de fundador da Gestalt-terapia. Isso é um engano. Se quiserem me chamar de descobridor ou redescobridor da Gestalt-terapia, tudo bem. A Gestalt é tão velha quanto o próprio mundo (PERLS,1977, p.32).

O verbo corporificar, segundo o Dicionário Houaiss (2001), significa : “atribuir corpo a (aquilo que não o tem); reunir (elementos dispersos) em um corpo; tomar corpo, corporalizar-se”. Tomamos a liberdade, aqui, de relacionar tal ação do verbo com o movimento de construção da Gestalt-terapia. Frederick Salomon Perls³, Laura Perls, Ralph Hefferline e Paul Goodman agruparam e sistematizaram partes significativas de várias vertentes filosóficas e teóricas e configuraram em um novo todo

³ - Vários Gestalt-terapeutas, como Tellegen (1984), Juliano (1992), Loffredo (1994), Ginger e Ginger (1995), Yontef (1998), Kiyon (2001), entre outros, descreveram pormenorizadamente a trajetória desse homem desbravador e inquietante em busca de si mesmo e na ousadia de criar uma nova abordagem psicoterápica.

o corpo da Gestalt-terapia. A palavra Gestalt significa: configuração, todo, forma (LOFREDO, 1994; YONTEF, 1998).

Faremos um apanhado geral para apresentar a Gestalt-terapia, como uma figura, no campo da Psicologia, e como fundo na análise do fenômeno da violência psicológica contra a mulher. Figura-fundo e todo-parte são dois conceitos básicos da Psicologia da Gestalt⁴, eles traduzem a percepção da visão e aprendizagem em relação aos fatos perceptíveis em um determinado campo⁵. A figura se revela em um fundo que a contém, delimita sua percepção e faz parte da apreensão da realidade compreendida como um todo, sendo este diferente e maior que a soma das suas partes, em uma interdependência contínua.

Profissionalmente, Perls atuou como médico e psicanalista. Apresentou sua contribuição teórica no Congresso Internacional de Psicanálise, em 1936, em Praga, o trabalho sobre “Resistências Orais”. Discorria sobre a mudança do local inicial das manifestações das resistências, atribuindo à boca o local primordial de ingestão, mastigação, trituração de alimentos e da linguagem como meio de contato do indivíduo com o meio, fazendo um esboço da correlação entre a constituição dental e a assimilação mental. Os desdobramentos do trabalho sobre “Resistências Orais” resultaram na elaboração de seu primeiro livro, intitulado “Ego, Hunger and Agression: Uma Revisão da Teoria e do Método de Freud”, escrito em 1940 e editado em 1942, em Durban, África do Sul, e na Inglaterra, em 1947. Em 1969, quando foi reeditado nos Estados Unidos, e quando a Gestalt-terapia já havia emergido no cenário da Psicologia, o livro teve modificado seu subtítulo para: “O início da Gestalt-terapia”. Foi lançado, no Brasil, em 2002, com o título de “Ego, Fome e Agressão” e com o subtítulo inicial de 1942 (KIYAN, 2001; PERLS, 1942/2002).

Na década de 1950, a Psicologia amplia o enfoque comportamentalista e analítico em relação ao homem, seu objeto de estudo, compreendendo-o, a partir de então, com um olhar humanista, movimento em voga na Psicologia Americana que preconizou a retomada do homem como o centro de sua própria existência, sujeito ativo, com potencialidades e limitações na construção de sua história (YONTEF, 1997).

⁴ - Ver em Perls (1973/1985), Ribeiro (1985) e Yontef (1998).

⁵ - Ver em Perls (1951/1997), Ribeiro (1985) e Yontef (1998).

Nesse movimento, conhecido como a “terceira força” da Psicologia, surgiu a Gestalt-Terapia em 1951, com o lançamento do livro “Gestalt-Therapy” (PERLS, HEFFERLINE; GOODMAN, 1951). Devido à dificuldade de Perls de estruturar e de sistematizar as suas ideias em uma teoria, foi legada tal tarefa a Goodman e a Hefferline, sendo considerados, então, co-fundadores da Gestalt-terapia. Credita-se a Perls sua genialidade e seu poder de assimilar e de articular ideias de várias vertentes, de operacionalizá-las e de criar uma nova abordagem. Fundamenta-se na visão de homem e de mundo preconizada pelos pensamentos Humanistas, Fenomenológicos e Existencialistas.

O homem no mundo passou a ser compreendido como uma existência individual e plural, que coexiste de forma particular; como sujeito e objeto de sua própria história, com poder de escolha e liberdade em seus projetos de existência; como ser dotado de consciência e de intencionalidade nas relações que estabelece com o outro e consigo mesmo. A existência humana passou então a ser compreendida como plural por ser sempre correlacional, pensada em sua concretude para realizar e objetivar e, ao mesmo tempo, para subjetivar, ou seja, dar sentidos e significados aos fenômenos que envolvem sua percepção e sua existência ao sentir, pensar e fazer de uma forma não mais linear (causa-efeito), mas interrelacional (RIBEIRO, 1985; YONTEF, 1997; KIYAN, 2001).

Nas obras de Perls (1969/1977; 1969/1979; 1973/1985; 1942/2002), encontramos a construção teórica da Gestalt-terapia fundamentadas nas suas teorias de base que sustentam sua compreensão do funcionamento da dinâmica do ser humano e uma teoria da personalidade, ambas alicerçadas na Teoria Organísmica de Goldstein⁶, a Psicologia da Gestalt de Koller, Koffka e Wertheimer e a Teoria de Campo de Kurt Lewin⁷, as quais, respectivamente, expressam a crença na totalidade do homem, no seu poder de autorrealização e autorregulação que acontece na relação com o outro e com o meio ambiente. Tais características são percebidas de acordo com suas necessidades, sejam elas fisiológicas, emocionais, sociais ou espirituais. A necessidade de maior predominância é chamada de figura, a qual está sempre contida,

⁶ - idem.

⁷ - idem.

inserida em um fundo, que pode ser entendido como a totalidade da percepção do fenômeno que se revela a consciência em um dado momento, no aqui-agora da sua existência. Entendemos, também, como fundo, a história de vida da pessoa que se estrutura em um campo de forças energéticas (propulsoras e frenadoras) na busca constante da satisfação de suas necessidades no meio (intra e interpessoal). Tal campo, no qual a pessoa está inserida, é chamado de espaço vital.

A Gestalt-terapia chegou ao Brasil no final da década de 1960 e início de 1970 em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília através de profissionais que foram para Esalen a convite de gestalt-terapeutas dos Estados Unidos e da Europa e passaram a ministrar cursos no Brasil. A propagação da nova abordagem aconteceu posteriormente em vários Estados do Brasil. O contexto da época era de ditadura e de constantes conflitos políticos, econômicos, sociais e culturais. Todavia, encontrou um terreno fértil para se propagar como uma abordagem revolucionária para a época, pois trazia em seu bojo uma infinidade de propostas como a liberação das emoções a partir das experiências e vivências (liberdade existencial); a quebra dos valores vigentes, os trabalhos em grupo e o ilusório imediatismo na resolução dos problemas existenciais. Na década de 1980, tal realidade foi alterada após a revisão da prática dos seus profissionais e do investimento em um maior embasamento filosófico, nas teorias de base e em seus conceitos principais (CIORNAL, 1991; JULIANO, 1992).

Neste momento do repensar citado acima, foi incluída em seu arcabouço a Filosofia do Diálogo de Buber, descrita na obra “Eu e Tu” (1974), a qual norteia e fundamenta o aspecto relacional da existência humana em dois princípios, duas atitudes caracterizadas como Eu-Tu e Eu-Isso. Segundo Buber (1974, p. XLIV), “a primeira é um ato essencial do homem, atitude de encontro entre dois parceiros na reciprocidade e na confirmação mútua, a segunda é a experiência e a utilização, atitude objetivante”. Segundo Hycner (1995), a Gestalt-terapia utiliza-se de tal abordagem relacional e dialógica para compreender as diversas relações do indivíduo consigo mesmo e com o meio ambiente, bem como a relação que é construída entre o psicoterapeuta e o cliente.

Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997, p. 41) preconizam que a “experiência é essencialmente contato”, caracteriza-se então, como a mola mestra para

compreendermos as várias relações que a pessoa estabelece consigo mesma, com o outro e com o meio, identificando o seu grau de individuação e maturidade. O lugar onde o contato acontece é denominado de fronteira de contato, sendo entendida como: “onde a experiência tem lugar, não separa o organismo e seu meio ambiente; em vez disso, limita o organismo, o contém e protege, ao mesmo tempo, em que contata o ambiente” (PERLS, HEFFERLINE; GOODMAN (1951/1997, p. 43). Ribeiro (1997) corrobora tal concepção:

Contato é um ato de autoconsciência totalizante, envolvendo um processo no qual as funções sensoriais, motoras e cognitivas se unem, em complexa interdependência dinâmica, para produzir mudanças na pessoa e na sua relação com o mundo, através da energia de transformação que opera em total interação, na relação sujeito-objeto (RIBEIRO, 1997, p. 33).

O contato não se restringe ao toque ou ao encontro com o outro. É muito mais complexo, pois abarca todas as funções sensoriais (olhar, escutar, cheirar, paladar, tocar, etc.) no constante processo de relações do organismo com o meio, que ocorre na fronteira do contato (POLSTER; POLSTER, 1979). Portanto, desvela-se, por meio do contato, compreendido como o ajustamento criativo que o organismo estabelece em determinado campo, a dinâmica da assimilação e da rejeição: o organismo assimila o que lhe é nutritivo e rejeita o que lhe é nocivo no processo de escolha a partir das figuras dominantes, circundadas pelo fundo (POLSTER; POLSTER, 1979; PERLS, HEFFERLINE; GOODMAN, 1951/ 1997).

Perls (1951/1997) compreende o processo de contatar em fases, quais sejam: **a)** o pré-contato, “é o que está consciente como sendo “aquilo que é dado” ou a Id da situação, dissolvendo em suas possibilidades” (PERLS, 1951/1997, p. 208); **b)** o processo de contato, “há a escolha e a rejeição de possibilidades, a agressão ao superá-los, e a orientação e manipulação deliberadas. São as identificações e alienações do Ego” (PERLS, 1951/1997, p. 208); **c)** o contato final, em que “relaxa-se toda a deliberação e há uma ação espontânea unitária da percepção, do movimento e do sentimento” (PERLS, 1951/1997, p. 208); **d)** pós-contato, em que “há uma interação fluida entre organismo/ambiente que não é uma figura/fundo: o self diminui” (PERLS, 1951/1997, p. 208). De outro modo, Ribeiro (1997) descreve o ciclo do contato como

Ciclo dos Fatores de Cura e Bloqueios do Contato, o que “nos dá uma visão das diversas formas que o contato assume em um processo pleno, com começo, meio e fim” (RIBEIRO, 1997, p. 38). Entende-se como Fator de Cura, segundo o autor acima

um processo por meio do qual a pessoa experiêcia, em um momento dado, uma sensação de que algo novo, portador de mudança e de bem-estar, penetrou no seu universo cognitivo, e, através de uma consciência emocionada, provocada pela percepção de uma totalidade dinamicamente transformadora, se sente inclinada, motivada, fortalecida para mudar (RIBEIRO, 1997, p. 40).

A seguir, segundo concepção de Ribeiro (1997) será descrito os nove Bloqueios de Contato/Mecanismos de Defesa e seus respectivos fatores de cura, que são:

a) fixação: “apego excessivo a pessoas, ideias ou coisas, e teme surpresas diante do novo e da realidade” (RIBEIRO, 1997, p. 43) e como Fator de Cura, a Fluidez, em que “movimento-me e localizo-me no tempo e no espaço, deixo posições antigas, renovo-me” (RIBEIRO, 1997, p. 45);

b) dessensibilização: “diminuição sensorial no corpo, não diferenciando estímulos externos, e perdendo o interesse por sensações novas” (RIBEIRO, 1997, p. 43) e o Fator de Cura é a Sensação, “processo pelo qual eu saio da frieza emocional, estou mais atento aos sinais que meu corpo me manda ou produz” (RIBEIRO, 1997, p. 45)

c) deflexão: “evitação do contato pelos vários sentidos, desperdício de energia na relação com o outro, de maneira vaga e geral, contato indireto, palavreado vago ou polido demais” (p.43) e a Consciência como Fator de Cura, é o processo pelo qual dou conta de mim mesmo de uma maneira mais clara e reflexiva” (RIBEIRO, 1997, p. 46);

d) introjeção: “obediência e aceitação de opiniões arbitrárias, normas e valores que pertencem aos outros, não consegue defender seus direitos por medo de sua agressividade e da dos outros” (RIBEIRO, 1997, p. 43), como o Fator de Cura a Mobilização, “em que sinto a necessidade de me mudar, de exigir meus direitos, de separar minhas coisas das dos outros, de expressar meus sentimentos e não ter medo de ser diferente” (RIBEIRO, 1997, p. 46);

e) projeção: “dificuldade de identificar o que é meu, atribuo ao outro, bem como a responsabilidade pelo que faço” (RIBEIRO, 1997, p. 44) e a Ação, como Fator de Cura,

é o “processo que expresse mais confiança nos outros, assumo mais responsabilidade pelos meus próprios atos, identifico em mim mesma as razões de meus problemas” (RIBEIRO, 1997, p. 46);

f) proflexão: “desejo que os outros sejam como eu desejo que eles sejam, ou desejo que eles sejam como eu sou, manipulando-os a fim de receber deles aquilo que preciso” (RIBEIRO, 1997, p. 44) e a Interação, “em que me aproximo do outro sem esperar nada em troca, ajo de igual para igual, dou pelo prazer de dar” (RIBEIRO, 1997, p. 47) como Fator de Cura;

g) retroflexão: “desejo ser como os outros desejam que eu seja, ou desejo que eu seja como eles são, dirigindo para mim mesmo a energia que deveria dirigir a outrem” (RIBEIRO, 1997, p. 44) e o Contato Final, como Fator de Cura, “em que sinto a mim mesmo como minha própria fonte de prazer, nutro-me do que quero sem intermediário, relacionando-me com as pessoas de maneira direta e clara” (RIBEIRO, 1997, p. 48);

h) egotismo: “coloco-me como o centro das coisas, exercendo um controle rígido e excessivo no mundo fora de mim, pensando em todas as possibilidades para prevenir fracassos e surpresas” (RIBEIRO, 1997, p. 44) e a Satisfação “em que vejo que o mundo é composto de pessoas, que o outro pode ser fonte de contato nutritivo, que o prazer pode ser co-dividido” (RIBEIRO, 1997, p. 48);

i) confluência: “ligo-me fortemente aos outros, sem diferenciar o que é meu do que é deles, diminuo as diferenças para sentir-me melhor” (RIBEIRO, 1997, p. 45) e a Retirada que é o “processo pelo qual saio das coisas no momento em que devo sair, percebendo o que é meu e o que é dos outros” (RIBEIRO, 1997, p. 48).

Os mecanismos de defesa, como o próprio termo expressa, são defesas do organismo necessárias ao processo de contato, estão presentes na dinâmica relacional da pessoa consigo mesma e com o mundo em seu processo de construção de sua existência. Todos são importantes e acontecem de forma dinâmica e processual. Entretanto, são entendidos como bloqueios e interrupções de contato, quando são vivenciados repetidamente pela pessoa, impedindo suas gestalten de completar o ciclo (RIBEIRO, 1997).

A percepção de como a pessoa delibera suas identificações e alienações através dos contatos criativos e espontâneos que estabelece na constante dinâmica figura-fundo possibilita a sua tomada de consciência, em um *continuum* de *awareness*. Entenda-se *awareness* como “o processo de estar em contato vigilante com os eventos mais importantes do campo indivíduo/ambiente, com total apoio sensoriomotor, emocional, cognitivo e energético” (YONTEF, 1998, p.31). O organismo tende a se auto-regular de maneira funcional: quanto mais *aware* a pessoa está de si mesma e do meio que a circunda, mais integrada e saudável a pessoa está, e quanto menos *aware* a pessoa está de si mesma, menos integrada e mais desarmônica, está doente, interrompendo-se constantemente na satisfação de suas necessidades, caracterizando, assim, uma maneira disfuncional em sua existência. É importante ressaltar que sua disfunção é a maneira possível que a pessoa encontrou de se autorregular.

Remetemo-nos a dinâmica figura-fundo como questão primordial ao entendimento da funcionalidade do indivíduo, pois, de acordo com Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997, p. 45), “a figura (gestalt) na awareness é uma percepção, imagem ou insight claros e vívidos; no comportamento motor, é o movimento elegante, vigoroso, que tem ritmo, que se completa etc”. O fundo está relacionado “com o conteúdo, com a perspectiva, com a situação; e juntos eles formam a gestalt” (PERLS, 1969/1977, p. 90).

Na funcionalidade dinâmica do organismo e na discriminação de figura/fundo do processo de contatar o meio através de ajustamentos criativos, configura-se o self, que é entendido como : [...] ”o sistema de contatos, integra sempre funções perceptivo-proprioceptivas, funções motor-musculares e necessidades orgânicas. É consciente e orienta, agride e manipula, e sente emocionalmente a adequação entre ambiente e organismo” (PERLS, HEFFERLINE; GOODMAN, 1951/ 1997, p. 179). Acrescenta-se ainda que estando presente na fronteira do organismo/ambiente, acontece no aqui- agora da situação atuando de maneira espontânea frente a organização das várias figuras em um determinado fundo em seu campo perceptual. Encontramos como estruturas do *self* as etapas principais de ajustamento criativo: o Id, Ego e Personalidade. O Id assume a passividade, as funções orgânicas e as situações inacabadas. O Ego apresenta-se como ativo no contato com o meio, pois através dele

acontecem as deliberações em relação às identificações e às alienações; inclui o comportamento motor, a agressão, a manipulação e a orientação. Por fim, a Personalidade [...] “é o sistema de atitudes adotadas nas relações interpessoais; é a admissão do que somos” [...] (PERLS, HEFFERLINE; GOODMAN, 1951/ 1997, p. 187).

Desse modo, a Gestalt-terapia configura-se como uma tradicional e contemporânea abordagem do psiquismo, em que um dos conceitos principais se refere ao contato. Assim, pensar a dimensão psíquica da violência doméstica e intrafamiliar significa focalizar as funções saudáveis e adoecidas presentes no relacionamento conjugal e na subjetividade da mulher (PIMENTEL, 2008). Para tal, remetemo-nos a uma das modalidades interventivas gestálticas, na proposição da garantia dos direitos ao cuidado da saúde psíquica da mulher que está em situação de violência, chamada psicoterapia de curta duração na abordagem gestáltica e definida como:

um processo no qual cliente e psicoterapeuta se envolvem em soluções imediatas de situações de qualquer ordem, vividas pelo cliente como problemática, utilizando todos os recursos disponíveis, de tal modo que no mais curto espaço de tempo o cliente possa se sentir confortável para conduzir sozinho sua própria vida (RIBEIRO, 1999, p.136).

Neste processo, o cliente apresenta uma situação concreta (figura), em que o psicoterapeuta investiga claramente o seu vivido, não perdendo de vista a compreensão de sua existência como totalidade em seus diversos campos relacionais. A partir disto, conjuntamente com o cliente, traçar um plano direcionado na busca de satisfação de suas necessidades. Para tal, é necessário que o psicoterapeuta respeite a singularidade e a vontade do cliente, bem como centrar-se na experiência imediata da relação que está sendo construída de forma clara e direta (RIBEIRO, 1999).

Ainda de acordo com Ribeiro (1999), através do contrato estabelecido, apresentam-se como objetivos:

o resgate da pessoa na sua capacidade de se querer bem, de se ver como possível; ajudar a pessoa a lidar consigo mesma e com os outros de forma espontânea e criativa; aumentar a auto-estima e a auto-imagem numa perspectiva de maior contato e encontrar a solução

possível para atender suas necessidades e desejos (RIBEIRO, 1999, p. 138-139).

Para tal, é necessário perceber o suporte interno do cliente, bem como a capacidade do psicoterapeuta em adentrar no universo do cliente e possibilitar intervenções que facilitem as resoluções de suas demandas. Pinto (2009 p. 58), confirmando com Ribeiro, pontua alguns objetivos específicos: “retomada do equilíbrio pré-existente; superação de crise recente; superação de sintomas; facilitação de mudanças; melhorar o diálogo eu-mim, com a conseqüente ampliação do campo de consciência do cliente”. Conforme Ribeiro (1999), em relação à duração da psicoterapia breve, levando em consideração a abertura em suas fronteiras de contato na reestruturação de sua personalidade e do seu tempo vivido, estima-se que o número de sessões aconteça entre quinze (15) a vinte e cinco (25) sessões.

Acreditamos que esta corporificação da Gestalt-terapia, aqui desenvolvida, configure uma boa forma de sustentação teórica para a compreensão e o diálogo com o tema desta pesquisa. No entanto, não perdemos de vista a possibilidade de incluirmos conceitos não descritos até agora e que contribuam para uma compreensão mais ampla dos fenômenos que podem emergir no desvelamento das seqüelas in (visíveis) na subjetividade da mulher que vivencia violência psicológica.

2.1 - CLINICA GESTÁLTICA: A MULHER EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA.

Os precursores da Gestalt Terapia, particularmente Fritz Perls, em nenhum momento esteve vinculado a movimentos de mulheres ou aos movimentos feministas, apesar de em sua autobiografia ter revelado que esteve ligado a movimentos de liberdade existencial (PERLS, 1979). Todavia, o cerne da Gestalt Terapia está diretamente voltado ao processo de contatar do indivíduo com o meio ambiente. Então, como as relações sociais e afetivas acontecem através do contato, iremos dialogar com alguns conceitos da Gestalt Terapia na interface dos saberes que, ao nosso prisma, fazem uma intermediação consistente na compreensão do fenômeno da violência psicológica contra a mulher.

Nos diversos contextos dos movimentos de mulheres e feministas estiveram (estão) presentes (ainda) no campo psicológico das mulheres, o que favoreceu (e) a assimilação de vários introjetos e repercutiu(e) na maneira de contatar consigo mesma e com outras pessoas em seu campo relacional. De acordo com a teoria de Campo de Lewin (1890/1947), o indivíduo estabelece, constantemente, relações com o meio ambiente que o circunda, interferindo na construção da realidade e sendo por ela influenciado, em sub-campos (familiar, afetivo, social, político, sexual, relacional, religioso etc.) que se configuram no espaço vital, dotado de forças propulsoras e frenadoras para obter satisfação de determinada necessidade, seja emocional, física, social, etc. Em diálogo com a premissa acima mencionada, podemos correlacionar alguns aspectos das lutas dos movimentos feministas e sociais às contribuições Gestálticas, por exemplo:

a) o direito ao sufrágio é uma conquista das mulheres, as quais puderam exercer o papel de cidadãs – esse em que até a década de 1930 era inconstitucional, inserido em um contexto sociocultural extremamente árido no que tange ao respeito à cidadania e aos direitos humanos; a direção das forças propulsoras e unificadoras das mulheres promoveu sua inclusão significativa nos campos social e político, partes constituintes da totalidade da pessoa, tendo como elementos figurais a expressividade feminina, o exercício de sua liberdade, de seu poder, escolhas e responsabilidades.

b) Tomemos o patriarcado como um sistema que promulgou as diferenças entre os papéis femininos e masculinos, inculcando normas, regras e valores direcionados à distinção sexual (biológica) e de comportamentos, o que gerou a dicotomia sexista e binária, determinando que compete ao homem o poder, a virilidade e a provisão do lar, e à mulher, a docilidade, a fragilidade e a submissão ao homem. Atribui ao espaço doméstico e privado o lugar da figura feminina e ao espaço público o lugar da figura masculina para a garantia e a manutenção da família.

Dessa forma, a delimitação corrobora para que a falta de liberdade e de expressão das mulheres diante do poderio masculino seja mais premente. Assim, podemos ratificar a opinião de Boris (2004), que argumenta:

entendo que as marcas do padrão patriarcal ainda se manifestam em campos diversos, particularmente através do endosso à sexualidade,

à agressividade e violência masculinas, à estruturação familiar que diferencia os gêneros e à necessidade de que os homens trabalhem sempre para cumprir a provisão das mulheres e dos filhos (BORIS, 2004, p.138).

Perls (1977) sinaliza que nas interações relacionais e sociais, as pessoas desempenham variados papéis, e que os mesmos irão depender de suas necessidades e do campo em situação, como por exemplo: papel de mãe, educadora, atriz, advogada, etc, enfim, são maneiras de manipular o meio e satisfazer suas necessidades. Acresce que, se esses papéis configurarem-se em padrões rígidos em sua maneira de existir para atender cada vez mais ao meio, a sociedade e cada vez menos a si mesmo, distanciando-se de suas reais necessidades e de suas potencialidades, o contato estabelecido consigo mesmo e com os outros tende às distorções de percepção e a contatos disfuncionais. Nesse sentido, os papéis introjetados e vivenciados pelas mulheres, nesse padrão patriarcal, contribuíram para fomentar a desintegração de sua identidade e de sua subjetividade, enquadrando-as em moldes estereotipados, e direcionando-as em suas formas de pensar, sentir e agir, ou seja, cerceando sua liberdade através do controle e do poder e, conseqüentemente, a diminuição de tomada de consciência - parece que é a sutileza da violência psicológica!

c) Nas discussões e proposições realizadas quando da inserção da concepção de gênero no processo de construção identitária e na subjetividade feminina, encontramos proximidade com a compreensão gestáltica em relação ao processo de estruturação da personalidade, pois, “considera o indivíduo uma função do campo organismo/ meio e que considera seu comportamento como um reflexo de sua ligação dentro deste campo, dá coerência à concepção do homem tanto como indivíduo quanto como ser social” (PERLS, 1985, p.39). Portanto, encontramos saberes diferenciados convergindo para uma perspectiva sistêmica e ampliando o entendimento da violência doméstica, não mais com o enfoque sexista, determinista e causal, mas como um fenômeno que é construído de forma integrativa, conforme sua cultura, seu meio social, político, espiritual e psicológico.

Dialogando com Perls, no que se refere aos contatos entre, aqui direcionados, o(s) casal(is), podemos incluir no presente estudo o conceito gestáltico de

agressividade, fundamental para ampliar a percepção e discussão em relação às (in)visíveis sequelas psíquicas na mulher que está em situação de violência psicológica. A agressividade é entendida por Perls como uma força biológica do indivíduo que apresenta uma dupla finalidade: a preservação de si mesmo e a mobilização de atitudes confrontativas do indivíduo, em sua relação com o meio ambiente, na busca de satisfazer suas necessidades. No desenvolvimento da personalidade considera a agressividade uma função de uma energia unificadora e integradora, envolvendo atitudes e impulsos que proporcionam a iniciativa do organismo de contatar o meio e de discriminar o que é nutritivo e o que é nocivo na constituição do seu *self* (PERLS, HEFFERLINE; GOODMAN, 1951/1997; PERLS, 1942/2002).

Assim, na perspectiva Gestáltica, os atos agressivos como a destruição (desestruturação do todo em fragmentos para assimilar como partes de um novo todo); a aniquilação (transformar em nada, rejeitar o objeto e suprimir sua existência); a raiva e a iniciativa tendem a direcionar o indivíduo, em um movimento saudável, ao confronto com o meio na busca de satisfação de suas necessidades. Porém, a inibição desses atos agressivos tendem a produzir atos de violência contra si mesmo, bem como projetá-las no meio (PERLS, 1942/2002).

Deste modo, precisamos diferenciar a agressividade na perspectiva Gestáltica, ora citada acima, do conceito de violência entendida pelo Ministério da Saúde (2005), como: o termo “violência” é de “origem latina, o vocábulo vem da palavra vis, que quer dizer força e se refere às noções de constrangimento e de uso da superioridade física sobre o outro” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005, p. 14). Tal diferenciação torna-se importante, pois em relação à temática desta pesquisa, pretendemos refletir e discutir as (in) visíveis sequelas na mulher, como por exemplo: o medo, baixa-estima e a insegurança, a partir das possíveis inibições das expressões dos seus atos agressivos em relação ao seu cônjuge/companheiro no(s) momento(s) em que escuta xingamentos, calúnias e ameaças, sofrem humilhações e constrangimentos. O que a leva interromper sua agressão? Ou ainda, a não expressão de sua agressividade tende a mantê-la(s) nessa situação de violência contra si mesma? E a impulsioná-la a atos violentos contra o homem?

As diversas formas, (agressivas, violentas, amorosas, respeitosas, etc.) de o indivíduo contatar consigo mesmo, com o outro e com o meio, através de ajustamentos criativos, delineiam a maneira como as pessoas fazem contato, produzem, vivem, se expressam e bloqueiam sua(s) relação(ões) com o(s) outro(s) (RIBEIRO, 2006). Devido às constantes cenas de ciúme, ameaças e coerção do marido/parceiro em relação à mulher, caracterizando a situação de violência psicológica, podemos inferir que aconteça limitação no exercício de suas funções sensoriais, empobrecendo sua percepção e até, por vezes, distorcendo o(s) contato(s) construído(s) consigo e em seus relacionamentos sociais.

Nos excertos de depoimentos abaixo, percebemos a interrupção na função sensorial olhar, o que expressa o exposto:

Eu sempre quando andava na rua, eu andava de cabeça baixa, eu não levantava o olhar pra ninguém. Era como se ele tivesse me vigiando, mesmo eu estando sozinha eu senti o olhar dele em cima de mim e como se eu tivesse desse tamanhinho, bem pequena e tivesse um olho enorme em cima de mim, então eu não olhava pra ninguém, homem nenhum, eu não conseguia ver ninguém, mesmo se eu olhasse pra frente, era eu ficava tão nervosa e apreensiva com o que pudesse acontecer de alguém falar (PAULA)

E quando a gente saia claro que era um transtorno, porque eu ficava o tempo inteiro de cabeça baixa, eu não podia levantar a cabeça, olhar pra frente nem pensar...(MARIA)

A partir da maneira como o *self* estrutura suas relações consigo mesmo, com o outro e com o meio, podemos delinear o estado de saúde ou doença do organismo, o que corresponde à fluidez ou às interrupções que o organismo delibera nas suas identificações ou nas alienações, respectivamente, que acontece em um determinado campo, no tempo presente. Então, se a violência psicológica está presente no campo das relações afetivas, as quais estão permeadas de cerceamento da expressão espontânea e fluídica do *self* impedindo a continuidade de sua estruturação de forma saudável, podemos inferir que as configurações construídas acarretam danos psíquicos imensuráveis no constante processo de estruturação do *self*, o que irá, obviamente, interferir em seus contatos.

Desse modo, o propósito mencionado é direcionado para intervenção no cuidar de mulheres que estão em situação de violência psicológica, propomos que no campo

das ciências humanas e, mais especificamente, no campo da psicologia clínica, a psicoterapia de curta duração gestáltica seja uma das possibilidades nas práticas de saúde e de políticas públicas.

Segundo o dicionário Houaiss (2001), **cuidar** na etimologia latina significa “agitar no espírito, remoer no pensamento, pensar, meditar, projetar, preparar”, e ainda, “fazer, realizar (alguma coisa) com atenção (cuidava bem de uma de suas missões); tratar (da saúde, do bem-estar, etc.) de (pessoa ou animal) ou (da aparência, conservação, etc.) de alguma coisa; tomar conta” e **intervenção**, também uma palavra latina, significa “ato de intervir; ato de emitir opinião, contribuir com idéias” (HOUAISS, 2001).

De acordo com Pinto (2009, p. 50,51), a psicoterapia de curta duração “tem por finalidade oferecer ao cliente a possibilidade de vivenciar uma situação especial em um contexto relacional de aceitação e confiabilidade, no qual ele possa chegar a uma formulação pessoal do conflito e re-estruturar sua vivência frente a uma situação emocional antes dolorosa”.

Conforme os depoimentos abaixo, percebemos a eficácia da psicoterapia no processo de ampliação da consciência de si mesma e das relações que estabelece, favorecendo o fortalecimento de seu *self* suporte, o que, contribui para realizar escolhas criativas e funcionais em sua existência.

Aqui no Centro com a psicóloga, eu consegui um equilíbrio, entendeu, pra lidar com isso, porque não tinha idéia do que fazer...[...]eu digo que aqui no Centro é um cantinho meu, sabe...quando você está oprimida, você sabe que tem alguém ali que está disposto pra você, a te ouvir, ta disposto (PAULA).

É uma maneira que eu tenho de colocar o que eu penso, o que eu acho...aí ela vem e diz assim mesmo, pode ser assim, aí tu começa a questionar coisas, tu começa a perceber coisas que tu podes fazer, que de repente tava ali e tu não fez porque alguém não disse assim que tal se fosse dessa maneira (NAZARÉ)

Tá me ajudando muito, é. Me ajuda bastante, porque é uma hora que a gente tem pra falar do que aconteceu, de tentar entender o porque que a gente chega, se deixa violentar desse jeito, é um aprendizado, é uma hora que eu também penso e tento, é organizar minha nova vida. Né, eu tento fazer dessa única hora que eu tenho aqui, tirar o máximo proveito que eu posso (MARIA).

Assim, através do fortalecimento dos movimentos feministas, das denúncias realizadas e de concomitantes conquistas no espaço público e governamental, ocorreu (e) a reversibilidade da invisibilidade para a visibilidade da violência psicológica vivenciada por mulheres. Torna-se importante a inclusão da psicoterapia breve como estratégia efetiva na saúde e nas políticas públicas, as quais promulgam intervenções no cuidar da mulher, possibilitando ajustes mais saudáveis consigo mesma e em suas relações.

III. PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Remeter à construção do conhecimento requer que explicitemos as especificidades dos métodos que foram escolhidos para compreender e apreender o objeto investigado nesta pesquisa científica, a violência psicológica contra a mulher, assim como justificá-los em sua utilização, o que deve nortear a pesquisa de forma consistente.

Desta maneira, ocorreu no final do século XIX, nos Estados Unidos, o início da prática do método qualitativo, em pesquisas isoladas dentro de uma perspectiva Sociológica e, de maneira mais sistematizada, no início do século XX, no campo da Antropologia. Foi utilizado o modelo etnográfico de pesquisa social e, posteriormente, tal método foi aplicado na Psicologia a partir das ciências sociais. Tal movimento é concomitante ao surgimento das ciências do homem, que o adotam como seu objeto de investigação, com suas particularidades e subjetividades, as quais, até então, eram consideradas desnecessárias, pois o universo da pesquisa estava completamente direcionado pela pesquisa quantitativa, a qual atendia aos parâmetros quantificáveis, mensuráveis e objetivantes, condições necessárias para exprimir o caráter científico da época, norteadas pelo modelo positivista (REY,2002).

A pesquisa qualitativa visa compreender o objeto em sua singularidade através dos sentidos e significados que são atribuídos pelo sujeito. AQUI é norteadas pela fenomenologia, que propõe a descrição do fenômeno, sendo este entendido como o que se manifesta a consciência, no imediato do vivido, visando à compreensão do significado;

Segundo Turato (2003) e Moreira (2002), são características fundamentais da pesquisa qualitativa: interesse na interpretação, na subjetividade, na descrição dos fenômenos que são significados pelo sujeito, na indução, na flexibilidade no processo de condução da pesquisa, na ênfase no processo da pesquisa, na contextualização do sujeito que está sendo investigado e na influência que o pesquisador exerce na pesquisa, assim como é, também, influenciado, ocorrendo a intersubjetividade entre o pesquisador e o pesquisado.

Tal maneira de compreender o homem na expressão de suas significações em relação ao seu vivido é corroborada por Rey (2002) em seus estudos, pois preconiza a premente importância de adotar na pesquisa qualitativa, uma epistemologia clara e consistente, que privilegie a investigação sobre a construção da subjetividade, atrelada à historicidade do sujeito, com enfoque sociocultural, enfatizando o caráter processual da pesquisa.

No âmbito desta dissertação de mestrado, a metodologia clínico-qualitativa, permitiu investigar e compreender alguns fenômenos que acontecem no universo psicológico da mulher submetida a violência doméstica. Na operacionalização do método, a postura do pesquisador é de fundamental importância, já que irá partir dele o início da construção do vínculo necessário para que o pesquisado sinta-se a vontade para revelar sua história de vida. Participa de forma atuante na pesquisa, pois ao mesmo tempo em que observa está também se observando como pessoa, impactado pela realidade que está investigando, estabelecendo uma relação paritária com o sujeito. Para tal, precisa delimitar claramente o objeto de sua pesquisa, definir o problema, que poderá ser alterado, dependendo do que acontecer durante o processo, a duração do tempo de observação, as técnicas e os procedimentos que serão utilizados e conhecer o setting natural onde a pesquisa irá acontecer (TURATO, 2003).

Na concepção de Turato (2003), é atribuída a pessoa do investigador:

Como o instrumento principal da coleta e registro de dados em campo, já que suas percepções é que apreendem os fenômenos e sua consciência os representa e os elabora, enquanto os roteiros, tais como da entrevista semidirigida de questões abertas, servem apenas de instrumentos auxiliares (TURATO, 2003, p. 257).

No processo de investigação a entrevista “caracteriza-se como um encontro interpessoal preestabelecido” (TURATO, 2003, p.310), utilizada como um dos instrumentos técnicos do pesquisador para apreender os sentidos e significados dos fenômenos desvelados pelo sujeito pesquisado. Na pesquisa, utilizamos a entrevista semidirigida com perguntas abertas como técnica para a coleta de dados.

Quanto as análises também recorreremos a fenomenologia e a hermenêutica do discurso, conforme Ricouer (1975). A significação dos discursos das participantes, revelados através da linguagem verbal e não-verbal foi interpretada considerando a

dialética do evento e da significação e o caráter discursivo da linguagem. O evento se caracteriza “no fato de alguém falar, de alguém se exprimir tomando a palavra” (RICOUER, 1975, p. 46), ocorre no tempo presente, favorecendo o diálogo construído através do discurso em que é expresso e descrito o mundo vivido do ser, enquanto a significação denota a compreensão do discurso como evento, pois o evento tem caráter efêmero, ao contrário de sua significação. Ricouer (1975, p. 47) pontua ainda que “é na lingüística do discurso que o evento e o sentido se articulam um sobre o outro”.

Além disso, no sentido de compreender os significados através do discurso, Ricouer (1975) apontou a importância de identificar na constituição do ato do discurso uma hierarquia de atos subordinados em três níveis: a) nível do ato locucionário ou proposicional: “é o ato de dizer” (RICOUER, 1975, p. 48), é o ato dito na frase enquanto proposição; b) nível do ato ilocucionário: “é aquilo que fazemos ao dizer” (RICOUER, 1975, p. 48), pode-se identificar na frase por seu predicado de ação, pelos paradigmas gramaticais (modo indicativo, imperativo, etc.), bem como, pela expressão não-verbal através de gestos e mímicas; c) nível do ato perlocucionário: “é aquilo que fazemos pelo fato de falar” (RICOUER, 1975, p. 49), ou seja, é a ação direta do discurso que influencia nas emoções do interlocutor.

Na relação pesquisador-pesquisado, a comunicação através do não-verbal, da fala, da linguagem enquanto discurso revelador de cada experiência vivida torna-se imperiosa, pois a percepção, a escuta e o olhar do pesquisador no momento da coleta de dados está diretamente relacionado com a compreensão dos significados que irá ter do fenômeno investigado. Outrossim, na perspectiva interrelacional da comunicação, dialogamos com o que pontua Sampaio (1991) no que se refere a relação entre os fatores da comunicação verbal (remetente, destinatário, contexto, mensagem, contato e código) e as funções de linguagem (emotiva, conativa, referencial, poética, fática e metalingüística) como constituintes dos atos de linguagem. Dessa forma, a rede de comunicação que o pesquisador constroi perpassa não somente com o pesquisado, como também por toda a teia relacional necessária a execução da pesquisa.

Os procedimentos da pesquisa incluíram submeter o projeto ao Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (UFPA) para obter

autorização para a coleta de dados, bem como da instituição selecionada, o Centro de Referência Maria do Pará.

Seguindo a etapa de aculturação e ambientação de Turato (2003), foram realizadas visitas ao Centro de Referência Maria do Pará com o intuito de conhecer o funcionamento da instituição e os trâmites internos para a realização da pesquisa. No primeiro momento, foi exposta a coordenação do Centro e a equipe técnica o objetivo da pesquisa, que se destinava a compreender o vivido das mulheres que estavam em situação de violência psicológica a partir de uma pesquisa interventiva com a criação de grupos psicoterápicos de curta duração. Porém, com o decorrer das visitas e nos diálogos com as psicólogas foi visualizada a impossibilidade para tal, devido o fator tempo para operacionalização da pesquisa e pelo fato da pesquisadora não ter vinculação institucional, interferir na continuidade do processo, caso houvesse necessidade.

Posteriormente, participamos como observadora, de três entrevistas de acolhimento realizadas pelos técnicos, bem como, no papel de observadora-participante, durante quatro sessões, em um grupo de reflexões com temas escolhidos pelas participantes (cinco mulheres). A intenção era que, a partir da proximidade e vinculação, convidar as mulheres deste referido grupo para fazer parte da pesquisa, através de entrevistas individuais. Porém, aconteceu desmobilização do grupo devido retorno de duas mulheres para seus respectivos locais de origem (estavam abrigadas), evasão e a escolha em continuar somente com a psicoterapia individual. Nas duas atividades, fomos apresentadas como pesquisadora e solicitado às mulheres atendidas a permissão de nossa participação. Com a desmobilização do grupo (e a nossa também), retornamos ao diálogo com as psicólogas e partimos para outra estratégia de ação: solicitamos as psicólogas que estavam no Centro para que a partir de seus atendimentos psicoterápicos individuais, fosse realizada indicação de mulheres que traziam em seus depoimentos a situação de violência psicológica e incluída na faixa etária solicitada.

Desta forma, identificamos e convidamos três mulheres para participar da pesquisa, segundo o perfil de inclusão na amostra: disponibilidade para a pesquisa, faixa etária de 25 a 45 anos, que esteve ou está vivenciando situação de violência

psicológica com seu marido/companheiro. Com a aceitação e permissão das participantes, foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e realizado as entrevistas semidirigidas que continham perguntas abertas, com questões norteadoras na temática investigada, possibilitando a livre expressão de seus discursos, nos quais foram revelados os significados de suas vivências. Tais entrevistas foram gravadas, cujas informantes foram devidamente resguardadas em suas identidades, prezando o sigilo e a ética; posteriormente foram transcritas e analisadas. O local da realização das entrevistas foi um dos consultórios do Centro de Referência Maria do Pará. É nosso compromisso a devolução de um relatório para as participantes e direção do Centro.

Para fins de apresentação do material coletado, no processo de identificação das participantes, usamos a nomenclatura “P” para a pesquisadora e outra letra maiúscula para designar o nome fictício escolhido pelas participantes, sendo PA de Paula, N de Nazaré e M de Maria. Cabe ressaltar que durante as entrevistas, as participantes estavam em processo psicoterápico individual de curta duração.

Finalizando a análise, fizemos uma síntese das unidades de significado, funções e atos do discurso (RICOEUR, 1975, MARTINS; BICUDO, 2005), bem como, utilizamos conceitos gestálticos. Apresentaremos na seção seguinte, uma breve descrição das participantes, análise e discussão dos dados.

IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao iniciarmos esta seção, iremos descrever alguns dados que foram coletados em relação às participantes desta pesquisa, bem como, o processo das entrevistas. Como o critério para escolha já foi citado anteriormente, passo a descrevê-las, na ordem em que foram entrevistadas:

1- Paula, 35 anos, solteira, morena, 2º grau incompleto, autônoma (trabalha em casa, como professora particular de ensino infantil). Atualmente mora com os dois filhos, sendo um da primeira relação e outro da segunda relação. Manteve relacionamento permeado por todos os tipos de violência doméstica durante oito anos com Eduardo, o qual tinha outra família antes de começarem a relação e continuou mantendo durante a relação com Paula. O mesmo frequentava a casa de Paula diariamente. Foi encaminhada pela Delegacia Especializada em Atendimento a Mulheres ao Centro de Referência Maria do Pará, após ter vivenciado tentativa de homicídio. Está em atendimento psicoterápico grupal e individual. Os dois filhos de Paula também foram atendidos pela psicóloga.

2 - Nazaré, 43 anos, casada há 20 anos, dois filhos, parda, 3º grau completo, engenheira agrônoma, atualmente trabalha como autônoma em escritório de representação comercial, junto com seu marido. Foi encaminhada pela Delegacia Especializada em Atendimento a Mulheres ao Centro de Referência Maria do Pará, após ter vivenciado tentativa de agressão física. Está em atendimento psicoterápico individual.

3 - Maria, 32 anos, solteira, um filho, parda, 3º grau completo, psicóloga, atualmente está desempregada. Mora com a mãe. Manteve relacionamento de namoro com Mário durante nove anos, sendo que a violência psicológica esteve presente desde o primeiro ano de namoro. Foi encaminhada pelo Juizado da Vara de Família ao Centro de Referência Maria do Pará. Está em atendimento psicoterápico individual.

Dentre as três participantes, somente Maria apresentou em seus discursos indicativos de ter vivido situações de violência psicológica. Porém, durante as entrevistas com Paula e Nazaré, esse fenômeno foi revelado com bastante frequência. Tais entrevistas aconteceram através dos contatos realizados com as respectivas

psicólogas e posterior contato telefônico da pesquisadora para marcar data e horário convenientes. Vale ressaltar que devido a pesquisadora estar ambientada no Centro de Referência Maria do Pará tanto no que se refere às visitas técnicas como em eventos comemorativos (Dia das Crianças, Natal, Dia da Mulher, etc.) promovidos pelo Centro desde Setembro/2008, já existia um breve contato com as participantes. O número de entrevistas variou de uma a três, com duração de uma a duas horas, de acordo com a necessidade da participante e da pesquisadora. O período das entrevistas foi variável, elas ocorreram em Janeiro/Fevereiro/Agosto/Novembro/2009, em virtude da disponibilidade da psicóloga para indicação, tempo tanto da pesquisadora como das participantes para marcar as entrevistas, etc.

No cenário mundial, a variedade de movimentos feministas relacionados com movimentos sociais, políticos, ideológicos e suportes teórico-metodológicos descortinaram a violência física perpetrada pelo homem contra a mulher. Nesse sentido, revelaram os bastidores do privado ao público, através de constantes e inúmeras denúncias, e alavancaram com ações interventivas, através de políticas públicas, extraídas das conferências, convenções, etc. e traduzidas em leis para garantir os direitos humanos e coibir tal ato que estava (ainda está?) se constituindo em um fenômeno naturalizado em seu essencialismo (SILVA, 1992; PINTO, 2003; NARVAZ; KOLLER, 2006).

Segundo Teles e Melo (2003), um marco na história de conquistas das mulheres na efetivação de políticas públicas ocorreu na Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher/1994, conhecida como Convenção de Belém do Pará. Em tal Convenção, foi incluso no cap. I, Art. I a violência psicológica como uma das modalidades de violência contra a mulher. Contudo, é somente na Lei 11.340/2006, Art. 7º, II, que qualifica a violência doméstica e familiar contra a mulher, que encontramos a definição de violência psicológica,

como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo a saúde

psicológica e à autodeterminação (BRASÍLIA- LEI MARIA DA PENHA – SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. 2006, p. 17)

Na tipologia proposta por Minayo (2006), a violência psicológica caracteriza-se como violência interpessoal no âmbito intrafamiliar, manifestada em “agressões verbais ou gestuais como o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a vítima, restringir a liberdade ou ainda, isolá-la do convívio social” (MINAYO, 2006, p. 82).

A seguir, nos depoimentos das participantes transformados em unidades de significado, revelam seus vividos através dos atos locucionários, ilocucionários e perlocucionários. Percebemos, paradoxalmente, que os atos expressivos são marcados pela não expressão de seus sentimentos, pensamentos e falas, pelo cerceamento de sua liberdade e de seus direitos como cidadãs.

4.1 - AS DIVERSAS EXPRESSÕES DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

A) A Invisibilidade da Violência Psicológica

Segundo Minayo (2006), a violência psicológica caracteriza-se por ser sutil e silenciosa, acrescenta ainda que pelo fato de acontecer principalmente no espaço intrafamiliar, entre quatro paredes, dificulta sua divulgação. Por sua vez, Hirigoyen (2006), pontua que a violência psicológica está presente em todos os outros tipos de violência e propõe conceitualmente que o ciclo da violência psicológica é expresso em quatro fases: da tensão, da agressão, das desculpas e da reconciliação. Sinaliza que tal ciclo se desenvolve de maneira repetitiva, pernicioso e prejudica a saúde mental da mulher. Assim, podemos perceber nos depoimentos de Paula, Nazaré e Maria:

Não, eu não tinha noção, eu já vim observar que ele sentia prazer, ele só se conformava, ele só parava de falar quando eu chorava (OLHOS MAREJADOS) antes no início do relacionamento, ele falava as coisas e eu chorava. Eu sentava ele pra conversar, entendeu? Pedia pra ele parar com isso, porque não tinha sentido, porque era pra gente viver bem, ele amenizava, passava uns dias ele começava de novo ,né (PAULA).

Na realidade o psicológico mesmo era na brincadeira dizendo Ah porque tu não queres fazer nada, que tu és preguiçosa aí quer dizer

para a mulher que trabalha fora, estuda, cuida de casa é meio complicado você ouvir isso da pessoa que tá ali que pode te ajudar que seria o correto né?...Depois com o tempo que cai a ficha e tu vai pensando a tua vida toda, quando tu entra num processo desse de ir numa delegacia e perguntar o por quê da situação chegar a esse ponto é que vai caindo a ficha pra ti, pô ele me chamava disso e aquilo e eu ficava calada, não falava nada (NAZARÉ).

Depois de acho que 4 meses mais ou menos foi que as coisas foram começando, mas sempre muito sutil. Primeiro era um grito aqui, era uma desconfiança ali. A violência psicológica, contrária da violência física, talvez, às vezes eu penso assim, se eu tivesse pegado um tapa na cara eu tivesse acordado mais cedo e eu não peguei esse tapa na cara (choro) ...eu não cheguei a ser espancada, é um tipo de violência que a gente mais conhece, a violência psicológica ela é difícil por conta disso... é porque a gente nunca sabe quando a gente é vítima. Não sabia que existia violência psicológica nem violência moral, sobre a violência, não tinha conhecimento até porque o que é divulgado é só a violência física e a violência sexual...[...] . [...]Esses xingamentos eram tudo quando a gente tava só. Quando a gente tava no meio dos outros não tinha isso (MARIA).

Na análise Gestáltica e na interpretação dos discursos das 3 participantes, percebemos como figura, um fenômeno que se sobressai diante de um fundo (RIBEIRO, 1985), a invisibilidade da violência psicológica manifestada por diferentes configurações em seus ajustes criativos, que segundo Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) é a maneira que o organismo encontra para satisfazer suas necessidades. No momento em que **Paula** fala (ato locucionário) como emissora emotiva, que segundo Sampaio (1991), é o elemento que emite a comunicação centrada na primeira pessoa, expressa sua emoção através de seus olhos marejados (ato ilocucionário) o que aponta significado de tristeza por ter vivido tal situação: “*não, eu não tinha noção, eu já vim observar que ele sentia prazer, ele só se conformava, ele só parava de falar quando eu chorava..*”, podemos perceber distorção em seu campo perceptual na dimensão cognitiva e emocional, pois não percebia o “como” estava se relacionando com seu parceiro de forma repetitiva na busca de encontrar satisfação, porém o que estava vivenciando era sofrimento. Relacionando-se dessa forma, Paula revelou que estava com sua *awareness* comprometida, bem como, evidencia em sua fala a vivência do ciclo da violência psicológica citado por Hirigoyen (2006). Entende-se por

awareness “o processo de estar em contato vigilante com os eventos mais importantes do campo indivíduo/ambiente, com total apoio sensorimotor, emocional, cognitivo e energético” (YONTEF, 1998, p.31).

De acordo com Sampaio (1991), o fator de comunicação destinatário relacionado com a função da linguagem conativa, denota a pessoa a quem é dirigida a comunicação centrada na segunda pessoa do discurso. Encontramos no discurso de **Nazaré**, tanto a comunicação destinatário conativa em seu ato locucionário, *“Ah porque tu não queres fazer nada, que tu és preguiçosa”*, bem como, a emissora emotiva expressa em seu ato perlocucionário: *“ele me chamava disso e aquilo e eu ficava calada, não falava nada”*. Podemos inferir ainda, na perspectiva Gestáltica que Nazaré funcionou de maneira deflexiva. Segundo Ribeiro (1997) é a pessoa que evita entrar em contato com sentimentos e situações, no momento que relata *“na realidade o psicológico mesmo era na brincadeira”*, como também expressa na mesma fala a ampliação de *awareness*: *“depois com o tempo que cai a ficha e tu vai pensando a tua vida toda, quando tu entra num processo desse de ir numa delegacia e perguntar o porquê da situação chegar a esse ponto é que vai caindo a ficha”*.

No ato locucionário de **Maria**, *“depois de acho que 4 meses mais ou menos foi que as coisas foram começando, mas sempre muito sutil. Primeiro era um grito aqui, era uma desconfiança ali”*, encontramos a silenciosa e sutil invisibilidade da expressão da violência psicológica (MINAYO, 2006) e a manifestação do ciclo de violência (HIRIGOYEN, 2006), em forma de função emotiva (eu) e em ato ilocucionário (choro), no momento que pronuncia: *“às vezes eu penso assim, se eu tivesse pegado um tapa na cara eu tivesse acordado mais cedo e eu não peguei esse tapa na cara (choro)eu não cheguei a ser espancada, é um tipo de violência que a gente mais conhece, a violência psicológica ela é difícil por conta disso... é porque a gente nunca sabe quando a gente é vítima”*. Inferimos que Maria não aceite ter vivenciado a violência psicológica por tanto tempo, manifestando sofrimento e dor em seu relato.

Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) definem *self* como o sistema de contatos que acontece nas fronteiras de contato com o meio ambiente, assimilando o “alimento” nutritivo e rejeitando o nocivo. Referendado por essa definição inferimos que **Paula, Nazaré e Maria** estruturam seus *selfs* de maneira distorcida, pois adotam uma

deliberação egóica em assimilar introjetos (RIBEIRO, 1997), nocivos a sua identidade, o que possibilita o estabelecimento de ajustes disfuncionais, que segundo Kiyon(2001) caracteriza-se por ajustamentos padronizados e cristalizados ao atendimento de suas demandas internas e relacionais. Entretanto, trata-se do seu ajustamento possível, embora disfuncional.

B) Humilhações e Constrangimentos

Segundo o Dicionário Houaiss, humilhar significa: “vexar, rebaixar, oprimir, abater, referir-se com menosprezo” (HOUAISS, 2001). E constrangimento como “situação ou estado de quem foi constrangido, violentado. Violência, coação. Insatisfação, desagrado” (HOUAISS, 2001). Na perspectiva Gestáltica, a construção dos relacionamentos afetivos calcados em constantes estados de humilhação e constrangimentos tende a ser construído através de contatos interrompidos na expressão da agressividade da mulher. Tal agressividade está baseada na perspectiva Gestáltica de atuar como uma função de energia unificadora e integradora no contato do organismo como meio ambiente, através de atitudes e impulsos que proporcionam a discriminação do que é nutritivo e o que é nocivo na constituição do *self* (PERLS, HEFFERLINE, GOODMAN, 1951/1997; PERLS, 1942/2002). Assim, a expressão interrompida da atitude agressiva, ou seja, em não rejeitar o que é nocivo (humilhações e ameaças) para si mesma, possibilita com que essa energia agressiva retorne para si mesma, geralmente, em forma de sintomas. Tal ajuste caracteriza o mecanismo de retroflexão, definido por Ribeiro (1997, p.44) como “desejo ser como os outros desejam que eu seja, ou desejo que eu seja como eles são, dirigindo para mim mesmo a energia que deveria dirigir a outrem”.

Do mesmo modo, percebemos interrupções na expressão de sua afetividade e na sua percepção figural, o que repercute na dificuldade em discriminar sua figura emergencial em um dado fundo e provoca distorções nas deliberações em relação ao marido/parceiro e com as outras pessoas, o que concomitantemente, interfere na maneira de se perceber, sentir e tomar atitudes frente a situação de violência e em seu convívio social. A *aware* está empobrecida e disfuncional, pois o contato construído

não está satisfazendo as suas necessidades. Ou ainda, podemos questionar na situação de violência psicológica, até que momento o contato disfuncional não está sendo funcional para a mulher? Qual sua função em tal relação?

A seguir, os depoimentos revelam como a violência psicológica provoca estragos desastrosos na construção de seu *self* e na expressão de sua subjetividade:

ele queria implicar mesmo comigo, porque ele queria que eu reagisse e ele me destratava, qualquer coisa que eu falasse era motivo para ele me destratar e no final das contas eu saía sempre machucada, assim emocionalmente um bagaço, PAUSA uma tortura pra mim, PAUSA pra mim eu já tinha pagado minha conta, então eu apanhei, sofri humilhações de todas as maneiras VOZ EMBARGADA PELA EMOÇÃO ele era literalmente o meu castigo, na minha cabeça (PAULA)

Esse período foi de quatro anos, então quando ele começou esse envolvimento que eu não posso afirmar essas saídas dele pra lá, ele começou a ficar diferente em casa, de que maneira, agredindo verbalmente a gente ,né a gente eu digo eu e meus filhos, dizia que o fulano era melhor que vocês, que a família da pessoa era melhor que a nossa (NAZARÉ)

Durante esses nove anos a minha relação com essa pessoa sempre foi muito permeada de violência psicológica. Então era sempre nos gritos, eu era humilhada, eu era insultada de todos os jeitos VOZ EMBARGADA PELA EMOÇÃO Eu era uma puta, eu era uma safada...CHORO Com dezessete dias de operada eu tive que sair pra uma peregrinação num sol de três horas da tarde, com bebê de colo, porque ele queria mostrar o filho dele na rua onde ele morava, em todas as casas que eu fui, foram quatro horas de tortura, quatro horas que eu fui humilhada, da hora que eu sai a hora que eu cheguei na minha casa, ele dizia eu era uma péssima mãe, eu não prestava pra nada, porque o meu filho era tolo, meu filho era mal educado, ele chorava a toa. (MARIA)

Nos depoimentos de Paula e Maria, percebemos a expressão congruente entre os atos locucionários e ilocucionários, revelados através das pausas em suas falas e da emoção quando relembram as experiências de humilhações, xingamentos e constrangimentos. Como nos conta **Paula**, “*eu saía sempre machucada, assim emocionalmente um bagaço, PAUSA uma tortura pra mim, PAUSA pra mim eu já tinha pagado minha conta, então eu apanhei, sofri humilhações de todas as maneiras VOZ EMBARGADA PELA EMOÇÃO ele era literalmente o meu castigo*” e **Maria**, “*então era sempre nos gritos, eu era humilhada, eu era insultada de todos os jeitos VOZ EMBARGADA PELA EMOÇÃO Eu era uma puta, eu era uma safada...CHORO*”.

Percebemos através de suas falas e de suas emoções, o quanto ainda estão mobilizadas e fragilizadas pelos vividos de violência psicológica, revelando dor, revolta e sofrimento.

Compreendemos ainda que, na comunicação estabelecida Paula, Nazaré e Maria (nessa situação como destinatárias) e seus respectivos companheiros (como remetentes) expressada através das funções emotiva e referencial (centrada na terceira pessoa do discurso, Sampaio (1991), desvela-se os atos perlocucionários vividos pelas mesmas, como nos descrevem: *“ele queria implicar mesmo comigo, porque ele queria que eu reagisse e ele me destratava, qualquer coisa que eu falasse era motivo para ele me destratar” (Paula)*; *“ele começou a ficar diferente em casa, de que maneira, agredindo verbalmente a gente ,né a gente eu digo eu e meus filhos, dizia que o fulano era melhor que vocês, que a família da pessoa era melhor que a nossa”(Nazaré)* e; *“ele dizia eu era uma péssima mãe, eu não prestava pra nada, porque o meu filho era tolo, meu filho era mal educado e chorava a toa”(Maria)*.

C) Isolamento Social

O isolamento é uma das queixas expressadas por mulheres que vivenciam violência psicológica por conta de motivos variados: vergonha, culpa, medo de represálias, etc. Tal queixa está caracterizada no Art. 7.º, II, da Lei 11.340/2006.

Segundo Perls (1951/1997), a existência humana é relacional. O contato é gerador de descobertas sobre si mesmo e sobre o outro, pois é no “entre” que a existência ganha sentidos e significados. Sem contato, há o empobrecimento dos campos perceptual, cognitivo e emotivo. Corroborando com o pensamento acima, Hycner (1995) nos diz que sem o outro a validar e a possibilitar a percepção do que é diferente de mim mesmo e, ao mesmo tempo, semelhante, há grande possibilidade de distanciamento de si mesmo e, conseqüentemente, do outro. Entretanto, é necessário dimensionar o lugar do outro no que tange à conjugalidade, pois segundo Miller (1995), face às idealizações do amor romântico e do mito da completude, na primeira década do século XXI, algumas mulheres ainda se submetem a busca de “agradar” o homem, temendo “perdê-lo”. Desta forma, instalam-se relações verticalizadas entre os gêneros.

Dialogando com Ribeiro (1997), em relação aos mecanismos de defesa no processo de contatar com as outras pessoas, remetemo-nos ao funcionamento introjetivo que consiste em “obediência e aceitação de opiniões arbitrárias, normas e valores que pertencem aos outros, não consegue defender seus direitos por medo de sua agressividade e da dos outros” (RIBEIRO, 1997, p. 43), e ao funcionamento projetivo como “dificuldade de identificar o que é meu, atribuo ao outro, bem como a responsabilidade pelo que faço” (RIBEIRO, 1997, p. 44), podemos inferir nas relações de Paula, Nazaré e Maria, tais funcionamentos apresentam-se como figuras preponderantes, pois, introjetam de seus pares, normas, valores e atitudes e ao mesmo tempo, projetam neles a responsabilidade de suas ações, delegando ao outro o poder de decidir sobre um exercício fundamental no processo de crescimento, individuação e maturidade: o contato. É ainda possível perceber o funcionamento confluyente, conceituado como “processo pelo qual a pessoa se liga fortemente aos outros, sem diferenciar o que é seu do que é deles, diminui as diferenças para sentir-se melhor e semelhante aos demais” (RIBEIRO, 1997, p. 48-49), pois aceitando as imposições do outro, conforme os depoimentos abaixo tendem a distanciarem-se de si mesmas e perderem-se no outro.

Encontramos nas manifestações dos atos locucionários (falas) e ilocucionários (pausas entre as falas, choro, apertando as mãos, olhos marejados) das participantes, através da função emotiva, a existência permeada pelo cerceamento do direito de ir e vir, nas restrições dos contatos com a família, com colegas e amigos, na perda da espontaneidade e na companhia da solidão. Podemos inferir as experiências significadas de dor, angústia e medo. Como nos contam:

eu não saia para canto nenhum, eu mal ía na casa dos meus parentes para cumprimentá-los e voltava para casa com meus filhos e isso não valia pra ele, pelo contrário, era mais um motivo para ele me bater, me humilhar, me chamar de vagabunda.....(CHORO) quando ele não estava às pessoas chegavam até a minha casa, minha mãe, minha avó, meus irmãos, mas quando ele tava ninguém chegava perto, ninguém gostava dele porque sabiam o que ele fazia na rua e me viam triste e não gostavam (PAULA)

Eu me afastei simplesmente me afastei pra não magoar as outras pessoas, porque eu sentia que ia magoar e então pra não magoar eu me afastei (PAUSA/ APERTANDO AS MÃOS) tava tão pesado dentro

de casa que eu já tava agredindo pessoas que não tinham nada a ver ... e incrível que antes do casamento eu era bem espontânea, falava com todo mundo, e eu falo ainda, né, então eu falei para ele assim que ele conseguiu me travar e eu to tentando me destravar (NAZARÉ)

Eu era uma pessoa viva antes, mas depois que começou essa relação eu perdi amigos,(PAUSA, EMOÇÃO), olhar eu deixei de ter amigos, eu deixei de sair, eu deixei de me relacionar, com homem então nem se fala, se eu quisesse ter um amigo homem tinha que dizer que esse amigo homem era mulher, porque se não eu tava com certeza ficando com esse homem que era meu amigo (MARIA).

D) Isolamento Emocional

A Gestalt terapia preconiza o homem como um ser biopsíquicosociocultural e espiritual. Tais dimensões estão inter-relacionadas na dinâmica figura-fundo na estruturação da personalidade. Portanto, a interferência em uma parte implica em reverberações em sua totalidade (RIBEIRO, 1985). Do mesmo modo, compreendermos que as interrupções ocorridas no processo de contatar das mulheres que estão em situação de violência psicológica implicam não somente em seu isolamento social, como descrito acima, mas também em seu isolamento emocional. Aliás, nesse cenário da violência doméstica, os danos psíquicos provocados pela violência psicológica parecem configurar como fundo, o que vem denotar a questão da invisibilidade de tal violência.

Na dinamicidade dos mecanismos de defesa no processo de estruturação do *self* através dos contatos relacionais, percebemos o funcionamento deflexivo, conceituado por Ponciano (1997, p. 43) como a "evitação do contato pelos vários sentidos, desperdício de energia na relação com o outro, de maneira vaga e geral, contato indireto, palavreado vago ou polido demais", bem como, a retroflexão como ajustes figurais nas formas que Paula, Nazaré e Maria encontraram para lidar com as diversas formas de violência psicológica vividas por elas mesmas.

Meu olhar era sempre triste (CABEÇA BAIXA), eu procurava disfarçar para as pessoas, procurava não passar meus problemas (PAULA)

Eu ainda conseguia controlar o emocional (PAUSA)eu não posso entrar em depressão, eu tenho que comer nem que seja alguma coisa (PAUSA) e a depressão o que é que é, é uma doença que tu não ta

vendo, ela te consome por dentro e só tu pode resolver, as outras pessoas ao teu redor não conseguem, então foi por conta disso, então eu não podia entrar na depressão (RISOS),..... eu só sei que eu me isolei.... o que eu passo e o que deixo de passar pra eles (BATE UMA MÃO NA OUTRA), eu também não vou comentar, não comento, eles não sabem (NAZARÉ)

Eu chorava muito e eu ligava pra uma amiga minha chorando muito, de madrugada, porque em casa ninguém podia ver que eu estava triste, eu não queria que ninguém visse que eu estava triste, que eu tava sofrendo, (OLHAR MAREJADO) eu tinha apostado tanto que ia dar certo, eu tinha tanta certeza que ia dar certo que não queria que ninguém soubesse da minha infelicidade....eu não queria escândalo, eu não queria que ninguém soubesse que eu estava sofrendo (MARIA)

No que se refere aos atos e funções de linguagem, percebemos na função emotiva congruência nos atos locucionários, ilocucionários (choro, pausas entre as frases, bater as mãos, olhar marejado) e perlocucionários expressados pelas participantes quando relembram situações que tiveram que disfarçar, conter e omitir suas emoções perante os outros e, até para si mesmas, para enfrentar as expressões de violência psicológica perpetradas contra elas por seus companheiros/cônjuges. Porém, encontramos em um determinado momento do discurso de Nazaré, incongruência em seus atos locucionários e ilocucionários quando sorri enquanto fala de sua luta para não deprimir. Podemos hipotetizar que Nazaré apresente dificuldade de entrar em contato com tal situação e emoção.

E) Ciúme Entre Os Pares

Atitudes de confiança e de respeito pelas expressões singulares do outro constituem critérios fundamentais para o estabelecimento de relações autênticas e harmoniosas. A ausência de tais atitudes pode se manifestar através de acusações verbais contaminadas pelo ciúme, pelo desrespeito e pela desconfiança, que tendem a construções relacionais disfuncionais e destrutivas (MILLER, 1995; PERLS, HEFFERLINE, GOODMAN, 1951/1997). Para Miller (1995, p. 54), “o ciumento se esforça por sufocar a parceira e manter-se por perto. Seus compulsivos interrogatórios e pedidos sem fim de confissões e garantias de fidelidade são tentativas de controlá-la, para substituir a vontade dela pela sua própria”. Neste cenário, podemos dialogar com Foucault (1984), que preconiza o exercício do poder nas relações interpessoais, e especificamente nas relações afetivas, no sentido de ser proprietário do outro,

escolhendo e decidindo o direcionamento de sua vida. Percebemos tais vividos, revelados nos depoimentos de Paula, Nazaré e Maria, a seguir:

só que na realidade nunca houve um respeito porque sempre quando ele tava comigo ele paquerava outras mulheres...então ele sempre dizia que eu tava vendo coisas, que tinha ciúmes, eu sempre contestava, mas ele nunca aceitava, [...] eu falava mesmo, cobrava, aí ele começava, tu ficas falando essas coisas porque tu não tens nada pra pensar, isso é coisa de gente desocupada, ta bom de arranjar um trabalho pra ter alguma coisa pra fazer (PAULA).

Eu comecei a falar que ele tinha outra pessoa, porque tu não para em casa, porque tu não fica com os meninos? Ele não ficava, entrava e saía, entrava e saía. Eu ficava só com os meninos, aí ele chegava e qualquer coisa aborrecia aí já vinha com agressão, agredindo né com palavras (NAZARÉ).

Então eu deixei de ter amigos, e como eu fazia cursinho, eu tinha intervalo no cursinho e eu tinha que ir para um telefone público e passar os 15 minutos do intervalo falando com ele, se eu não fizesse isso, nossa mãe! Era um deus nos acuda! Ah! Com certeza, é que eu tinha outro homem, que tava ficando com esse homem, professor quem quer que seja (MARIA).

Na manifestação do ato locucionário de **Paula**, o seu vivido é expresso através da função de linguagem emotiva e referencial, descrito dessa maneira: “*quando ele tava comigo ele paquerava outras mulheres...então ele sempre dizia que eu tava vendo coisas, que tinha ciúmes, eu sempre contestava, mas ele nunca aceitava*”. Tal discurso remete a analisarmos gestalticamente em relação à percepção e a função de contato olhar (POLSTER, 1979), pois, a emissão da fala “*ele sempre dizia que eu tava vendo coisas*” sugere que Paula estava percebendo, através do olhar, algo que não estava acontecendo, ou seja, ela estava apresentando distorções em sua percepção, na função olhar. Inferimos que, a constante repetição dessa fala do companheiro, possibilita que Paula venha a acreditar realmente que estava percebendo algo que não estava acontecendo, e não só em relação a esta situação relatada, como em várias situações relacionais. Tal atitude tende provocar certa confusão na percepção figural de Paula, dificultando a sua discriminação entre o que é real e ilusório.

Os vividos de **Nazaré e Maria**, expressos no ato locucionário através da função de linguagem emotiva e referencial, corrobora a visão dos autores citados acima, nesta unidade de significado, em relação ao ciúme de forma destrutiva, controladora e

disfuncional. Na perspectiva gestáltica, compreendemos que o ajuste utilizado por **Maria** em sua relação denota um funcionamento confluyente, a partir do momento que não se diferencia do namorado aceitando as condições de ligar durante os intervalos na aula e deixando de relacionar-se com seus amigos.

F) Papéis Estereotipados

Tomamos o patriarcado como um sistema eminente e avassalador na propagação de papéis estereotipados nos ideários constitutivos do homem e da mulher, pois gera dicotomias em relação aos modos de existência (atitudes, posturas e sentimentos expressados), bem como, dificulta a expressão da singularidade e da diversidade de gênero. A partir do final da década de 1980, tais papéis passaram a ser compreendidos através da concepção de gênero, criando um novo paradigma metodológico, pois propõe a ruptura entre a noção biologicista do sexo e a noção sociocultural de gênero, privilegiando metodologicamente as relações e a transversalidade de gênero (LOURO, 1997; MACHADO, 2000). A concepção de gênero na compreensão de Scott (1991) propõe a constituição da subjetividade do sujeito a partir das relações sociais, políticas e culturais em que está inserido, e isso implica pensar o sujeito na teia de relações de poder exercidas em suas relações interpessoais. Tal concepção possibilitou a desconstrução da visão binária e sexista em relação a sexo e poder.

Para a Gestalt-terapia, configura-se como saudável o contato fluído e espontâneo entre as pessoas, imbuído do respeito pela singularidade e pela subjetividade manifestada em ajustes criativos nas relações e no meio em que as pessoas o vivenciam; ao contrário, quando ocorre a padronização (formas repetitivas) de contato com o outro, configura-se um contato não-saudável/disfuncional (KYIAN, 2001). Dessa forma, podemos inferir que a reificação dos papéis do homem e da mulher, contribua para formar uma matriz geradora de contatos disfuncionais que vem sendo construídos, durante séculos, em diversos campos relacionais (social, familiar, psicológico, político, econômico e cultural). Como podemos verificar nos depoimentos abaixo:

F.1) O Homem Como Provedor

Ele disse: você precisa de ajuda, você não quer que eu te ajude? Como você pode me ajudar? Você não precisa de roupa, de calçar, ajuda para fazer as coisas? Eu disse preciso. Então na hora, naquele momento pra mim parecia uma boa solução. Eu perguntei: Você é casado? Sou, eu não vou te mentir. E você tem condições de sustentar duas famílias? Ele disse que tinha [...] Ele dava comida, ele pagava as contas de luz, comprava o gás. [...] dizia que eu tinha conseguido tudo o que eu tinha conseguido através dele e que eu queria só uma casa e agora que eu já tinha tudo que eu tava dando um chute nele, não era assim, eu tava terminando porque eu tava cansada de sofrer (PAULA).

porque a frase que ele sempre usou e gostou de usar é que tudo é meu, eu que compro, eu que trabalho, o dinheiro é meu, então eu faço do meu dinheiro o que bem entender, aí eu dizia égua eu sempre trabalhei a vida toda, sempre estive ao teu lado qual é o meu papel então (EXPRESSÃO DE INDIGNAÇÃO) não tenho papel nenhum? (NAZARÉ)

A manifestação do ato locucionário de **Paula**, através da função de linguagem referencial retrata a condição do homem como provedor e em virtude disso, a atitude de ser o detentor do poder e de manter o controle da vida de Paula. Percebemos ainda que, quando Paula delibera por si própria o término da relação, o que indica ampliação de sua consciência, de sua *aware*, o companheiro se aproveita por ter contribuído bastante para a construção da casa e atribuí a permanência de Paula na relação pela posse da casa, porém, a decisão da separação foi mantida.

Encontramos no ato locucionário e ilocucionário (expressão de indignação) de **Nazaré**, através da função de linguagem emotiva, o mesmo fenômeno relatado por Paula em relação ao poderio masculino frente à mulher, porém, apresenta-se como diferencial na fala de Nazaré o momento em que se remete a sua história de vida(fundo) e daí emergir como figura o fato de ter trabalhado sempre, o que leva a questionar o sentido do seu papel na relação.

F.2) O Não Provitamento como Forma de Controle/Poder

Encontramos na expressão do vivido de **Maria**, em seus atos locucionários e ilocucionários (expressão de contrariedade através do tom alto em sua fala, gestos com as mãos), através da função de linguagem emotiva e referencial, um fenômeno

diferenciado das demais participantes, pois o exercício do poder e do controle masculino ocorre devido à recusa de provimentos. Como nos descreve:

Quando ganhava presente pro bebê, eu tinha que recusar todos, óbvio que eu não fiz, não recusei nenhum, mas eu tinha que recusar todos. Eu não podia ganhar nada de jeito nenhum. Ele queria comprar tudo e não comprou nem o alfinete de segurança ele comprou [...] quando o bebê nasceu, uma única vez, ele deu duzentos reais, ele me deu quando eu cheguei em casa numa quinta feira, no sábado ele me pediu o dinheiro de volta[...] não paga a pensão de jeito nenhum, se recusa pagar, porque eu tô pedindo trinta por cento, e ele acha que trinta por cento é muito. E ele quer dar dez por cento. A gente não cuida de uma criança com oitenta reais, nem o plano de saúde do meu filho eu pago com oitenta reais. Qualquer acordo de visita ele aceitaria, contanto que eu abrisse mão da pensão (MARIA).

F.3) O Papel Da Educação Familiar

Eu fui educada pra ter uma família, ter casa, marido, filhos ate que a morte nos separe, e hoje em dia não é bem assim, mas eu fui criada assim até por conta da avó que eu tive, das minhas tias, elas se condicionaram a isso porque a minha avó materna teve três maridos na época dela, teve cinco filhos, dois de cada pai e um de outro, entendeu, na realidade não foi nem marido, a gente fala marido pra coisa ficar mais bonita, [...] então a educação que ela passou pra nós mulheres foi essa, você vai se casar e agüente e engula o sapo e se vire, a única coisa que eu posso dizer pra vocês e que você tem o livre arbítrio para escolher o marido, mas a partir daí você segura a sua onda e acho que por conta disso é que tem certas coisas que eu deixava pra lá, fazia de conta que não via [...] que não sentia (NAZARÉ).

Eu aprendi uma coisa na minha família que diz assim, nunca dependa de homem na sua vida pra nada. Principalmente financeiramente porque um dia o homem vai, se um dia ele for embora, você pode ficar com uma mão na frente outra atrás, isso eu aprendi assim lá no berço né então: alguma coisa ficou guardada no meu inconsciente do que eu ouvia a minha mãe, a minha tia e, a minha vó (MARIA).

De acordo com Ribeiro (1997) e Kiyari (2001), os mecanismos de defesa funcionam de forma saudável (fluídica) e não saudável (repetitiva). Pontuam também que a introjeção é fundamental no processo de desenvolvimento e formação da personalidade, através de normas, valores, regras, educação, aprendizagem, etc. Porém, se tais valores, normas, etc que foram apreendidos através da educação

passam a nortear a vida da pessoa, sem nenhum questionamento e reflexão, tendem a se tornarem ajustes disfuncionais que possibilitam interrupções no contato consigo mesmo e com os outros. Dessa forma, somado ao pano de fundo social e cultural na questão da visão sexista e binária e na mudança de paradigma provocada pela concepção de gênero, percebemos na manifestação em ato locucionário de **Nazaré** através da função emotiva, o significado norteador de sua existência atrelado aos valores que foram introjetados de sua família e por sua vez, projetados em seu relacionamento afetivo de forma confluyente, *“eu fui educada pra ter uma família, ter casa, marido, filhos ate que a morte nos separe”*, e deflexiva, *“acho que por conta disso é que tem certas coisas que eu deixava pra lá, fazia de conta que não via [...] que não sentia”*.

As construções da teia familiar constituem-se através da subjetividade de seus membros, assim, são expressos de maneiras diferenciadas. Deste modo, encontramos no ato locucionário de Maria, através da função emotiva, introjetos contrários aos de Nazaré, já que denotam a atitude de independer do homem e preservar sua autonomia e dignidade, como relata : *“eu aprendi uma coisa na minha família que diz assim, nunca dependa de homem na sua vida pra nada. Principalmente financeiramente porque um dia o homem vai, se um dia ele for embora, você pode ficar com uma mão na frente outra atrás”*.

G) Invalidar O Trabalho

No campo do trabalho, tomando como referência o período entre os meados dos séculos XIX e XX, atribuía-se à mulher um papel secundário nas atividades públicas e econômicas, no Brasil. As mulheres foram inseridas no mercado com remuneração inferior à dos homens e direcionadas a trabalhos ditos “femininos”. Através dos movimentos feministas, ampliou-se a inserção das mulheres no mercado de trabalho, proporcionando-lhes autonomia e representatividade no campo social e econômico (PINTO, 2003).

A Teoria de Campo preconiza a estruturação da personalidade a partir da interrelação entre os vários campos em que a pessoa está inserida. Assim, a inserção

no campo socioeconômico repercute no campo psicológico feminino, pois possibilita o fortalecimento de seu “self”, no que tange as deliberações em seus contatos, configurando, no gerenciamento de suas vidas, mais autonomia e liberdade para fazer suas escolhas e autorregulação, através da realização de suas potencialidades.

Percebemos nos discursos de Paula, Nazaré e Maria, a manifestação de vivências similares quanto ao desagrado dos companheiros/cônjuges em relação ao exercício de atividades laborais pelas mesmas, sendo inclusive, mais um motivo para que fossem chantageadas, humilhadas, desqualificadas e desrespeitadas em seus direitos como cidadãs. Como nos contam através de seus respectivos atos locucionários:

Quando chegou a noite eu disse pra ele: eu consegui um trabalho e já vou começar amanhã porque a gente vai organizar a escola. Ele não ficou gostando, disse que eu não tinha necessidade[...] eu vou trabalhar, e [...] eu fiquei 3 anos e ele começou a implicar, porque eu tava tendo um caso com o diretor, porque eu era uma safada, que não tinha necessidade de trabalhar, que ele me dava tudo, porque isso e aquilo, aí foi, e como na escola também tinha algumas coisas que não tava me agradando, aí eu resolvi trabalhar em casa com reforço para crianças, e mesmo tendo só um quarto de alvenaria, consegui uma mesa e eu consegui ganhar quase o mesmo tanto que eu recebia, sendo que em casa (PAULA).

E ele não ia no trabalho me buscar, ele ficava emburrado, tudo desagradava ele e eu não conseguia falar, [...] porque eu trabalhava fora, e os meninos ficavam em casa e ele saía para trabalhar, ou seja ele não gostava e eu dizia que não ia abandonar o meu emprego só que na época teve mudança de governo público aí perdi o emprego [...] Eu trabalho com ele em escritório de representação comercial, mas eu trabalhava antes em órgão público.(NAZARÉ).

Mas no trabalho não foi diferente, eu estagiei desde o segundo ano de faculdade, mesmo assim, por ele eu não fazia nenhum estágio, mas como eu colocava minha vida profissional acima de tudo, eu não deixei de fazer o estágio. Então, eu ficava com todos os homens do trabalho (MARIA).

H) A Desqualificação da Aparência Física

Ao contrário do pensamento dualista, a visão holístico/organísmica compreende o homem como um ser integrado, biopsicosocioespiritual. O todo é maior do que a soma

das partes e, ao mesmo tempo, as partes revelam o todo (YONTEF, 1998). A partir deste entendimento, podemos pensar que a aparência física revela a maneira de cada pessoa existir, seu cuidado e a sua amorosidade consigo mesma. A figura está contida em um fundo que a protege e revela, e essa figura é o seu próprio corpo.

Segundo Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997), é através dos contatos estabelecidos pela pessoa com o meio, na fronteira de contato, que é construída a imagem de si mesma. Tal processo constitui-se na função personalidade do “Self”. Em outras palavras, o fortalecimento da personalidade, está diretamente relacionado à deliberação e/ou à alienação de suas necessidades físicas e/ou psíquicas que ocorre na função ego do *self*, através da qualidade dos contatos construídos. Caso o “Self” esteja estruturado de forma opaca, sem força, a desqualificação da aparência do outro tende a imprimir, na personalidade, baixa auto-estima e falta de respeito e de amorosidade por si mesma. Tal dimensão, relacionada aos processos de subjetivação do gênero feminino (SCOTT, 1991) é atravessada no plano social, pelas deliberações impostas pelas indústrias da estética e da moda. As meninas, as adolescentes e as mulheres são “ensinadas”, tacitamente, a se enquadrar em formas que desconsideram o seu biotipo e a sua herança genética. Um resultado deste “massacre” psicológico, por vezes, é a inaceitação das fronteiras do seu corpo (POLSTER; POLSTER, 1979), obrigando-as a recorrer ao consumo de produtos da indústria da estética e da beleza ou a instalar o adoecimento físico e psicológico por meio de compulsões alimentares ou de distúrbios da auto-imagem. Podemos perceber tais vivências nos relatos abaixo:

É, hoje eu percebo isso, estava pequena porque eu me sentia como ele me via ou como ele fazia questão que eu me visse. [...] feia, gorda, né, é...fedorenta, nojenta. Pra ele eu poderia passar um frasco de perfume, mas eu estaria repulsiva para ele(MUDANÇA NA ENTONAÇÃO DA VOZ, EXPRESSANDO CONTRARIEDADE E RAIVA)...Você gosta de alguém, você ouve a pessoa dizendo: você tá feia, ele chegava no limite de dizer: tu és muito feia, quando eu chamava ele para discutir a relação ele dizia: negona, tu não és uma mulher bonita, tu és uma mulher feia, tu não tem beleza nenhuma, só que eu não tenho vergonha de andar contigo.Então como a gente se sente? Horrível, você passa a se ver feia, eu olhava no espelho e dizia: Meu Deus! A minha pele ta horrível, eu to horrível, o que eu vou fazer? (PAULA).

porque eu pra ele eu era feia (MARIA).

Observamos em **Paula**, através da função emotiva e referencial, congruência em seus atos locucionários e ilocucionários (mudança na entonação de voz, expressando contrariedade e raiva) a significação de seu vivido permeado por constantes desqualificações em sua aparência. Tal vivido reflete em distorção na sua imagem/auto-imagem e repercute de forma danosa na fronteira de seu corpo, bem como, no enfraquecimento de seu *self*, possibilitando ajustes disfuncionais em suas deliberações, como por exemplo: alienando-se de si mesma através do descuido com seu corpo e com sua aparência. Por sua vez, **Maria** também nos revela seu vivido de desqualificação, através do seu ato locucionário, traduzido na função emotiva e referencial.

I) Mudanças nos Sentimentos e nas Atitudes da Mulher

A Gestalt-terapia preconiza que para a mudança acontecer, é necessário levar em consideração a dinâmica figura-fundo, como necessidade e contexto em que a pessoa está inserida em um campo de forças (frenadoras e propulsoras) que atua em direção à auto-regulação orgânica, através de ajustamentos criativos possíveis em seus contatos, no seu espaço vital (YONTEF, 1998). Nesta perspectiva, trazemos a teoria paradoxal da mudança (BEISSER *apud* FAGAN E SHEPHERD, 1970/1980, p. 110), a qual consiste em: “ a mudança ocorre quando uma pessoa se torna o que é, não quando tenta converter-se no que não é”.

Podemos perceber nos depoimentos de Paula, Nazaré e Maria, mobilizações afetivas e atitudinais na reestruturação de seu espaço vital através de mudanças em seus ajustamentos criativos, de maneira funcional, no contato consigo mesma e com os outros.

isso aí durou uns 6 anos de convivência, quando eu passei a perceber que eu não gostava mais, não amava mais, meu comportamento mudou, (PAUSA) Eu cheguei e disse, eu ganhei da minha mãe um curso de estética facial e eu vou fazer. Não! Tu não vais fazer curso nenhum, o que tu queres é sair de casa, bater perna por ai, o que esse curso faz? Faz limpeza no rosto. Ah! Isso é pra ta alisando cara de macho, tu não vai fazer porra nenhuma de curso. Eu vou fazer! (ALTERANDO A VOZ, FALANDO ASSERTIVAMENTE) Eu ganhei da minha mãe de aniversário e não vou desprezar. Ele disse: não vai! Eu vou e tu não vai me impedir (EXPRESSÃO DE SATISFAÇÃO) (PAULA)

Eu comecei a falar e ele começou a falar e a gente começou a bater boca (BATEU UMA MÃO NA OUTRA), era um querendo falar mais alto que o outro e as agressões verbais começaram a ser cada vez mais dele me xingando dizendo que eu não prestava eu era isso que era aquilo, que eu era vagabunda, que era mais puta do que ela, eram as frases que ele usava, aí eu dizia: Não! Alto lá!(EXPRESSÃO DE INDIGNAÇÃO E RAIVA) Você não me pegou em uma esquina, você não me encontrou batendo ponto quer dizer então você me respeite. Então foi aí que o respeito sumiu, simplesmente a partir desse momento o respeito sumiu, então todas às vezes que a gente discutia existia esse tipo de agressão (NAZARÉ).

E ai assim, eu fui me impondo muito mais. Eu acho que depois que eu engravidei, eu vejo assim: que tem o meu filho, então por ele eu também dei um basta,é isso que eu quero? É assim que eu vou criar meu filho? Que exemplo de pai ele vai ter? Pior, que exemplo de mãe que ele vai ter? Ele não vai ter respeito nenhum por mim, porque o pai não me respeita, o pai acha que eu sou uma puta, que o filho não é dele, ele falava e fala até hoje que o filho não é dele. Que exemplo que eu vou ter nisso? Que exemplo que meu filho vai ter, é isso que eu quero? (MARIA)

Nas expressões congruentes dos atos locucionários e ilocucionários (pausa, alteração de voz e expressão de satisfação) de **Paula**, através das funções de linguagem emotiva e fática, a qual, segundo Sampaio (1991, p.23) “se dirige para o contato com o objetivo de controlar o código e assegurar a comunicação”, percebemos a significação de sua atitude, no momento que expressa satisfação, em ter conseguido mobilizar a energia em seu campo afetivo a partir da mudança em seus sentimentos, o que propulsionou mudanças nas formas de ajustar-se criativamente, ainda que vivendo sob as mesmas situações de violência psicológica, apropriando-se de seu pensar, sentir e agir como cidadã.

Nos atos locucionários e ilocucionários (bater uma mão na outra, expressão de indignação e raiva) manifestos na função de linguagem emotiva e referencial, de forma congruente através de seu discurso, **Nazaré** revela seu vivido de agressões verbais e o significado de respeito próprio quando começa a falar: “*Você não me pegou em uma esquina, você não me encontrou batendo ponto quer dizer, então você me respeite*”. Ao mesmo tempo, atribui a sua mudança (novo ajuste), pelo fato de não ficar mais calada e se impor, como falta de respeito. O que nos leva a inferir certa confusão em suas deliberações atitudinais frente aos xingamentos e ofensas, caracterizados como violência psicológica.

Nos atos locucionários de **Maria**, expressos na função emotiva e referencial, percebemos que a mudança em relação a si mesma e a como lidar com a situação de violência psicológica vivenciada por ela, começaram a ter outro significado, no momento em que seu filho passou a ser figura para ela. Assim, podemos inferir que a mobilização de sua energia foi propulsionada pelo contato com seu filho, o que direcionou a reflexão sobre si mesma e ampliação de sua *awareness*, possibilitando a criação de ajustes criativos saudáveis.

I.1) O Enfrentamento da Mulher diante da Violência

Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) preconizam que o lugar onde o contato acontece é denominado de fronteira de contato, sendo entendida: “onde a experiência tem lugar, não separa o organismo e seu meio ambiente; em vez disso, limita o organismo, o contém e protege, ao mesmo tempo, em que contata o ambiente” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1951/1997, p. 43). Por sua vez, a fronteira pode ser permeável, semipermeável e impermeável, o que irá defini-la é a forma que o indivíduo encontra para se ajustar em seu meio, diante de suas necessidades e das deliberações em suas atitudes na relação consigo mesmo e com o outro. Em vista disso e a partir dos depoimentos das participantes, podemos inferir que nos seus respectivos e singulares vividos permeados de violência psicológica, as mesmas foram encontrando ajustes disfuncionais, como por exemplo: a confluência, em que suas fronteiras de contatos ficaram permeáveis, o que possibilitou que seus companheiros/cônjuge invadissem seus limites, deixando-as desprotegidas. A partir do momento, que começaram a criar outros ajustes de enfrentamento, como os citados na unidade de significado acima, foi alterado também suas fronteiras para uma semipermeabilidade e/ ou impermeabilidade como forma de individualizar-se e proteger-se frente à violência.

Assim, compreendemos nos relatos de **Paula, Nazaré e Maria**, ajustes similares em suas expressões agressivas, como forças biológicas na preservação de si mesmas e em atitudes confrontativas para satisfazerem suas necessidades em serem respeitadas, confirmadas em sua singularidade através da fala. Porém, encontramos nas mesmas um relato diferencial em Paula, pois é a única a revelar o vivido da violência física, bem como, começou a ajustar-se de forma disfuncional, agredindo

também o seu companheiro. Perls (1942/2002) preconiza que a inibição dos atos agressivos tendem a produzir atos de violência contra si mesmo, bem como, projetá-las no meio. Tais fenômenos são descritos abaixo:

E ai eu já passei a responder, a reagir e ele me batia, me dava tapa e dizia que eu era muito atrevida, eu já não agüentava assim, gostava dele, mas não tava mais aceitando que ele me batesse e me agredisse, todo ano era assim, foram oito anos, todo ano novo era uma briga, todo natal (EXPRESSÃO DE TRISTEZA E RAIVA) [...] Eu batia, eu não só batia na cara, eu chutava, se ele agarrasse minhas mãos eu chutava, se ele me agarrasse de costas eu batia nele com meu calcanhar, batia na perna dele (EXPRESSANDO ATRAVÉS DE GESTOS NAS MÃOS PARA DESCREVER A CENA), pra ele me segurar era muito difícil também, porque, no caso, ele não podia me deixar marcas, chegava a ficar vermelho, mas some, né? Ele não podia me deixar marcas, porque pra todo mundo, ele era o homem que me dava tudo, né? E eu tinha que ser muito feliz. [...] se ele não fosse bem mais forte do que eu, eu acho que naquele momento eu teria feito uma besteira, se eu tivesse armada eu teria feito, eu estava tão transtornada, que eu tinha uma força, que parecia que não era eu. Só que ele conseguiu livrar as mãos, porque eu fiquei em cima dele, coloquei o joelho nos braços dele e empurrava o pescoço, a cabeça dele. Depois eu comecei a bater, e ainda ele conseguiu me controlar e ainda me bateu, ai eu disse que eu ia embora (PAULA).

Quando eu fiz a denuncia eu saí de casa por vinte dias, simplesmente eu fiquei assim, não, eu vou ter que sair (RESPIRAÇÃO PROFUNDA), saber como é que é porque se eu ficar eu pra mim, eu vou tá compactuando com aquilo, eu fiz a denúncia então tu vai responder a denúncia, lá a gente vai decidir se a gente vai ficar ou não vai ficar e foi o que eu fiz, eu saí (NAZARÉ).

desceu dizendo que ele ia me bater, bater em todo mundo e nesse dia também, foi outra explosão minha, eu sei que ele é bem maior que eu, ele tem um metro e setenta e dois e eu um metro e sessenta, nessa hora eu me levantei da cama com cacete e tu não vai mais fazer isso (ALTERANDO O TOM DE SUA VOZ, EXPRESSANDO RAIVA), fui pra cima dele e ele descendo, gritando no meio da escada, fazendo maior escândalo (MARIA).

No relato de **Paula**, encontramos congruência em sua fala (ato locucionário) e em sua expressão de tristeza, raiva e gestos (ato ilocucionário), expressos através da função de linguagem emotiva e referencial, no momento que recorda dos momentos de enfrentamento através da violência física. Na manifestação de seu relato na função emotiva e conativa, **Nazaré** nos revela congruência através de seus atos locucionários e ilocucionários (respiração profunda), pois tal atitude ocorre no momento em que fala

sobre ter deixado sua casa, após ter denunciado o marido na Delegacia Especializada no Atendimento às Mulheres, em que podemos inferir a dificuldade e a importância de ter tomado tal atitude de enfrentamento. Encontramos consonância em **Maria**, através de sua fala (ato locucionário) e em sua expressão de raiva (ato ilocucionário) no momento em que nos revela a expressão de sua agressividade, demarcando limite em sua fronteira de contato, no que se referem as suas atitudes de enfrentamento diante ao seu vivido de violência psicológica.

No sentido de estarmos tecendo uma compreensão fenomenológica gestáltica hermenêutica acerca da problemática da violência psicológica contra a mulher, a partir dos discursos manifestados pelas participantes desta pesquisa, apresentaremos na seção seguinte as unidades de significado referentes as sequelas da violência psicológica vivenciadas por Paula, Nazaré e Maria, a discussão e considerações finais.

V- TECENDO UM FECHO: AS VISÍVEIS SEQUELAS DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Consideramos de inestimável relevância as diversas contribuições dos movimentos de mulheres e dos movimentos feministas frente às demandas da mulher no âmbito social, familiar, político, econômico, cultural, psicológico, etc. Assim como, as discussões, questionamentos e proposições interventivas, proposta por tais movimentos, sobre a imbricada relação do sistema patriarcado e a visão sexista e binária nas relações do homem e da mulher e pela perspectiva da concepção de gênero, que possibilitou a ampliação no processo de constituição identitária da mulher e do homem, através do seu contexto sociocultural e político. A partir desse cenário, um dos desdobramentos que ocorreu (e ainda está ocorrendo) foi (é) a crescente visibilidade da violência psicológica através de denúncias das mulheres nas Delegacias Especializadas no Atendimento as Mulheres, nos Centros de Referências, etc. e nos meios de comunicação. Nesse sentido, não estamos apoiando a crescente violência perpetrada pelo homem contra a mulher e sim, apoiamos e acreditamos que seja de significativa importância o fato de estar vindo à tona um fenômeno tão ocultado, velado e silencioso, porém, que promove um estrondoso estrago na personalidade da mulher, em profundas marcas intrapsíquicas que repercute em todas as dimensões de sua existência.

A figura precisa emergir para sobressair em um fundo, pois somente assim, saberemos suas reais necessidades e apontaremos para criar ajustes funcionais na tentativa de solucionar tal situação. Estamos longe de solucionarmos, mesmo assim, o desocultamento, a visibilidade dessas sequelas aponta um caminho. A seguir, serão descritas unidades de significado que revelam as visíveis sequelas psíquicas e sociais, em mulheres que estão em situação de violência psicológica.

Algumas conclusões derivadas do caminho percorrido durante a pesquisa serão apresentadas no diálogo com a literatura de base. Por exemplo: a expectativa da mulher que seu homem mude as atitudes de violência; o diálogo interrompido entre os casais; a vulnerabilidade da aplicabilidade na lei Maria da Penha em relação à violência psicológica; as visíveis sequelas da violência psicológica; a psicoterapia como

possibilidade de ajustes criativos. Comentaremos cada uma delas para elaborar a palavra que encerra esta obra.

5.1 - A EXPECTATIVA DA MULHER QUE SEU HOMEM MUDE AS ATITUDES DE VIOLÊNCIA

De acordo com Ribeiro (1997, p. 44), o funcionamento proflexivo caracteriza-se em “desejo que os outros sejam como eu desejo que eles sejam, ou desejo que eles sejam como eu sou, manipulando-os a fim de receber deles aquilo que preciso”. Conforme as falas (ato locucionário) de **Paula, Nazaré e Maria**, expressos através da função emotiva, podemos identificar tal funcionamento como elemento figural. Assim como, vinculamos ao ciclo de violência psicológica (HIRIGOYEN, 2006). Como podemos verificar nos depoimentos a seguir:

[Eu acho que PAUSA eu ainda gostava dele e eu achava que ele podia mudar, tentei fazer várias vezes com que ele mudasse, mudasse o pensamento, mudasse o jeito de ver as coisas. (PAULA).

Acho que a expectativa estava em mim, d’eu ter essa expectativa grande de querer retorno e ele não me dá da maneira como eu gostaria. Entendeu? É de você compartilhar, é não me decepcionar como eu me decepcionei, é não ter agressões, e viver a harmonia, sabe é consegui conversar...Sim, que ele mude, exatamente (NAZARÉ).

E como todas que chegam aqui, sempre acham que eles vão mudar e isso nunca acontece, eu não sou diferente...[...]depois de todos os insultos que eu ouvia, é sempre desculpa, me perdoa, isso não vai acontecer e eu achava que isso tudo realmente ia mudar. (MARIA).

5.2 - O DIÁLOGO INTERROMPIDO ENTRE OS CASAIS

Em relação às construções relacionais e dialógicas, tendo como pano de fundo o patriarcado, em suas profundas reverberações nos modos de existir das mulheres, remetemo-nos as atitudes Eu-Tu e Eu-Isso que permeiam as relações humanas. Na concepção Buberiana, a primeira norteia-se pelo respeito à singularidade e a alteridade do outro e a segunda em que o outro é coisificado e destituído de sua subjetividade e alteridade, caracterizada como objetiva e cognoscitiva. Entretanto, não sendo

excludentes, ambas, permeiam as relações humanas (BUBER, 1974). Desta forma, identificamos a predominância de relações assimétricas e objetivantes neste contexto, em que a mulher é vista como um objeto, um sujeito passivo a serviço da manutenção do “status quo” masculino, bem como, o diálogo estabelecido entre os pares se traduzem em verdadeiros monólogos, e por vezes com mensagens dúbias, outras com ofensas, xingamentos e calúnias, descritos abaixo:

Eu conversava com ele, eu...a minha única maneira era conversar. Iniciava a conversa e quando terminava ele sempre se mostrava deprimido porque eu achava que ele tava fazendo tudo errado porque eu tava oprimindo ele, ele se sentia mal porque ele tava sempre errado e ele nunca assumia o que fazia, que ele tava errado, agindo de maneira errada...(PAULA).

Olha o diálogo era mais monólogo do que diálogo. Era meu, partia de mim,falava, falava,... mas enquanto eu trabalhava eu tinha uma amiga que era psicóloga e dizia pra eu escrever o que queria falar pra ele, escreve(RISOS) ai eu começava, tudo que eu queria falar pra ele(RISOS) e entregava na mão dele, era a única forma que eu conseguia conversar. Eu sempre falei pra ele eu não consigo conversar contigo, eu converso com qualquer outra pessoa, mas não consigo conversar contigo (NAZARÉ).

Eu falava muito mais do que ele (MARIA).

Percebemos nas falas (ato locucionário) de **Paula, Nazaré e Maria**, expressas através da função de linguagem emotiva, que a interrupção no processo dialógico ocorre entre todos os casais em forma de monólogo da mulher. Tais monólogos são vivenciados de forma diferenciada. Em **Paula**, hipotetizamos que há uma distorção de compreensão do seu destinatário, pois ele inverte o sentido da conversa. Em **Nazaré**, observamos dois momentos: o primeiro quando rompeu com sua dificuldade em falar e revela que *“Olha o diálogo era mais monólogo do que diálogo. Era meu, partia de mim,falava, falava”* e o segundo é quando relata sobre sua dificuldade em falar com seu marido *“uma amiga que era psicóloga e dizia pra eu escrever o que queria falar pra ele, escreve (RISOS) ai eu começava, tudo que eu queria falar pra ele(RISOS) e entregava na mão dele, era a única forma que eu conseguia conversar”*. Percebemos ainda incongruência entre seu ato locucionário (falar que escrevia o que queria falar) e ilocucionário (sorri enquanto fala de sua dificuldade), o que podemos inferir que estivesse sentindo vergonha.

5.3 - A VULNERABILIDADE DA APLICABILIDADE NA LEI MARIA DA PENHA EM RELAÇÃO À VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Segundo Teles e Melo (2003) e Dias (2007), a inclusão da igualdade de direitos e obrigações entre homens e mulheres na Constituição Federal de 1988, a promulgação da lei federal 9.099/1995, bem como as leis 10.455/2002 e 10.886/2004, denotaram mudanças significativas em relação à garantia dos direitos das mulheres e ações interventivas mais efetivas no combate a violência contra a mulher. Outrossim, era necessária a criação de lei específica que contemplasse de forma mais direcionada e que preenchesse as lacunas das leis promulgadas anteriormente. Tal lei foi sancionada em 07/08/2004, a chamada Lei Maria da Penha ou lei 11.340/2006, com o objetivo de criar mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra mulher, nas formas de violência física, sexual, patrimonial, moral e psicológica. Porém, identificamos algumas disparidades entre o que a Lei propõe e o que vem acontecendo na operacionalização da mesma. Como podemos verificar nos depoimentos abaixo:

Antes eu já tinha ido na Delegacia, só que quando a gente chega na Delegacia, ah! É importante conversar, é importante conversar. Porque mesmo havendo uma ameaça é importante conversar!?(EXPRESSÃO DE INDIGNAÇÃO) [...] Eu sei que é muito difícil chegar na delegacia da mulher, porque a delegacia da mulher ainda não está preparada pra receber as mulheres, infelizmente ela ainda não está preparada. Eu posso dizer por que não foi só ela, como outras mulheres me contaram o relato de lá, e eu espero que tudo isso mude, que elas tenham, que a delegacia da mulher tenha um preparo que a Maria do Pará tem. Porque quando nós chegamos aqui, a gente encontra pessoas é...capacitadas, pessoas que não te olham, não te criticam, pelo contrário, elas buscam entender você, e esse que é o ponto. Porque se você já vem massacrada, você(PAUSA EXPRESSÃO DE TRISTEZA)...já é difícil você chegar, na metade do caminho da delegacia da mulher você quer voltar, te dá vontade de voltar, você põe o pé lá e te dá vontade de ir embora. Aí você chega lá e encontra pessoas que chegam só pra apontar você, e perguntar porque tu fizeste isso? Como perguntaram pra mim, dá vontade de ir embora e não voltar mais (PAULA).

O que a delegada me falou é que eu podia parar ou dar andamento e perguntei quais são as minhas garantias se ocorrer de novo né? Eu questionei sobre isso, né ela disse: as suas garantias são todas, porque aqui está este, mas se acontecer de novo você pode vir aqui que a gente abre o processo em cima dele, e falou pra ele também né, porque

quando você arquiva uma coisa, eu fiquei me sentindo né, poxa mais aí eu chamei a delegada e disse: ele pode fazer tudo de novo, mas ela garantiu que são todas as garantias (NAZARÉ).

Aí eu procurei e cheguei lá, e fui orientada a não dar queixa. Porque que eu ia dar queixa? Ai eu não cheguei lá com o olho roxo. Mas mesmo assim eu levei adiante a queixa. Eles primeiro enquadraram em perturbação da ordem, não foi nem na lei Maria da Penha, foi perturbação da ordem. Nós tivemos quatro audiências e nenhuma das quatro ele compareceu. Ele só se manifestou quando eu dei entrada normalmente na Maria da Penha por uma questão de segurança minha, e no juizado da vara da família, porque era uma questão de regulamentação de visita, direito de visita, e pensão pro meu filho...[...]foi quando eu consegui falar com a delegada, e aí a delegada me falou que não era questão da ordem, que era Maria da Penha sim. E fez todo o procedimento, aí que entrou realmente na segunda vara da violência contra a mulher, o processo, e aí foi emitida a medida preventiva, que vigora até hoje, que a quinhentos metros ele não pode chegar perto de mim. O juiz da vara de família, mesmo tendo a medida protetiva que me protege contra este homem, queria que eu, eu descesse pra ficar com a criança, eu, quer dizer, que estrutura que eu tenho pra ficar com o homem que eu tenho medo?(EXPRESSÃO DE INDIGNAÇÃO E REVOLTA) Nenhuma. Como é que eu vou acompanhar meu filho lá em baixo? Não vou.....(MARIA)

Identificamos consonância na fala (ato locucionário) de **Paula**, através da função de linguagem emotiva e referencial, e em suas expressões de indignação e tristeza (ato ilocucionário) quando nos revela o seu vivido em relação à dificuldade que sentiu no momento em que foi a Delegacia, o desagrado pela maneira como foi recebida e os questionamentos sobre a capacitação de profissionais que trabalham com esse público.

No relato de **Nazaré**, através do ato locucionário na função emotiva e referencial, identificamos em seu vivido momentos significados de apreensão e dúvidas perante a possibilidade do marido tentar novamente agredi-la, já que escolheu arquivar o processo contra ele. Percebemos que a delegada ofereceu acolhimento e esclarecimento de seus direitos caso viesse acontecer tal fato.

Verificamos na fala (ato locucionário) de Maria, a função emotiva e referencial, significados de indignação diante a dificuldade em ter sido recebida na delegacia tanto por não apresentar marcas físicas, já que relatou seu vivido de violência psicológica, como pelo desconhecimento do profissional que a recebeu ter registrado a sua queixa em perturbação de ordem e não na lei “Maria da Penha”. Por outro lado, percebemos a

representatividade da referida lei, pois o namorado só compareceu a delegacia após ter sido incluído na mesma. Identificamos ainda que a falta de habilidade dos profissionais em compreender e lidar com esse público, perpassa também pelo âmbito do juizado, como nos conta Maria com expressão de indignação e revolta (ato ilocucionário): *“O juiz da vara de família, mesmo tendo a medida protetiva que me protege contra este homem, queria que eu, eu descesse pra ficar com a criança, eu, quer dizer, que estrutura que eu tenho pra ficar com o homem que eu tenho medo? (EXPRESSÃO DE INDIGNAÇÃO E REVOLTA) Nenhuma. Como é que eu vou acompanhar meu filho lá em baixo? Não vou”*

5.4 - AS VISÍVEIS SEQUELAS DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

As unidades de significados A, B, C, D e E que retratam a invisibilidade da violência psicológica podem ser traduzidas nas visíveis sequelas em que são acometidas as mulheres que vivenciam tal situação. Tais sequelas imprimem profundas desestruturações no self, repercutindo e interferindo na apreensão das sensações e sentimentos (função Id), nas deliberações em relação às identificações e alienações frente as suas necessidades (função ego), promovendo confusões e distorções perceptuais e afetivas, bem como, em sua imagem e auto-imagem (função personalidade). Com isso, interfere no processo de construção da identidade e subjetividade da mulher, pois a mesma aprende/escolhe formas disfuncionais de se ajustar, em que se interrompe na maneira de contatar consigo mesma e com as pessoas. Tais interrupções tendem, também, a transformarem-se em somatizações, baixa auto-estima, medo, culpa, vergonha e depressão. Os depoimentos abaixo revelam as visíveis sequelas:

eu tava só com a auto-estima baixa demais, a auto-estima tava no pé, eu sempre costumo dizer assim. Tava cansada de toda a situação, da humilhação, da tensão de viver com a expectativa de que ele vai me chamar de vagabunda, de prostituta, sabe, todo tempo era assim [...] No final das contas eu saia sempre machucada, assim emocionalmente um bagaço. Eu estava em pedaços, (PAUSA) mas eu estava livre. Eu era dona da minha vida novamente. Eu podia andar, eu podiasair, eu podia ir na casa da minha mãe se eu quisesse e ninguém ia me impedir, ninguém podia fazer.....ia mais me machucar, entendeu? Ninguém ia mais me dizer palavras horríveis, nem mesmo dizer palavrões, que

era... eu odiava o que ele me fazia sentir, entende? (FALANDO E CHORANDO) Raiva, ódio! Sentimentos mesquinhos, sentimentos (PAUSA) sem necessidades. Quando você passa a sentir um..., ter um sentimento....você(PAUSA VOZ EMBARGADA PELO CHORO)) morre...sentimento deste tipo de raiva, ódio(PAUSA).....você morre um pouco (PAULA).

Eu me senti mais fragilizada, as doenças apareceram mais corriqueiramente tipo: resfriado, gripe, febre, dor de cabeça que não vinha com frequência, tinha uma discussão eu ficava lá arreada (batendo com a palma da mão na outra), quer dizer o emocional mexia com o organismo, toda vez que eu tinha uma discussão muito pesada, aí ocorria isso, sabe o nervo começava a prender sabe o nervo assim que tu não consegue controlar? Então doía tudo, o meu corpo doía todo. Sabe acho que deve ser que nem aquela pessoa que tem um vício, que não consegue largar, que sabe que tu tá errada, que tu tá vendo aonde tá o erro mas não consegue sair. Quando começou a invadir aquilo que eu preservava que era o físico, por que assim o psicológico ele abala como eu falei tem o organismo, tem a estrutura da pessoa, tudo, né mas assim ele deixa marcas muito profundas porque eu já conheço pessoas que tiveram marcas que saíram do ar mesmo por conta do psicológico, mas eu na minha estrutura consegui ainda segurar, mas quando juntou o psicológico com o físico eu não consegui, aí bateu de frente e eu cai, aí eu falei, não agora eu preciso de ajuda (NAZARÉ).

Tenho vontade de ficar em casa, vontade de ficar só deitada, às vezes não tenho vontade de me arrumar, não tenho vontade de nada, nada, nada. Tenho medo de começar uma outra relação e passar por tudo que passei, é, não sei mais construir amigos, conquistar novos amigos (voz embargada pelo choro), olha, tô aprendendo tudo do zero, eu tô começando agora. Porque quem vive com medo ainda, sou eu. Durante muito tempo eu não saía de casa sozinha. Com o meu filho na rua, nem pensar.... Não atendia telefone. Quem não tem amigos até hoje, sou eu, quem tá reconstruindo a vida sou eu, e eu me pergunto até onde isso vai dar. Porque assim, diante do juiz, isso não tem peso nenhum, nenhum (MARIA)

Paula traz em sua fala (ato locucionário) e em seu choro e falas pausadas (ato ilocucionário) através da função emotiva, vívidos significados de dor, sofrimento, sentimentos de raiva, ódio e ao mesmo tempo de liberdade por ter conseguido sair da relação. Como expressão do ato perlocucionário, nesse momento da entrevista, a fala de Paula reverberou em nós e sentimos uma mistura de raiva e tristeza. Na manifestação de **Nazaré**, através da função emotiva, remete sua fala (ato locucionário) a vívidos significados de fragilidade em seu corpo, expresso através de sintomas como: gripes, dores de cabeça e no corpo, febre e tensões no corpo, que sentia após os

momentos de discussões. Verificamos ainda que somente Nazaré trouxe relatos de somatizações. Identificamos em **Maria**, através da sua fala (ato locucionário) na função emotiva, significados de sofrimento e tristeza, expressados pelo choro (ato ilolucionário) durante o relato de seu vivido, permeado pelo medo de sair de casa, medo de começar outra relação, pela falta de vontade de realizar atividades e pelo distanciamento de amigos.

5.5 - A PSICOTERAPIA COMO POSSIBILIDADE DE AJUSTES CRIATIVOS

De acordo com Morin (2006), a interdisciplinaridade se constitui no campo do conhecimento, através da integração da diversidade de saberes em relação a um determinado fenômeno. Nessa perspectiva, no campo da psicologia, propomos a psicoterapia de curta duração na abordagem Gestáltica como ação interventiva de apoio e prevenção no cuidado da saúde mental da mulher que sofre violência psicológica, pois os danos psíquicos gerados provocam uma desestruturação em sua personalidade e em sua subjetividade, o que aponta para o seu adoecimento. Tal ação interventiva visa a ampliação de sua consciência, em sua *awareness* e possibilita a autorregulação através de ajustes criativos funcionais e saudáveis. Como nos contam:

Hoje eu estou bem, ainda com certo medo e com seqüelas do que aconteceu, mas estou superando, eu me sinto livre, a coisa mais importante que eu conquistei foi a liberdade e hoje me sinto mais forte (EXPRESSÃO DE FELICIDADE, CONTENTAMENTO), me sinto capaz, me sinto capaz de dominar minha própria vida (PAULA).

Tava muito ansiosa (PEQUENA PAUSA) agora não, tô que nem diz uma amiga, tô que nem o Zeca Pagodinho deixa a vida me levar, vida leva eu, (SORRI) se dá para mim fazer eu faço se não dá, olha infelizmente não tá dando pra mim fazer tal coisa, vamos ver se dá pra fazer de outra maneira, então eu to conseguindo realmente falar, expressar o que eu não conseguia (NAZARÉ).

eu já começo assim a sair, eu vejo que, apesar de ser nova, tô com trinta e dois anos, sou muito nova, eu sei que a vida não acabou(PAUSA) Eu sei disso. Poxa que legal, que hoje eu levantei, hoje eu consegui ler uma página do livro, mas eu consegui ler uma página do livro e é isso que aqui me ajuda. É assim, quando eu tô lá, mau pra caramba, achando que o mundo é uma merda, porque nessas horas tu acha que todo mundo não vale nada, que não vale a pena, eu paro e penso: vale sim, mesmo que seja pra eu levantar, escovar os dentes,

valeu a pena ter me levantado, valeu a pena ter saído de casa, é valeu apenas ter chegado até onde eu cheguei(OLHOS MAREJADOS). E hoje eu vejo assim que vale até a pena, contar minha história, pra que as outras pessoas possam entender um pouco. Não pra ter pena de mim, não quero ninguém com pena de mim. [...] então, se eu não fizer por mim, e não tiver ajuda especializada, capacitada técnica pra isso, eu vou me acabar como muitas se acabam. Deprimida, quem sabe tentando suicídio, porque quantas não tentam por aí e agente não sabe!
(MARIA)

Identificamos nos depoimentos de Paula, Nazaré e Maria, vividos significados de medo, conquistas, liberdade, poder pessoal, leveza e possibilidades de ajustes funcionais em suas relações. Tais vividos foram percebidos através de suas falas (ato locucionário) e nas expressões respectivas, de felicidade, sorriso, olhos marejados (ato ilocucionário), o que denota congruência entre os atos locucionários e ilocucionários, na forma de função emotiva.

Após analisarmos os depoimentos em unidades de significados, damos continuidade a nossa tecedura por meio da discussão dos dados e significados revelados através dos vividos de cada participante. Assim, podemos vincular que a invisibilidade da violência psicológica ocorra devido ao fato de, comumente, acontecer no espaço intrafamiliar, conforme nos cita Minayo (2006), como também pela expectativa da mulher em que o homem mude em suas atitudes hostis, nos xingamentos, humilhações, etc., pois percebemos que tal expectativa alimenta o ciclo de violência psicológica, promove distorções em sua percepção figural, bem como, certa naturalização e banalização em torno de tais atitudes de violência. Identificamos nas três participantes, por meio de suas falas, o desconhecimento sobre a violência psicológica, o que nos leva a pensar na falta de veiculação, divulgação e informação pelos meios competentes e/ou que aconteça essa divulgação direcionada a outras modalidades de violência, por exemplo: a física e a sexual. Contudo, é mais um fator que contribui para a invisibilidade.

Outro fator relevante que implica na invisibilidade se refere ao momento do registro de denúncia na Delegacia Especializada no Atendimento as Mulheres, pois devido a violência psicológica imprimir marcas danosas na dimensão intrapsíquica e ocorrer em âmbito privado, a mulher tem dificuldades em registrar a queixa, pois não apresenta marcas físicas. Somado a isso, identificamos nos vividos de Paula e Maria a

falta de habilidade em alguns profissionais que trabalham diretamente com essa demanda. Tais profissionais apresentaram atitudes judicativas de valores e sobre os atos das mesmas, bem como, desinformação diante o encaminhamento da denúncia, como podemos verificar a experiência de Maria, em que no momento do registro da queixa foi autuado como perturbação da ordem em vez de ter sido enquadrada na lei 11.340/2006.

A partir da década de 1980, foram criadas as primeiras delegacias especializadas no atendimento as mulheres, o que representou uma grande conquista na efetivação de seus direitos. Porém, encontramos em Silva (1992) vários depoimentos de profissionais e de mulheres que apontam as dificuldades encontradas na implantação desse serviço, perpassando pela falta de conhecimento da temática, das leis e no despreparo para a escuta e acolhimento de tal demanda. Identificamos que tais dificuldades ainda se encontram presentes na primeira década do século XXI. Hipotetizamos que tal situação pode apresentar consideráveis modificações se ocorrer com efetividade o que preconiza a lei 11.340/2006 no art. 8º, incisos I e VII, a saber:

a integração operacional do Poder Judiciário, do Ministério Público e da Defensoria com as áreas de segurança pública, assistência social, saúde, educação, trabalho e habitação; VII- a capacitação permanente das Polícias Civil e Militar, da Guarda Municipal, do Corpo de Bombeiros e dos profissionais pertencente aos órgãos e às áreas enunciados no inciso I quanto às questões de gênero e de raça ou etnia (BRASÍLIA-LEI MARIA DA PENHA, SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. 2006, p. 18-19).

Em relação à transmissão de valores femininos, conforme o modelo patriarcal através da educação familiar, verificamos a partir dos depoimentos de Paula, Nazaré e Maria, apontam para a reificação de tais valores. Como diferencial, identificamos nos depoimentos de Maria a transmissão de valores embasados na concepção de gênero. Tal fenômeno tende a indicar que estamos vivenciando um momento de “desconstrução” e de transição dos estereótipos do modelo patriarcal para a construção do identitário da mulher e do homem perpassar pela diversidade e subjetividade, vinculados ao plano sociocultural e político. Identificamos também nesse movimento de “desconstrução e construção”, a questão do trabalho feminino como gerador de conflitos, ameaças, xingamentos, humilhações e de alguma forma, certo cerceamento

na liberdade da mulher. Nos depoimentos das três participantes foi uníssono o desagrado dos companheiros/cônjuge pelo fato de as mesmas trabalharem, por sua vez isso denota a presença do exercício de poder nas relações interpessoais, citado por Foucault (1984). Inferimos que se elas tivessem deixado de trabalhar seria acrescido dependência financeira, o que repercutiria em suas dimensões emocionais, como por exemplo: diminuição de estima, ansiedade e controle do homem em relação ao seu direito de ir e vir. Por sua vez, Paula e Nazaré nos revelam que por situações externas diferenciadas começaram a trabalhar em casa, uma como professora particular e outra como representante comercial em um escritório em casa, junto com o marido. Este fato nos faz pensar: o fato de deixarem o trabalho foi pelo motivo das constantes brigas, humilhações e xingamentos, gerados pelo motivo do trabalho? Uma forma de controle? Um ajuste criativo funcional (?) para as brigas diminuir?

Outro fenômeno que nos foi revelado e podemos vincular a temática da desconstrução dos papéis estereotipados em relação à mulher como dócil e submissa, se refere ao enfrentamento da mulher diante o poder masculino no momento em que se posicionaram de maneira agressiva, na perspectiva Gestáltica, na garantia de seu espaço no campo de trabalho, no fazer valer o respeito por si mesma diante as situações de violência psicológica através do exercício de limites em suas fronteiras de contato, bem como, na atitude de denunciá-los na Delegacia. Contrapondo-se mais ainda a essa docilidade feminina, encontramos nos relatos de Paula, a atitude agressiva “transformada” em atitude de violência física em relação ao seu companheiro, que segundo ela, foi uma forma de defender-se das agressões físicas que sofria.

Em relação à visibilidade da violência psicológica, podemos identificar nos diversos relatos de vivências de Paula, Nazaré e Maria, situações permeadas de agressões verbais em forma de humilhações, xingamentos, ofensas, ciúmes, desqualificação de sua aparência física, falta de diálogo, cerceamento na liberdade de ir e vir, o que gerou interrupções em suas relações familiares e sociais e provocou tanto o isolamento social como emocional. Tais vivências foram geradoras de sofrimento, dor, angústia, medo, culpa, vergonha, sentimentos de ódio, raiva, tristeza e impotência diante de tal violência. Percebemos que a recorrência de tais situações de violência

psicológica imprimiu profundas desestruturações nas personalidades e nas maneiras particulares de expressar suas subjetividades, tanto no contato consigo mesmas como em suas relações sociais.

Através do atendimento psicoterápico realizado no Centro de Referência Maria do Pará, Paula, Nazaré e Maria, puderam entrar em contato consigo mesmas e revisitar suas histórias de vida para compreenderem o que as levou a permanecerem em relações disfuncionais, bem como a possibilidade de encontrar ajustes mais saudáveis na reconfiguração do contato consigo mesma e em suas relações afetivas e sociais. Atualmente, Paula, Nazaré e Maria receberam alta do processo psicoterápico e frequentam o Centro de Referência Maria do Pará em ocasiões de eventos promovidos pelo Centro. Paula promove reuniões em sua casa, com um grupo de mulheres que discutem sobre violência doméstica.

Após identificarmos e desvelarmos as diversas sequelas no psiquismo da mulher e em suas relações sociais e constatarmos as danosas e prejudiciais repercussões em sua subjetividade feminina, bem como, a eficácia do atendimento psicoterápico como cuidado e prevenção na saúde da mulher, sinalizamos a finalização da nossa tecitura.

Perls preconiza que as figuras/necessidades no campo perceptual precisam ser hierarquizadas em sua urgência, e concomitantemente fechadas/satisfeitas, uma de cada vez, para que ocorra o movimento fluídico e saudável de figura/fundo. Sendo assim, fechamos esta figura para dar passagem a outra. Dou ponto final na tecitura para começar outra tecitura, outra obra, outro tear.

Revelo que tal pesquisa foi de extrema importância pessoal e profissional, pois através dos contatos com as mulheres em que participei do acolhimento, no grupo de reflexões, e com as participantes desta pesquisa, entrei em contato com a minha dor por ter vivenciado situação de violência psicológica e física. Sentimentos de raiva, ódio, tristeza e vergonha vieram à tona. Entrei em crise existencial. Não conseguia dar continuidade na pesquisa, meu olhar estava contaminado e não estava conseguindo distanciar-me para compreender o vivido delas. Voltei para minha psicoterapia e pude cuidar da minha dor, entrando em contato com ela e ressignificando meu vivido.

Sai fortalecida de mim mesma. Como profissional, pelo conhecimento teórico acerca da temática e o alinhavo com a perspectiva fenomenológica Gestáltica hermenêutica, os quais foram norteadores na condução da análise dos vividos de Paula, Nazaré e Maria, re-aprender a escrever e na operacionalização da pesquisa.

Enfim, estou a aprender e a conviver nesse mundo apaixonante, árduo e misterioso da pesquisa, e como diz minha orientadora Adelma Pimentel, aprender a olhar com olhos de pesquisadora.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. Identidade e Exclusão. In BARBOSA, Regina Maria e PARKER, Richard (Orgs.) **Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder**. Rio de Janeiro: IMS/UERJ; São Paulo: Ed. 34, 1999

BATISTA, Flávia. Violência Doméstica: um problema de saúde pública entre quatro paredes. In RIGONATTI, Sérgio Paulo (coord.); SERAFIM, Antonio de Pádua; Barros, Edgar Luis de (Org.) **Temas em Psiquiatria Forense e Psicologia Jurídica**. São Paulo: Vetor, 2003. (p. 139-150)

BEISSER, Arnold R. A Teoria Paradoxal de Mudança. In FAGAN, Joen e SHEPHERD, Irma Lee (Orgs.). **Gestalt- terapia: teoria, técnicas e aplicações**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980. Originalmente publicado em 1971.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. Uma nova paternidade? In: FRAZÃO, Lilian Meyer; ROCHA, Sérgio Lizias C. de O. (Orgs.) **Gestalt e Gênero: configurações do masculino e feminino na contemporaneidade**. Livro Pleno, 2004. (p. 93- 158)

BRASÍLIA. **Lei Maria da Penha**. Lei n° 11.340 de 07 de agosto de 2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a Mulher. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Presidência da República. 2006.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**, São Paulo: Editora Moraes, 1974.

CIORNAI, Selma. Gestalt terapia hoje: resgate e expansão. In: **Revista de Gestalt. Departamento de Gestalt-terapia- Instituto Sedes Sapientiae**, São Paulo, vol.1 n° 1, p. 9- 25, 1991.

DIAS, Maria Berenice. **A Lei Maria da Penha na justiça: a efetividade da Lei 11.340/2006 de combate à violência doméstica e familiar contra a mulher**, São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2007.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**, São Paulo: Pioneira, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 4° Ed. 1984. Originalmente publicado em 1979.

GINGER, Anne; GINGER, Serge. **Gestalt: uma terapia do contato**. São Paulo: Summus, 1995.

HIRIGOYEN, Marie-France. **A Violência no casal: da coação psicológica à agressão física**- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. São Paulo: Summus, 1995.

JULIANO, Jean Clark. Gestalt-Terapia: revisitando as nossas estórias. **Revista de Gestalt-Departamento de Gestalt-Terapia- Instituto Sedes Sapientiae**, São Paulo, ano II, v. 2, p. 7- 23,1992.

KIYAN, Ana Maria Mezzarana. **E a Gestalt Emerge**: vida e obra de Frederick Perls. São Paulo: Editora Altana, 2001.

LOURO, Guaciara Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista, Petrópolis-RJ: Ed.Vozes, 1997.

LOFFREDO, Ana Maria. **A Cara e o Rosto**: Ensaio sobre Gestalt-terapia, São Paulo: Editora Escuta, 1994.

MACHADO, Lia Zanotta. Perspectivas em Confronto: Relações de Gênero ou Patriarcado Contemporâneo? In: **Série Antropologia**, Brasília, p. 2-18, 2000.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. Mal-estar e subjetividade feminina. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. III, n. 2, p. 418-438, Set. 2003.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia**: fundamentos e recursos básicos, São Paulo, Centauro, 2005.

MILLER, Michael Vincent. **Terrorismo íntimo**: a deterioração da vida erótica. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A Violência dramatiza causas. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de. (Orgs.) **Violência sob o Olhar da Saúde**: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Secretaria de Vigilância em Saúde**: Impacto da Violência na Saúde dos Brasileiros, Brasília, 2005.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2006. Originalmente publicado em 2005.

NARVAZ, Marta Giudice; KOLLER, Silvia Helena. Metodologias Feministas e Estudos de Gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. II, n. 3, p. 647-654, Set/Dez. 2006.

PARÁ, Governo do Estado do. **Cadernos De Direitos Humanos**, Maria do Pará. **Proteção e Defesa da Mulher**. nº1. s/d

PERLS, Frederick Salomon; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PERLS, Frederick Salomon. **Gestalt-terapia Explicada**. São Paulo: Summus, 1977.

_____. **Escarafunchando Fritz**: dentro e fora da lata do lixo. São Paulo: Summus, 1979.

_____. **A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia**, Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. **Ego, Fome e Agressão**: uma revisão da teoria e do método de Freud. São Paulo: Summus, 2002

PIMENTEL, Adelma do Socorro Gonçalves. **Nutrição Psicológica**- desenvolvimento emocional infantil. São Paulo: Summus, 2005.

_____. Subjetividade e Alteridade. **Revista do Nufen**, Belém, v.2, p29-39, 2004.

_____. **Cuidado Paterno**; enfrentamento da violência. São Paulo: Summus,2008.

_____; SEIFFERT, Marcelo. Projeto de Pesquisa: estudo da subjetividade masculina e feminina: violência, conjugalidade e paternidade. Belém, **UFPA/Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas**. 2008b.

_____; SILVA, Cibely Ferreira. Violência Psicológica contra a Mulher em Tucuruí-Pa: pesquisa em Gestalt-terapia. Belém, **UFPA/ Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas**. 2008c.

_____; ARAÚJO, L. Violência Sexual Intrafamiliar. **Revista Paraense de Medicina**, Belém, v. 20, p. 39-42, 2006.

_____; ARAÚJO, L. Violência Sexual Intrafamiliar contra criança e o adolescente. In: PIMENTEL, Adelma do Socorro Gonçalves; ARAÚJO, L. (Org.). **Universo Adolescente**. Belém: **Centro de Desenvolvimento da Adolescência**, 2007. v.1, p. 107-124.

_____; VALOIS, Rose N. R.; PEREIRA, J. M. Saúde Feminina através da psicoterapia. In: **III Encontro Amazônico sobre Mulher e Gênero: REDOR, 2008, Belém. III Encontro Amazônico sobre Mulher e Gênero: As faces da diversidade e XV Encontro da rede feminista Norte e Nordeste de estudos e pesquisas sobre Mulher e Gênero**; REDOR. Belém: UFPA, 2008.

PINTO, Celi Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PINTO, Ênio Brito. **Psicoterapia de Curta Duração na Abordagem Gestáltica**: elementos para a prática clínica. São Paulo: Summus, 2009.

POLSTER, Erving; POLSTER, Miriam. **Gestalt-terapia Integrada**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

PORTAL VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER. **Direitos Humanos das Mulheres e Violência Contra as Mulheres**: Avanços e Limites da Lei “Maria da Penha” – Cecília Macdowell Santos.

REY, Fernando Luis Gonzalez. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia**: Caminhos e Desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia**: refazendo um caminho. São Paulo: Summus, 1985.

_____. **O Ciclo do Contato**: temas básicos na abordagem gestáltica. São Paulo: Summus,1997.

_____. **Gestalt-terapia de curta duração.** São Paulo: Summus,1999

_____. **Vade-mécum de Gestalt-terapia:** conceitos básicos. São Paulo: Summus, 2006.

RICOUER, Paul. **Interpretações e Ideologias.** Belo Horizonte: Interlivros,1975.

SAMPAIO, Tânia Maria Marinho. **O não-verbal na comunicação pedagógica.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: **S.O.S. CORPO,** Recife: 1991. (p. 01-27)

SILVA, Marlise Vinagre. **Violência Contra a Mulher:** quem mete a colher? São Paulo: Cortez,1992.

SILVA, Paula; GOMES, Paula B.; GRAÇA, Amândio et al. **Acerca do debate metodológico na investigação feminista.** Rev. Port. Cien. Desp., set. 2005, vol. 5, nº 3, p. 358- 370 ISSN 1645-0523.

TELLEGEN, Thérèse Amelie. **Gestalt e grupos:** uma perspectiva sistêmica. São Paulo: Summus,1984.

TELES, Maria Amélia de A.; MELO, Monica de. **O que é violência contra a mulher.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa.** São Paulo: Vozes, 2003.

YONTEF, Gary M. **Processo, Diálogo e Awareness-** Ensaio em Gestalt-Terapia. São Paulo: Summus,1998.

SITE VISITADO

[HTTP://www.ufpa.br/projetogepem/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=2](http://www.ufpa.br/projetogepem/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=2) Acesso em 14 de janeiro de 2010).

ANEXOS

ANEXO 1

Decidimos incluir somente a primeira entrevista com Paula devido à extensão de todas as outras entrevistas. Outrossim, informamos que as mesmas estão à disposição com a pesquisadora.

PRIMEIRA ENTREVISTA- 21/01/09

P- Oi Paula, como você está hoje, como você se encontra hoje?

PA- Hoje eu estou bem, ainda com certo medo PAUSA e com seqüelas do que aconteceu, mas estou superando, eu me sinto livre, uma das coisas mais importante que eu conquistei foi a liberdade e hoje me sinto mais forte, me sinto capaz, nunca me senti incapaz totalmente, me sinto capaz de dominar minha própria vida, foi uma coisa que eu deixei, deixei ele dominar por um sentimento por uma pessoa que se prevaleceu dos meus sentimentos para me rebaixar, me tirar as forças, não conseguiu de todo mas fez um bom estrago, vamos dizer assim, e hoje eu me sinto, depois de tudo terminado eu me sinto bem, tenho hoje consciência de que eu sempre fiz tudo sozinha, que eu sempre tive meu espaço, que sempre fui forte, vamos dizer assim, mas eu tava só com a auto-estima baixa demais, a auto-estima tava no pé, eu sempre costume dizer assim.

P- Hoje você percebe a sua auto-estima no pé?

PA- É, hoje eu percebo isso, estava pequena porque eu me sentia como ele me via ou como ele fazia questão que eu me visse.

P- Como?

PA- Feia, gorda, né, é...fedorenta, nojenta. Pra ele eu poderia passar um frasco de perfume, mas eu estaria repulsiva para ele.

P- Você ficou quanto tempo casada?

PA- Oito anos.

P- Quantos anos você tem?

PA-35 anos. Eu não era a esposa dele, era a amante dele, mas eu respeitava, nós construímos uma casa juntos, eu ganhei o terreno, eu tinha todo respeito por ele e mesmo depois do relacionamento acabado pra mim, nem tanto por ele porque ele não merecia o respeito que eu tinha por ele, mas por mim, eu achava que eu já tinha vivido tanta coisa, não tinha necessidade de viver mais isso, ser rebaixada mais um pouco, eu via dessa maneira, então eu não queria, embora ele sempre dissesse que eu traia, era uma vagabunda, que eu tinha sempre alguém, na cabeça dele, que tinha sempre alguém que ficasse comigo ou ligava pra mim.

P- E isso aconteceu desde o início ou teve um tempo que não acontecia e a partir de certo momento passou a acontecer?

PA- Começou assim, eu tive um filho quando eu tinha 16 anos e eu morava com minha avó, morava e dava assistência a minha avó, as casas sempre foram perto, a casa da minha casa avó e a casa da minha mãe, mas a mamãe não morava mais com a gente, eu fazia na época um curso de enfermagem e quem pagava era a minha avó, só que tinha o lado da humilhação, sempre a pessoa joga em rosto, que pagava minha passagem e me humilhava.

P_ Quem te humilhava?

PA- Minha avó.

P- Como?

PA- Jogava no rosto o que ela fazia porque tava gastando dinheiro demais e ela esperava que quando ela morresse tivesse alguém pra carregar o caixão dela, afinal de contas ela ajudava muita gente, mas a pessoa que ela ajudava era eu, então um certo dia eu estava a caminho de casa e ele passou na moto querendo me conhecer, ele foi muito direto, muito franco, ele disse você tem filhos? Eu disse tenho, tenho um filho. Você trabalha ou estuda? Eu faço curso de enfermagem. E você mora com quem? Com a minha avó. É casada? Eu disse não. Ele perguntou: como você se sustenta? Eu disse que a minha avó me sustentava. Ele disse: você precisa de ajuda, você não quer que eu te ajude? Como você pode me ajudar? Você não precisa de roupa, de calçar, ajuda para fazer as coisas? Eu disse preciso. Então na hora, naquele momento pra mim parecia uma boa solução. Eu perguntei: Você é casado? Sou, eu não vou te mentir. E você tem condições de sustentar duas famílias? Ele disse que tinha.

P_ Isso foi no primeiro encontro?

PA_ Foi no primeiro encontro. Na minha concepção ele não ia viver diretamente comigo como ele viveu, aí passou uns três meses e ele alugou um quarto, nesse tempo eu morava na casa da minha mãe e ele ia me visitar.

P_ Na casa da sua mãe ou da sua avó?

PA_ Eu morava com minha mãe, que fica ao lado da casa da minha avó, são dois terrenos e duas casas.

P_ Você morava na casa da sua mãe mas ela não morava mais lá?

PA_ Morava eu e meus irmãos, então ele alugou um quarto e nós fomos para lá.

P_ Nós quem?

PA_ Eu, ele e meu filho, sendo que meu filho sempre passava o final de semana com o pai dele ou com a avó dele e eu ficava sozinha e nós saíamos, eu sempre acompanhava ele, ele tinha moto e a gente saía bastante, aí passou a não me levar mais, queria que ficasse em casa, arranjava desculpas.

P_ Depois de quanto tempo?

PA_ Depois de 4/5 meses.

P_ Vocês morando juntos?

PA_ É, eu digo morando junto porque ele passava mais tempo comigo, ele passava o dia todo comigo quando ele não tava trabalhando e saía para casa dele a noite, então depois de um ano juntos a vovó me deu um terreno e eu, nós começamos a construir nossa casa, só que na realidade nunca houve um respeito porque sempre quando ele tava comigo ele paquerava outras mulheres porque como eu digo sempre, você olhar algo bonito é uma coisa, agora você cobiçar é diferente, se eu to com você e você olha tudo bem, mas se você fica mundiando ou paquerando alguém é diferente. Ou você me respeita ou não, mas pra ele não existia, então ele sempre dizia que eu tava vendo coisas, que tinha ciúmes, eu sempre contestava, mas ele nunca aceitava, então eu deixei passar, com o tempo eu fui me apegando nele, veio o sentimento, só que aconteceu um fato antes de conhecer ele, muito antes eu tive um relacionamento com um tio meu e ele descobriu, eu apanhei, ele me bateu nesse dia, me chamou de vagabunda, de ratazana do lixo, disse que eu era pior que essas cadela que andava por aí pela rua, que eu pegava qualquer homem e transava com eles e depois ele disse que ia embora.

P_ Essa foi a primeira vez que ele te agrediu, te humilhou?

PA _ Foi a primeira vez, então ele foi embora e nós estávamos morando no quarto, ainda não tava pronta a casa, ele foi embora, como tava pago eu ia ficar até o final do mês e depois ia para casa, ai ele resolveu voltar dizendo que tinha me perdoado, de quê eu não sei, disse que tinha me perdoado por eu ter mentido para ele, eu não menti, eu PAUSA não contei, foi uma coisa que já tinha passado na minha vida, se eu quisesse manter um relacionamento eu teria mantido mas foi algo tão passageiro de nós dois, não tinha sentimento que valesse a pena você lutar, existiu um momento, tinha o desejo e acabou, então pra mim já tinha terminado e a minha família não tinha certeza desse relacionamento que eu tive com meu tio. Aí tá, passou esse dia e eu perdoei. Eu me punia muito por esse relacionamento com o meu tio, me punia muito pela questão do pecado, da questão religiosa, eu mesma me punia muito.

P_ Como você se punia?

PA _ Eu sofria muito e ele se prevaleceu muito disso, quando ele percebeu que ele podia me controlar por esse lado, porque minha família não sabia, ele deitou e rolou.

P_ E como ele descobriu?

PA _ O meu primo bebendo com ele, falou da desconfiança e ele foi em cima e insistiu e depois veio com carinho, dizendo que a nossa relação tinha que ser aberta e tudo mais e começasse sem mentira e quando eu falei ele teve uma reação horrível, em bateu, me humilhou e passou, não falou mais no assunto, nós terminamos de fazer o quarto de alvenaria lá no terreno e ele sempre falava e passou a ser uma ameaça pra ele, tipo assim, ele jurava que por eu ter transado com meu tio eu o amava e nunca foi assim que aconteceu, então ele tinha esse sentimento que se eu chegasse perto dele, do meu tio, eu ia voltar a ter esse relacionamento, eu ia retornar, e eu sempre dava a certeza para ele, pra essa pessoa que eu vivi, que eu gostava dele, não tinha necessidade dele se sentir inseguro, mas ele sempre foi movido por esse ódio e gostava do domínio que ele tinha, quando foi uma vez esse meu tio chegou na casa da minha avó e como o quintal era aberto ainda, ele foi falar comigo e como não tinha mais nada, porque eu ia ficar com raiva dele? Ao meu ver eu não ia deixar de falar com ele pelo que aconteceu, não, não deu certo paciência, se não ninguém falava mais com ninguém, ai ele foi me cumprimentar e depois ele disse que o cara tava tinha ido lá, fez escândalo, e disse que ele queria me beijar e não foi assim, ele queria colocar na minha cabeça que no dia que ele foi lá ele me beijou e me agarrou, e não foi assim e depois disso minha vida ficou pior, o pior porque eu gostava.

P_ Gostava dele?

PA _ É gostava dele, muito, muito mesmo a ponto de tolerar todas as coisas e também tem a questão que eu passei a me punir, ele falava assim que o que eu tinha feito era pecado, como eu tive coragem de fazer uma coisa tão baixa, porque eu fiz aquilo, que eu não passava de uma galinha e quando ele tava com raiva ele falava coisas horríveis pra mim e depois quando desabafava tudo e ele me via chorando, ele me perguntava por que eu tava chorando eu to aqui, eu te perdão, então eu sofria muito com isso porque além da culpa que eu tinha de ter transado com um tio meu, ele se prevalecendo disso, ele me humilhava todas as vezes, muitas vezes com uma conversa informal ele tinha que tocar no assunto, ai ele sabia que me machucava e eu não reagia, eu só chorava, né. Quando eu passei a ver que ele se prevalecia disso, sei lá, era como se ele fosse o meu castigo, PAUSA eu tive ele assim como se eu tivesse que passar por aquilo, mas quando encheu, quando eu achei que tava tudo resolvido e que ele mesmo fez tudo errado, me deixava sozinha em casa, saía e eu

fazia a comida e ele, ele chegava a noite dizendo que tava trabalhando e não era, a gente conhece, né, ele chegava e dizia que não tava acontecendo nada, que eu tava ficando doida.

Como ele não podia ficar comigo no natal, ano novo ele se sentia inseguro, todo final de ano, todo natal ele ficava comigo na véspera até 11 h e só me via no outro dia, quando ele chegava de manhã com raiva porque ele achava que tinha ficado dançando na casa da minha tia ou então na casa da vizinha, dizia que eu tinha ficado com todos os homens e que tinha levado pra casa, e aí eu já passei a responder, a reagir e ele me batia, geralmente me dava tapa e dizia que eu era muito atrevida, eu já não agüentava assim, gostava dele mas não tava mais aceitando que ele me batesse e me agredisse, PAUSA todo ano era assim, foram oito anos, todo ano novo era uma briga, todo natal eu já sofria, porque eu não saía para canto nenhum, eu mal ia na casa dos meus parentes para cumprimentá-los e voltava para casa com meus filhos e isso não valia pra ele, pelo contrário, era mais um motivo para ele me bater, me humilhar, me chamar de vagabunda. Com o passar do tempo eu engravidei.

P_ Depois de quanto tempo você engravidou?

PA _ Eu tive três gravidezes, uma com três meses de relacionamento que eu sofri um aborto porque minha gravidez é muito difícil e tava assim com quase 6 meses de gravidez quando eu sofri outro aborto, eu ia trabalhar e minha gravidez é aquela de ficar deitada, só comendo, como eu não tive esse cuidado eu abortei, aí passou.

P_ Nessa época você trabalhava em que?

PA _ Quando eu o conheci eu não trabalhava, mas depois eu passei a sentir ciúme e chegou um dia que ele disse assim: tu ficas pensando e falando essas coisas é porque tu não fazes nada.

P_ Que coisas?

PA _ As coisas que ele fazia, eu só ficava em casa e nos sábados e domingos ele só chegava e saía, obviamente ele não tava sozinho, entendeu, eu falava mesmo, cobrava, aí ele começava, tu ficas falando essas coisas porque tu não tens nada pra pensar, isso é coisa de gente desocupada, tá bom de arranjar um trabalho pra ter alguma coisa pra fazer. Aí no outro dia fui deixar meu filho na escola e a diretora da escola disse que a professora da alfabetização pediu demissão e faltava uma semana para começar as aulas, como eu já tinha trabalhado antes, mesmo não formada, eu fiz o primeiro ano de magistério e não passei no segundo, mas eu tenho experiência, já trabalhei numa escolhinha alguns anos atrás e se tu quiseres eu posso ficar. RISOS Ótimo, pode ficar até eu encontrar outra. Disse, eu fico. Quando eu cheguei à noite eu disse pra ele: eu consegui um trabalho PAUSA e já vou começar amanhã porque a gente vai organizar a escola. Ele não ficou gostando, disse que eu não tinha necessidade. Disse para ele que minha mente está muito desocupada, eu vou trabalhar, e nessa espera de outra professora eu fiquei 3 anos e ele começou a implicar, porque eu tava tendo um caso com o diretor, porque eu era uma safada, que não tinha necessidade de trabalhar, que ele me dava tudo, porque isso e aquilo, aí foi, e como na escola também tinha algumas coisas que não tava me agradando, aí eu resolvi trabalhar em casa com reforço para crianças, e mesmo tendo só um quarto de alvenaria, consegui uma mesa e eu consegui ganhar quase o mesmo tanto que eu recebia, sendo que em casa, aí ele sempre dizia a gente vai ter um bebê, aí eu não quis outro, aí chegou um tempo que eu quis me operar, vou ter um bebê e vou me operar, falei pra ele: olha eu quero ter mais um filho e quero saber se tu

concordas com isso porque entre você querer e pedir é uma distância grande, porque o homem faz muita chantagem. Ele disse: não, eu quero. Vou fazer a cirurgia, a laqueadura.

Minha gravidez foi horrível, porque se antes eu ficava em casa, na gravidez eu não podia sair mesmo, ficava todo tempo sangrando, ele simplesmente chegava em casa, fazia a comida e ia para um barzinho na frente de casa e dizia eu vim passar o dia contigo, comigo não. Às vezes dava 2 horas e eu não tinha almoçado porque eu não queria almoçar sozinha, eu chorava muito, ele chegava e dizia: eu to bem ali, sim, mas não é comigo, estás com teus amigos, quer dizer, quando não for para ficar comigo, você diz eu vim para ficar no barzinho e pronto, eu fico satisfeita porque eu não vou esperar ninguém, não vou fazer comida para ninguém, vou fazer para mim. E quando chegou a hora de ter o bebê, ele me deu toda a assistência, pagou a cirurgia, o anestesista, pagou uma pessoa para ficar comigo, eu aproximei muito ele da criança, porque com os outros filhos dele ele não teve isso de carregar no colo, de aconchegar, e eu fiz ele se apegar, se aproximar da criança, porque ela precisa, fazia muito ele me ajudar nas coisas, ele passou, ai tem aquele período em que você acaba o resguardo, a libido não volta logo, muitas vezes demora um tempo para voltar, principalmente quando você ta dando mama e mesmo assim você se sente gorda, e ele fazia questão de dizer as mesmas coisas, você ta gorda, fedorenta, não te arruma, porque isso e aquilo.

P_ O tempo inteiro da relação de vocês ele falava essas coisas?

PA_ Sempre, ele sempre procurava me rebaixar.

P_ E como você se sentia?

PA_ Você gosta de alguém, você ouve a pessoa dizendo você tá feia, ele chegava no limite de dizer: tu és muito feia, quando eu chamava ele para discutir a relação ele dizia: negona, tu não és uma mulher bonita, tu és uma mulher feia, tu não tem beleza nenhuma, só que eu não tenho vergonha de andar contigo. Então como a gente se sente? Horrível, você passa a se ver feia, eu olhava no espelho e dizia: Meu Deus! Meu cabelo tá horrível, a minha pele tá seca, eu to horrível, o que eu vou fazer, né?

Com o passar do tempo eu descobri que ele teve um caso também com uma colega minha de trabalho, o trabalho da escola, ela freqüentava em casa, a gente conversava muito e descobri que eles tiveram um caso, isso fora as outras coisas que as pessoas vinham me dizer vi o fulano com uma mulher, eu vi ele na moto, no bar, dando carona para uma garotinha e quando eu ia cobrar ele dizia porque se for homem é porque quer te comer e se for mulher é porque quer destruir a gente, se tu ficar dando ouvido tu vais ficar doida, tu tá ficando doida, eu não faço isso, eu te amo, eu gosto de ti, eu vivo para ti, eu trabalho e luto pra te dar tudo o que tu precisas e tu não reconheces isso, o todo tempo eu ouvia isso.

P_ E ele dava pra você tudo o que você queria?

PA_ Não.

P_ O que ele te dava?

PA_ Ele dava comida, PAUSA ele pagava as contas de luz, comprava o gás.

P_ Mantinha a casa ou não?

PA_ É. Eu sempre ajudava muitas vezes eu comprava o gás porque eu nunca deixei de trabalhar e uma das coisas que ele queria, sempre lutou pra eu deixar de fazer e ele nunca conseguiu, eu não conseguia ficar sem, sempre chegava alguém em casa

dizendo dá pra te dar aula pra o meu filho, e ai quando vem um, já vem o outro e vai passando informação e a gente sempre consegue, quando eu acordava já estava com 5/6 crianças e no final do mês eu tinha meu dinheiro. Quando ele percebeu que eu conseguia dinheiro né, ai ele começou a se prevalecer disso, aí ele já não tinha tanto dinheiro, ai eu comprava o gás, pagava a luz, eu comprava roupa se eu quisesse, roupas para as crianças na loja, eu pagava, ele dizia tira e eu pago as prestações, comprava e sempre era eu que pagava. Ele não chegava comigo e dizia: vamos fazer tal coisa, tu sempre soubestes que eu tenho outra família pra sustentar e tu não sabes como é a minha vida, bom PAUSA por muito tempo eu aceitei a situação, quando ele falava eu tenho minha mulher, porque isso e aquilo, tenho minha família. Sempre que eu cobrava alguma coisa dele ele dizia: a minha família é prioridade pra mim, eu nunca vou deixar a minha família por ninguém, eu nunca pedi que ele deixasse a família, com o passar do tempo eu aceitei a situação, mesmo gostando dele eu aceitei a situação, eu tava consciente, tinha coisas que ele ia estar com a família e ele colocava na minha cabeça que ele estava lá, para mim era uma forma de humilhação também porque eu sempre vou estar em segundo lugar, tudo bem, eu aceitei, não precisa jogar em rosto, eu tenho consciência disso, um das coisas que ele gostava de repetir era que ele nunca deixava o trabalho por ninguém, que ele sempre me dava o melhor, que eu era feliz e não sabia e que eu gostava muito de liberdade, porque as vezes eu dançava em casa, ele chegava e me via dançando e dizia: tu gosta muito de liberdade, as vezes quando ele queria algum comentário meu ele dizia: sou velho pra ti, feio e barrigudo.

P _ Ele dizia?

PA _ Dizia e queria que eu concordasse para que ele rebatesse, né, isso aí durou uns 6 anos de convivência, quando eu passei a perceber que eu não gostava mais, não amava mais, PAUSA meu comportamento mudou, ele é do tipo de homem assim: se ele come uma banana lá no quarto ele volta pra sala mas a casca fica lá, então antes eu fazia tudo pra agradar, eu sempre fiz tudo pra agradar, eu não me importava com aquilo, o copo de água era eu que buscava, a comida era eu que tinha que servir, por mais que tivesse tudo ali e pra ele nada tava bom.

P _ Você que servia, você fazia as coisas para agradar?

PA _ Era, em todos os sentidos, era pior do que as crianças, né, era uma dependência, ele prevalecia, PAUSA ai quando eu passei a mandar ele jogar a casca de banana no lixo, quando tinha o copo no quarto eu cansei de puxar a orelha dele, literalmente, fazer ele pegar o copo e deixar na pia, né, levando na brincadeira, mas eu tinha mudado de alguma maneira, porque eu não pegava mais o copo, eu queria que ele fosse pegar.

P _ Depois de 6 anos?

PA _ Depois de 6 anos PAUSA e ele começou outras coisas, eu rebatia muito, discutia mesmo com ele, nunca aceitei muito as coisas de graça, certas coisas que acontecia eu falava, eu sempre ironizava as coisas, ele falava: tu estavas com outro macho, é eu tava com outro macho, aí eu rebatia: tu não queres um chifre, a única coisa que tu podes querer é um chifre, porque se eu to na minha, trabalho na minha casa, cuido dos meus filhos e não saio pra canto nenhum como é que eu vou arranjar tempo pra te meter um chifre?E isso que tu queres? Ele calado. Eu, PAUSA por muitas vezes eu.... chorava sozinha em casa, sofria mesmo por gostar, por ele não mudar, ele vivia com meu passado, ele não vivia comigo,tudo girava em torno do meu passado, tudo era motivo dele lembrar o que tinha acontecido.

P _ Quando tu falas do teu passado é em relação ao teu tio?

PA _ É, é em relação ao meu tio, nada era importante, só o que tinha acontecido.

P _ O tempo todo ele voltava para o que tinha acontecido e gerava brigas.

PA - Sempre, eu não aceitava mais, passei a não aceitar mais que ele fizesse disso uma tortura pra mim, pra mim, como passou o tempo eu já tinha pagado minha conta, RISOS então eu apanhei, sofri humilhações de todas as maneiras, ele era literalmente o meu castigo, na minha cabeça. Então eu disse pra ele: minha mãe me deu de presente um curso de estética facial no Sesc, então eu disse pra ele assim: eu vou fazer esse curso, pra eu falar isso foi um sofrimento terrível porque eu tinha certeza que ele ia falar alguma coisa, ele ia dizer que eu queria arranjar outro macho, queria uma pica nova pra mim, era sempre assim.

P _ E isso aconteceu quando você disse que ia fazer o curso?

PA _ Eu cheguei e disse, eu ganhei da minha mãe um curso de estética facial e eu vou fazer, não tu não vais fazer curso nenhum, o que tu queres é sair de casa, bater perna por ai, o que esse curso faz? Faz limpeza no rosto. Ah! Isso é pra ta alisando cara de macho, tu não vai fazer porra nenhuma de curso, eu vou fazer, eu ganhei da minha mãe de aniversário e não vou desprezar. Tu não vais. Eu vou e tu não vai me impedir, aí ele me deu um tapa, eu tava na cadeira e caí, PAUSA aí eu levantei e parti pra cima dele também e disse: tu não vai me dar uma surra todo dia, eu vou fazer e acabou. PAUSA É, eu sei mesmo que tu já me dissestes que não gosta mais de mim. Eu já tinha tido pra ele.

P _ Depois de 6 anos de convivência você estava enfrentando mais...

PA _ É, foi depois a situação já estava ficando bem cansada, todo o tempo era na humilhação, eu já me sentia horrível, eu não tinha prazer em estar em casa, mas eu tinha que ficar, eu me sentia só, eu chorava muito a noite. Quando ele saía, eu pedia a Deus para que ele fosse embora porque durante ele ta em casa, a qualquer momento ele podia falar, me chatear, me humilhar, e sempre dizia que eu era tarada porque eu gostava muito de sexo e com certeza eu queria sair com vários homens, ele perguntava se eu já tinha feito sexo com dois homens, três homens, fazia sempre esse tipo de perguntas imbecis, então aquilo me chateava, me angustiava, então eu comecei a orar, pedia muito a Deus que afastasse ele, que ele tivesse consciência que eu não gostava mais, que ele sáisse por ele mesmo sabe sem eu ter que mandar ele embora, sem eu ter que passar por aquilo porque toda vez que eu mandava ele sair era um sufoco pra mim.

P _ Como assim?

PA _ Era uma briga, ele sempre buscava coisas que não tinha nada a ver, sempre dizia que eu tinha outra pessoa, dizia que eu tinha conseguido tudo o que eu tinha conseguido através dele e que eu queria só uma casa e agora que eu já tinha tudo que eu tava dando um chute nele, não era assim, eu tava terminando porque eu tava cansada.

P _ De que você tava cansada?

PA _ De toda a situação, da humilhação, da tensão de viver com a expectativa de que ele vai me chamar de vagabunda, de prostituta, sabe, todo tempo era assim.

P _ Todo o tempo?

PA _ Todo o tempo, às vezes a gente tava conversando numa boa, numa conversa informal sobre qualquer assunto e ele sempre dava um jeito de chegar até o assunto e dizer que eu deveria ter namorado muito, sempre era o que eu tinha feito antes. Eu disse pra ele que ele também tinha tido outras pessoas, ele também teve mulheres,

amantes, né, tinha feito muita coisa mas pra ele não interessava o que ele tinha feito, importava o que eu tinha feito, com quem eu tinha namorado, que eu tinha transado com meu tio e com certeza eu tinha um monte de homem, mas tudo isso ele fazia, enquanto eu não chorava ele não ficava bem. Ele só se satisfazia quando ele me via chorar, aí ele parava e dizia que tava tudo bem, que eu não precisava chorar que a gente ia ficar junto, que ele me amava, a gente ta bem, ele só parava de me perturbar quando eu chorava, e eu dizia que eu não agüentava mais aquilo e pedia pra ele parar de falar, mandava ele calar a boca, cala tua boca, olha as crianças, me deixa em paz, para com isso, borá viver em paz, e ele nunca conseguia, não fazia né, eu cansei de mandar ele embora. Passou mais um ano e PAUSA ele não saia de lá, ele era tão péssimo que quando chegou a eleição para governador, ele queria que eu votasse no candidato que ele escolheu, ele perguntou em quem eu ia votar, eu disse um candidato diferente do dele, e ele disse não, tu vais votar em quem eu escolher porque tu mora comigo, eu disse não, eu quero saber em que época tu vives, tu teve ter ficado num tempo pra trás porque as coisas não funcionam assim, eu vou votar no candidato que eu quiser, o voto é secreto, tu não vais saber e eu votei no candidato que eu quis. Ele sempre agia dessa maneira.

P_ Você disse ainda pouco que ele dizia que ele era mais velho, ele tinha quantos anos?

PA _ Eu tenho 35 e ele 50

P _ Diferença de 15 anos

PA _ É, sempre que a gente chegava em algum local as pessoas diziam: e aí, é tua filha? Não, é minha garota. Ele se sentia mal, e como eu passei a ficar mais em casa ele teve ter se aliviado. Eu sei que agindo dessa maneira sempre que a gente tava sozinho, as vezes as crianças dormindo porque tinha dias que ele tava insuportável, ele queria implicar mesmo comigo, porque ele queria que eu reagisse e ele me destratava, qualquer coisa que eu falasse era motivo para ele me destratar e no final das contas eu saia sempre machucada, assim emocionalmente um bagaço, meu olhar era sempre triste, eu procurava disfarçar para as pessoas, procurava não passar meus problemas, quando ele não estava as pessoas chegavam até a minha casa, minha mãe, minha avó, meus irmãos, mas quando ele tava ninguém chegava perto, ninguém gostava dele porque sabiam o que ele fazia na rua e me viam triste e não gostavam.

P _ E você não compartilhava com ninguém de sua família o que você vivia, que você era agredida?

PA _ A principio não, só vieram saber vieram saber de uns 3 anos pra cá, eu vivia triste, empurrando a vida com a barriga, mas eles não tentavam chegar junto.

P _ O que te levou a ficar tanto tempo calada?

PA _ Eu acho que PAUSA eu ainda gostava dele e eu achava que ele podia mudar, tentei fazer várias vezes com que ele mudasse, mudasse o pensamento, mudasse o jeito de ver as coisas.

P _ Como você fazia isso?

PA _ Eu conversava com ele, eu...a minha única maneira era conversar

P _ E vocês conseguiam conversar?

PA _ Conseguia, iniciava a conversa e quando terminava ele sempre se mostrava deprimido porque eu achava que ele tava fazendo tudo errado porque eu tava oprimindo ele, ele se sentia mal porque ele tava sempre errado e ele nunca assumia o que fazia, que ele tava errado, agindo de maneira errada, eu sempre chegava pra ele e

dizia vamos ver as coisas de maneira diferente, borá viver, o meu passado não interessa, se eu estou com você é porque eu quero ficar contigo, borá viver feliz, dá pra viver feliz, dá essa oportunidade pra gente viver bem , borá viver junto, ajeitar as coisas, mas aí não era importante pra ele, viver bem significava ele não falar mais nada, não me agredir, não brigar...tudo que ele comprava pra mim era de segunda mão, quase caindo aos pedaços, uma vez ele comprou um celular e eu disse que não queria aquele celular, era o segundo que ele comprava, o primeiro foi de segunda, o outro celular eu não quero mais de segunda, ai ele teimou e comprou e depois eu fui descobrir que ele tava na y. Yamada comprando um celular novo para uma garota.Descobri e falei e ele disse que não era verdade, aquilo doía, sabe, doía ele achar que eu era burra demais a ponto de não saber o que ele tava fazendo, doía ele me rejeitar, quando chegava, as vezes em casa quando tava tudo bem,das poucas vezes que ficava, eu queria sexo e dava a entender, ele passou um tempão sentindo muita dor de cabeça, sem ereçãoPAUSA e quando chegava na sexta-feira quando ele dormia em casa eu queria, eu cheguei a ir ao fundo do poço, quando ele dormia e tinha ereção e eu queria sexo e tinha relações com ele quando ele estava dormindo... eu acho que de todas as humilhações que eu passei essa foi uma das que mais doeu porque hoje eu olhando essa situação, esse desespero, eu queria sexo e era com ele, não queria outra pessoa, não havia sentido já que era ele que estava comigo, quando era eu que dizia não era porque eu tava satisfeita, tinha transado com outro homem, e nós passamos mais de mês sem ter relação, quando ele decidiu foi porque eu pressionei mesmo, quer dizer, eu tinha sexo com ele, não era recíproco porque ele tava dormindo.

P _ Você mantinha relação com ele dormindo?

PA _ Dormindo, ele ficava ereto, não sei com quem ele sonhava, então ele tinha ereção e ai eu fazia, as vezes ele se espantava e via que era eu e acabava, cheguei a fazer umas três vezes e depois não quis mais, ai eu comecei a pressionar, cheguei a conversar com ele para saber o que tava acontecendo porque ele tava muito tempo sem ter relação, né, e eu preciso de sexo,não to morta, meu filho deu uma pausa, a criança cresce um pouco e dá uma folga e você começa a se vê novamente, a se sentir, e eu fiz e fiz até que ele fez sexo comigo e ele fez com o esperma mais ralo que ele tinha, fui perguntar o porque e eu não esqueço disso, com quem você teve relação? E ele disse: com ninguém. E eu disse: negativo, pelo tempo que a gente ta sem ter relação o teu esperma não era pra estar ralo desse jeito, ta como se você tivesse acabado de transar com uma pessoa entendeu, e ele falou: Ah! Foi bom ter falado, porque ultimamente quando eu urino tenho sentido minha urina meio viscosa, meio grossa, eu acho que meu esperma ta saindo pela urina. RISOS.

APÊNDICE

APÊNDICE 1

EU JÁ ESTIVE AQUI!

Eu já estive aqui, neste lugar... Entrei na Delegacia de Mulheres e uma tonelada de lembranças e sentimentos vieram à tona quando vi aquelas mulheres ali, sentadas, cada qual com uma história, de dor, de sofrimento, esperando para serem atendidas. Eu sabia o que significava estar sentada ali, para mostrar minha vida, minha agonia. Pra denunciar. Imediatamente a cena veio a minha lembrança: eu, sentada ali em uma daquelas cadeiras, machucada na alma e no corpo, humilhada, com medo, muito medo de tudo, sem entender o que e como tudo tinha acontecido. Por quê??? Um filme passou em meu pensamento, o momento da agressão física, a dor, desespero, a ajuda da família, a ida ao IML, a Delegacia, advogada, o dia do encontro com a Delegada e ele, o acordo entre as partes. Não dei continuidade ao processo. Uma gama de sentimentos que estavam guardados se atreveu vir à tona, os quais foram imediatamente sufocados, omitidos. Assim como eu fiz com os meus sentimentos e a minha história de violência física e psicológica: oculte, omiti, deixei-a invisível pra mim e para todos que me rodeavam, oculte, calei, omiti, encobertei. Covardemente me omiti. Vergonha. Muita vergonha. Constrangimento. Revolta e ódio. Desamparo. Medo.

Alguns anos se passaram e lá estava eu, em um lugar onde nunca mais queria estar de novo: na Delegacia das Mulheres. Porém agora, em outro papel, num outro lugar: o de pesquisadora. Racionalmente, retomei ao meu objetivo. Porém, emocionalmente estava acontecendo uma tempestade de sentimentos e imagens, pois passeando nas salas, nos corredores, ia revivendo aquelas cenas que eu queria apagar pra sempre da minha vida e que agora estavam ganhando uma presença quase insuportável. Consegui suspendê-los e fiz o que era necessário fazer na programação daquele dia. Voltei ali várias outras vezes e as cenas e os sentimentos também voltaram, por vezes com mais e outras com menos intensidade, porém presentes, teimando em sair do esconderijo que eu os tinha colocado. Ilusão querer esconder sentimentos.

Com objetivo de compreender a violência psicológica via atendimento psicoterápico de curta duração com casal, continuei indo a Delegacia das Mulheres para entrevistar

um casal, sendo que o homem estava preso por acusação de estupro em sua cunhada. Uma situação inédita atender um homem com este histórico e além do mais, algemado em uma cadeira. Um perigo eminente, que aos poucos se dissipou e fui conseguindo perceber e vê uma pessoa com suas dores, desajustes e possibilidades. Atendi sua companheira em meu consultório particular. Ele foi posto em liberdade e não apresentou interesse em dar continuidade nas entrevistas, o que aconteceu também com sua companheira. Fiquei pensando em algumas possibilidades da desistência: será que era somente importante para eles enquanto ele estava preso, para fazer impressão de um bom comportamento? Qual a minha contribuição para a desistência? Não estabeleci um bom contato com ela? Como pesquisadora, minhas intervenções foram inadequadas? Demonstrei meu não interesse pelo o que estava pesquisando? Era interesse deles? Porém, logo esses pensamentos foram para o fundo. A sensação que tinha era que aquele não era o meu objeto de estudo, de interesse. Sensação, sentimento, pensamento e ação integraram-se e nessa estada na Delegacia, encontrei outro lugar de acolhimento às mulheres que chamou minha atenção, o Centro de Referência Maria do Pará.

Iniciei a pesquisa, primeiramente frequentando o espaço, conhecendo os profissionais, a tramitação burocrática, vendo as mulheres que ali chegavam e eram acolhidas e atendidas individualmente e em grupo. Participei como ouvinte de sessões de acolhimento e saía completamente cheia e zonga com tanta dor, tanto sofrimento. Posteriormente, inseri-me em um grupo de reflexões (temáticas) como observador-participante. Uma rica experiência, porém ocorreu desmobilização das mulheres que estavam participando, dentre outros motivos, o retorno de duas participantes ao município de origem, feriados nos dias do grupo, escolha de participar somente da terapia individual, etc. Como precisava otimizar o tempo em prol da pesquisa, participei minha saída para as mulheres e para as profissionais. Então, decidi fazer entrevistas com três mulheres para saber, conhecer e compreender os seus vividos.

Nunca tinha estado no Maria, porém aqueles relatos das mulheres, por vezes me levavam a lugares conhecidos e que até então eu fazia questão de ocultar, não queria entrar em contato com meus sentimentos, afinal de contas, estava fazendo pesquisa. Embora sabendo teoricamente que o pesquisador é impactado pelo fenômeno que

estuda e pesquisa, eu estava travando uma guerra imperiosa dentro de mim, estava profundamente mobilizada com minha própria dor e ao mesmo tempo distante dela, ou tendo a ilusão de estar no controle do que estava vivenciando. Eu não conseguia estar inteira no que estava fazendo, não assumia minha dor, minha história, não compartilhava com algumas pessoas de confiança o que estava sentindo e nem produzia teoricamente. Como estar fora do contexto da pesquisa, se estava completamente envolvida pelo meu sentimento e pelo o que eu ouvia da Paula, a primeira mulher que entrevistei. Por diversas vezes enquanto eu a escutava senti vontade de falar que eu sabia o que ela tinha passado ou então me aliar a sua dor e fazer parte do seu coro de ódio e de medo, bem como, de revolta perante a violência sofrida por ela, por mim.

Sentia-me angustiada em estar no Centro, escutar aquelas mulheres, saber dos seus vividos e fazer de conta que não sentia medo, vergonha, constrangimento, raiva, ódio, revolta pelo o que eu passei. Estava dividida. E essa situação era terrivelmente angustiante. Não conseguia estar inteira, verdadeira no que eu estava sentindo e vivendo. Para que isso acontecesse, era preciso que eu decididamente desse ouvido e voz a minha história que eu, por vários anos fiz questão de dar invisibilidade. O passado tão presente em mim, interrompendo-me. Era preciso lavar-me por inteiro, entrar na água de corpo inteiro para lavar a dor, a alma. Medo. Resistência. Não conseguia voltar ao Centro, não conseguia escrever, debruçar-me sobre o objeto, o sujeito. Paralisação. Sabotagens. Eu estava totalmente paralisada. Sentia que enquanto não cuidasse de mim, a pesquisa não ia andar. O que fazer? Desistir? Continuar? Ocultar mais uma vez? Continuar no campo do privado ou tornar público? A vergonha tornou-se figura outra vez. Vergonha de ter sido agredida e ter passado por momentos de violência psicológica. Vergonha de ter sido agredida física e psicologicamente? Não! Decididamente, não! Alguma coisa está fora da ordem, como diz Caetano.

Retornei ao Centro e realizei entrevistas com Nazaré, agora com um distanciamento maior, porém não sem contato, diria que com o distanciamento necessário para uma pesquisadora. A escuta, o estar com, a singularidade, o respeito pela alteridade daquelas mulheres, o impacto das revelações dos seus vividos chegaram a mim de

forma diferenciada da primeira entrevista, exercitava então a tão falada proximidade e afastamento, diria fenomenologicamente, exercitando a suspensão dos *a priori*.

Contudo, não me sentia inteira, não tinha ainda mergulhado de corpo inteiro na onda, não estava totalmente molhada. Entreguei os pontos, dei férias para minha prepotência, minha onipotência e pedi ajuda, retornei para meu processo psicoterápico. Momento de lucidez e de saúde. Mergulhei de cabeça, ou melhor, de corpo e alma na dor que estava gritando dentro de mim e pedindo socorro para sair, sair debaixo de tantos medos, de histórias que estava, neuroticamente, repetindo. Histórias apreendidas com mamãe, papai, tias e avó. Fui ao encontro das mulheres que habitam em mim, estou acolhendo-as e aprendendo a separar o que é dela (e)s e o que é meu, o que eu quero para mim, com mais leveza e colorido, com mais prazer. Mergulhei na onda inteira e passei por ela. Não sinto mais medo. Inundo-me de coragem e força, predicativas culturalmente direcionadas ao homem, e agora as tomo para mim, sem guerra dos sexos e dos gêneros, com delicadeza e parceria.

Realizei a terceira entrevista com Maria, mais centrada em mim e tal fato foi um diferencial, pois senti que estou em paz comigo. Inteira. Não pretendo fazer parte de movimentos feministas e levantar bandeiras em prol das mulheres vitimizadas e abaixo os agressores (pelo fato de não concordar com essa perspectiva). Quero continuar aprendendo e conhecendo esse universo do pesquisar, esse universo que remete o pesquisador ao seu próprio vivido e através dele a possibilidade de melhor apreensão do fenômeno e de alguma forma, até quem sabe ir às praças, contribuir para o fortalecimento de escolhas amorosas mais saudáveis em sua existência, quer através da pesquisa, da psicoterapia, da vida.

Agora eu me autorizo escrever. Agora eu posso. Agora eu quero. Agora eu estou me apaixonando pela pesquisa. Eu não sei fazer sem estar envolvida inteiramente. Agora estou inteira, íntegra. Revelo-me.

Wanderléa Bandeira Ferreira (Wanda)